

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – ICHL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS

“Artesãos e artífices no século XXI”-  
Sua contribuição na relação entre homens e artefatos.

Luciana Soares Vêras

MANAUS/AM  
2015

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

V476a Veras, Luciana Soares  
Artesãos e Artífices do Século XXI : Sua contribuição na relação  
entre homens e artefatos / Luciana Soares Veras. 2015  
123 f.: 31 cm.

Orientador: Dr. Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto  
Orientador: Dr. Marcelo Bastos Seráfico de Assis Carvalho  
Coorientadora: Dra. Marilene Corrêa da Silva Freitas  
Coorientador: Dra Maria Izabel Vale  
Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Artesão e Artífices. 2. Sociologia do trabalho. 3. Cultura. 4.  
Habilidade. I. Pinto, Dr. Ernesto Renan Melo de Freitas II.  
Universidade Federal do Amazonas III. Título

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – ICHL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS

“Artesãos e artífices no século XXI”-  
Sua contribuição na relação entre homens e artefatos.

Luciana Soares Vêras

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS/UFAM, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Sociologia

Orientador: Dr. Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Profº. Dr. Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto**  
**Universidade Federal do Amazonas – UFAM**

---

**Profª. Drª. Marilene Corrêa da Silva Freitas**  
**Universidade Federal do Amazonas – UFAM**

---

**Profº. Drª. Izabel Valle**  
**Universidade Federal do Amazonas – UFAM**

MANAUS/AM  
2015

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p.05
CAPÍTULO 1 – Cenário Histórico do Objeto.....	p.10
1.1 – O artesão conforme Durkheim.....	p.11
1.2 – O artesão conforme Weber.....	p.16
1.3 – O artesão conforme Marx.....	p.26
1.4 – Da habilidade.....	p.31
1.5 – Painel Histórico Moderno e local.....	p.38
1.6 – Amazônia: Formação Social e Econômica.....	p.44
CAPÍTULO 2 – Os Técnicos Eletrônicos como resultado do processo de tecnificação do mundo vivido.....	p.49
2.1 – O cenário do Técnico eletrônico hoje.....	p.53
2.2 – Dados do IBGE.....	p.57
2.3 – Perfil dos Técnicos e entrevistas.....	p.65
2.4 – O consertador de beira-de-esquina e o trabalhador autônomo segundo Ricardo Antunes.....	p.73
2.5 – <i>Bricoleur</i> moderno.....	p.80
CAPÍTULO 3 – A articulação nos processos macro e microestruturais que contribuem para a formação dos movimentos alternativos de produção não capitalista.....	p.89
3.1 A Indústria de Reciclagem.....	p.92
3.2 A Indústria de Reciclagem em Manaus.....	p.97
3.3 Os Serviços dos Técnicos Eletrônicos como prolongamento do capital .....	p.98
Considerações Finais.....	p.109
REFERÊNCIAS.....	p.118

## INTRODUÇÃO

---

Diante do seu lugar de trabalho, neste cenário a imagem de um homem em um ambiente cheio de peças que preenchem estantes e a parte aérea do lugar aparentam o aspecto de uma mercearia. Um lugar onde o descartável, o lixo, constitui uma real peça de decoração.

Peças de múltiplas funções, cores e tamanhos preenchem todos os espaços, nelas espalhadas caixas abertas, aparelhos em uma bancada e outros produtos que habitam o lugar temos: televisões abertas, videocassetes, ventiladores, toca-discos, aparelhos de som, computadores, e dentre outros equipamentos esperando por conserto.

E claro, as ferramentas estão por todos os lugares: óculos de precisão, ferro de solda, medidor de tensão, chaves de fenda de todos os tamanhos e diversos parafusos, espelho, pinças, torno, pranchas de madeira para apoio, tamboretas, lâmpadas, tubos de imagem, placas das mais diversas e etc, enfim este lugar se chama oficina.

É neste lugar que encontramos o sujeito deste estudo em questão: o técnico eletrônico. Possuidor de uma técnica e adestrado diante das mais variadas situações em que seu serviço é aplicado para resolver um defeito. A sua dedicação para que o serviço seja bem feito e o cliente satisfeito, faz toda a diferença dentre o trabalhador na linha de produção e este que detém o seu tempo.

A ligação deste homem, o técnico-eletrônico com a razão pré-tecnológica<sup>1</sup> e a tecnológica: é a própria técnica; esta mesma, constitui-se em uma intervenção humana, por ele desenvolvida e controlada durante todo tempo. Este trabalho que envolve o sujeito citado e o processo que o une às duas lógicas, portanto, tem por objetivo principal entender o artesanato industrial contemporâneo. Relembra a casa como lugar não só de moradia, mas como reprodutor social em todas as dimensões do humano.

Pela perspectiva de uma sociologia do trabalho, é um trabalhador autônomo, que se enquadra no amplo campo dos serviços e ainda um indivíduo que ocupou um lugar no chão de fábrica, mas com o movimento de reestruturação produtiva que faz parte do excedente excluído no enxugamento da empresa. No entanto, este indivíduo está ocupando um lugar importante no movimento de reestruturação do capital, de forma a remontar o período em que

---

<sup>1</sup> Classificação dada por Herbert Marcuse em sua obra 'Ideologia da Sociedade Industrial' (1969). Nesta obra, Marcuse levanta hipóteses contraditórias acerca da sociedade unidimensional, a saber: "a de que a sociedade industrial desenvolvida seja capaz de sustentar a transformação qualitativa durante o futuro previsível; e a de que existem forças e tendências que podem romper essa contenção e fazer explodir a sociedade". (p.18)

profissionais trabalhavam em suas oficinas com suas ferramentas, e são eles o artesão e o artífice.

O artesão da época industrial, em uma primeira observação de campo, pode ser definido como alguém que conhece o produto antes e depois de sua passagem, e no processo de produção e antes e depois do produto ser consumido no mercado. Tal significa que este artesão, em definição, era parte do chamado chão de fábrica; Parte da divisão técnica do trabalho do produto em elaboração. Fora do chão de fábrica este artesão especializou-se em consertos em adaptações e readaptações de peças destes mesmos produtos, o que lhe exige um conhecimento especializado deste próprio processo.

Ainda que tenhamos encontrado dificuldades na definição do sujeito desta pesquisa, nos debruçamos na tarefa para defini-lo diante de seu mundo vivido. De acordo com as observações de campo, ele está ora dirigido para aplicação de seu serviço, ao consumidor imediato, aquele que pode repor o produto ou parte dele, ora para um consumidor de classe social menos favorecida ou com limitações econômicas, e que precisa de conserto ou readaptações do produto.

Os produtos industriais que sofrem intervenção deste tipo de artesão/artífice tecnológico são as televisões de tubo de imagem, toca-discos, vídeo-games, aparelhagem de som, ventiladores, ar-condicionado, carros entre outros. Vistos pela dinâmica capitalista do mercado atual são descartáveis e substituíveis por novas tecnologias. Vistos na ótica do usufruto do produto são objetos perfeitamente reutilizáveis, aproveitáveis, readaptáveis em vários níveis de exigência: o do colecionador, o do consumidor e do técnico que possui o conhecimento prático de seu funcionamento. Esta é a expressão imediata e sensível deste técnico industrial. Sua expressão fenomênica e o seu processo de formação correspondem às explicações científicas de outros níveis na tradição das ciências sociais.

Em Marx (1996), o trabalho artesanal é abordado como processo de trabalho anterior e posterior ao trabalho da manufatura livre, e posteriormente ligado à indústria e à transformação do trabalho em mais valia. A imaginação, o controle da técnica e da matéria prima, o produto do trabalho do artesão, ainda não estão subsumidos na apropriação do processo de trabalho pelo capitalista. O artesão da indústria depende totalmente dos fluxos impostos aos sistemas produtivos e pelas regras da economia capitalista em larga escala. Dimensões destes processos da inteligência e uso do trabalho em Marx serão desenvolvidos no âmbito desta dissertação.

Em Weber (1984), o artesanato é uma ação humana proveniente da organização do trabalho como saber especializado que se forma por relações de aprendizagem de tradições

familiares e associativas e estamentais. A cultura do trabalho preside os processos de transmissão dos ofícios que correspondem a uma tradição de controle absoluto dos processos técnicos, do tempo necessário a elaboração de um trabalho, da concepção ao resultado final. Corresponde também a um lugar determinado, de acordo com sua localização na comunidade que se insere, seja ela de prestadores de serviços para a comunidade ou para a indústria.

O mestre artesão é artista e artífice vocacionado ao exercício de seu trabalho, como virtude que a dedicação aperfeiçoa pelo talento e pela experiência; senhor e operador do conhecimento, protetor e proprietário da técnica que transforma a matéria prima em produto acabado. Nesta pesquisa, a teoria da cultura do trabalho e de suas implicações na formação de grupos estamentais e patrimoniais em Weber podem acrescentar, por aproximação de um tipo ideal na categorização, esclarecimentos fundamentais à compreensão do artesanato industrial contemporâneo.

Marx e Weber serão estudados e examinados no conjunto de registros de Maurice Dobb e Perry Anderson. Perry Anderson contribui com o estudo da formação do Estado Absolutista. Período histórico importante para a observação da queda da servidão e o aparecimento, por exemplo, da burocracia, exército, dentre outras categorias importantes na formação do Estado moderno. Maurice Dobb, em a “Evolução do Capitalismo”, aborda a passagem do artesanato para a indústria, localizando dentro do processo histórico o desenvolvimento do mercado de serviços, o técnico e a técnica.

Logo, que a técnica é um processo de conhecimento onde passa a ser um adjetivo do indivíduo. Este indivíduo cumpre uma ação que transborda no movimento dialético entre o indivíduo, a técnica e as condições de existência. Ainda que este conhecimento tenha sido patenteado, está sobre domínios, não está parado, mas em movimento com a ação do trabalho. É através deste movimento que temos o nascimento da tecnologia.

O trabalho como parte constitutiva importante deste movimento. E é através desta categoria que o indivíduo não é totalmente substituído pelas máquinas como a burguesia gostaria. Mas, como parte imanente e indexada do capitalismo atual, no processo de prolongamento exterior e autônomo da indústria. Sua permanência é fundamental para a sobrevivência e manutenção do sistema.

Ainda como parte constitutiva deste estudo, a sociologia do trabalho caracteriza o perfil do artesão industrial foco desta pesquisa. Tal caracterização nos permite examinar o lugar do artesão industrial no trabalho contemporâneo, o processo de constituição do seu artesanato como serviço dentro da fábrica, e o processo de transformação do artesão industrial

em trabalhador por conta própria, fora do chão de fábrica, e na condição imposta pela reestruturação produtiva.

Deste modo, uma imersão no estudo sobre as formas históricas de recrutamento, uso e descarte da força de trabalho é importante para explicar como o artesão se converte em trabalhador industrial, depois de ser subsumido é descartado como mão de obra e ofício obsoletos, até à situação em que reemerge no mercado industrial como trabalhador autônomo e como responsável por um conjunto de setores essenciais para a circulação, consumo e o emprego de determinadas mercadorias.

E diante deste cenário, e nas palavras de Herbert Marcuse (1969), que observamos a existência do trabalho técnico entre uma Razão pré-tecnológica e uma Razão tecnológica, como uma peça que une o ontem e o hoje. Supõe-se neste estudo que o técnico em eletrônica é componente na cultura contemporânea do trabalho, mesmo estando fora do chamado chão fábrica. Neste sentido, são uma forma de “apêndice” da indústria.

Dentro da tradição marxiana, o sujeito da pesquisa realiza a abstração real e algumas vezes formal, dependendo das formas como apresenta seu trabalho até as duas ao mesmo tempo. Moldando-se diante das descobertas científicas, das mudanças sociais, políticas e econômicas, o trabalho técnico e o seu artesanato posicionam-se como parte da engrenagem do desenvolvimento do capitalismo em diversos momentos.

Desta forma, o conjunto das transformações do mundo da vida *paripassu* com as mudanças de reestruturação no modo de produção do mundo capitalista tem perpetuado sua existência. Portanto, examinaremos como este indivíduo permanece e se adapta à todas as transformações do capitalismo. No movimento dialético entre o trabalho do indivíduo, a técnica e as condições de existência passam por transformações e mudanças em curso.

É neste ponto que Vilém Flusser (2008) nos diz que os aparelhos emanciparam a sociedade da imaginação profunda, propondo novas significações para as relações dos instrumentos e aparelhos produzidos pelas tecnologias e a sociedade e os indivíduos. Mas, a discussão sugerida por ele envolve a emancipação das máquinas que passam a usar seus usuários. Por exemplo, a máquina fotográfica é utilizada apenas em parte pelo fotógrafo que não conhece o seu sistema de funcionamento e sua tecnologia. As máquinas, portanto, definiriam o seu modo de trabalho aos seus usuários.

O conhecimento/técnica quase sempre esteve em mãos de poucos e o que num período pelo menos até início da idade média estava envolto de mistérios, crenças e segredos. Durante a idade média já se torna prática diária para a sobrevivência (a indústria têxtil doméstica) e no início da modernidade este conhecimento se torna promessa de resolução das dificuldades e a

promessa de emprego para a classe pobre. Muito embora, as classes dominantes entendam ter tomado posse do conhecimento, o enclausurando em alguma estrutura, parecem não compreender que precisa estar em movimento para desenvolver, ou o fazem sem consciência.

À medida que o mundo vai se objetivando, e a racionalidade reificando todo o mundo vivido, a instrumentalização da vida torna-se prática de técnica e técnica prática formando especialidades e especializações. Com isto, além de ferramentas e utensílios para o auxílio e desenvolvimento de atividades diárias, o homem projeta máquinas. Máquinas que prometem melhorar e resolver antigos infortúnios da vida humana, promessa de felicidade que precisa de manutenção periódica.

Falar sobre a ‘Condição Humana’ deste sujeito histórico nos reporta a Richard Sennett (2009) e Hannah Arendt (2008). No Artífice, Sennett quando aborda Arendt, exalta sua contribuição primordial que é a constatação que “o processo político é equiparável à condição humana de trazer ao mundo e depois deixar partir os filhos que criamos” (p.16). Aludindo que os interesses políticos sempre estiveram de acordo com os interesses do capital.

Ora, partindo de algo bem próximo ao “burro de cargas” para um homem que “faz/fabrica”, esses indivíduos nos apresentam o processo histórico longo que a humanidade teve que passar. Inclusive, para a burguesia se tornar detentora de conhecimento, teve que estar ávida em continuar buscando-o e o protegendo de outras sociedades. E isto envolveu guerras e tratados políticos.

Desse homem que ‘fabrica’ para o homem com habilidade industrial, o processo de trabalho aplicado e aperfeiçoado em maquinário e matéria-prima que já não vai mais *in natura* para a linha de produção, se multiplicou em transformação da matéria-prima inúmeras vezes. De forma que dentro da fábrica o processo acelerou-se equiparativamente ao ritmo das máquinas. Por outro lado, ainda existem os que possuem habilidades artesanais.

Para Sennett (2009), quando se fala em habilidade artesanal, se remonta a um estilo de vida que aparentemente não existe mais. No entanto, para este autor é completamente enganosa tal ideia. Muitas profissões ainda resistem bravamente, mas com outra conotação – a de mercado. A de mercado especializado no qual o consumidor vai procurar o relojoeiro, o restaurador de móveis, de porcelana, e etc. O aprendizado nessas profissões às vezes precisa de cerca de 20 anos, por exemplo, o alfaiate de ternos, o luthiers, a costureira, ourives, entre outros.

Uma das teses que este autor nos apresenta é que para trabalhar bem, todo artesão precisa aprender com essas experiências, na prática diária de situações diferentes no ofício para que possa ser considerado um bom profissional. E a outra seria um conjunto de estudos

aplicados. Observando essas teses na instrumentalização do conhecimento técnico para o mercado e o mundo vivido, estudamos os Artesãos e Artífices do Século XXI.

Com Sennett (2009, p.30) ainda, enumeramos outras características de um artesão que difere de um trabalhador de chão de fábrica: o engajamento em consertar - refazer peças, substituir por outra de outro modelo, etc; “a habilidade artesanal se baseia em um alto grau” de experiência e perícia – sua experiência no conserto de determinadas marcas/equipamentos os fazem expert naquilo em que trabalham.

Muito embora, a indústria tenha “se apossado” de algum conhecimento do homem, este ainda é detentor de poder criativo, e com limitações, ainda presta uma contribuição criativa no processo produtivo. Tornando-se um potencial vetor de contribuição para a fabricação de mais-valia em termos marxianos, para a contribuição de uma produção do capital, repetindo práticas de produção até hoje existentes.

A tecnologia tendo a promessa mirabolante de libertação, parafraseando Álvaro Vieira Pinto (2005) e ainda Marcuse (1969), o que na verdade é apenas um engodo, pois ficamos cada vez mais dependentes dela para viver. Portanto, este estudo objetiva compreender o papel histórico que o técnico eletrônico, no qual faz parte, e ainda de uma maneira geral contribuir na Sociologia do Trabalho com o estudo do mercado informal.

No primeiro capítulo tem por objetivo remontar um quadro histórico, político e social da formação desta categoria de trabalhador. Analisando o instrumental teórico da Sociologia Clássica e Contemporânea, assim como os autores regionais que elucidam a região Amazônica no processo de industrialização e globalização.

No segundo capítulo, tem por objetivo apresentar a pesquisa de campo. Trataremos da condição humana deste técnico, como resultado do domínio da técnica e das formas de instrumentalização do mundo vivido. Colhemos alguns dados do Censo do IBGE 2010 para observar a distribuição na cidade de Manaus. Analisando entrevistas de histórias de vidas de quem já trabalhou no Distrito industrial no início de sua implantação, e que sobrevive de conserto; comparando com a nova geração que também trabalha com conserto e manutenção em uma nova configuração.

No terceiro capítulo, tem por objetivo apresentar um breve ensaio, analisando a indústria de reciclagem, suas dimensões e aplicabilidades em outras áreas de atuação. O artesão/artífice de outros ramos de conhecimento sem ser o eletrônico. Observando que o prolongamento da indústria se faz necessário para sua própria sobrevivência.

## Capítulo 1: Cenário Histórico do Objeto

---

O que faz o indivíduo ser um artesão? O que caracteriza o indivíduo como um artífice? De acordo com o Dicionário de Língua Portuguesa da Editora Porto, Artesão é “o indivíduo que exerce uma arte manual frequentemente por conta própria”. E, Artífice é “a pessoa que exerce uma arte mecânica”. No entanto, existem outros atributos que compõem esta profissão como características marcantes deste profissional que mesmo em transformação evolutiva, estas características permanecem.

Dentre os atributos estes profissionais possuem destreza nas mãos. Nelas há, o que Richard Sennett (2009) chama de “virtudes manuais”. Sua habilidade está no aperfeiçoamento da utilização de suas ferramentas o que gera experiência após um determinado tempo. Neste sentido, seu aprimorar é um processo dialético do artesão com sua ferramenta que resultam em tradução de perspicácia e experimento.

Estes profissionais possuem ferramentas e deles distinguem as melhores. É com elas que lidam os reparos. Em Sennett (2009, p.223), quando cita o sociólogo Douglas Harper que “considera que fazer e consertar formam um todo único; sobre os que fazem ambas as coisas, ele escreve que detêm um ‘que lhes permite enxergar além dos elementos de uma técnica, alcançando seu propósito e coerência globais’.”

Neste momento vemos as condições para este trabalho precisam estar de acordo. As ferramentas, a experiência para poder usá-las de forma eficiente, assim alcançando o objetivo de atender a necessidade do cliente. Portanto, remontando esta breve leitura temos uma forma “de inteligência viva, sintonizada de maneira falível com as circunstâncias concretas da vida”. (idem)

Outro atributo, observado ora pela literatura, ora pela observação em campo, o que os caracterizam é a determinação em fazer um trabalho bem feito. Obviamente, que péssimos profissionais encontramos em quaisquer área e lugar, mas encontram-se o Artífice e o Artesão, provavelmente um dos poucos profissionais que detêm uma ética própria deles que permanecem no mercado até em nossos dias. O orgulho de sua profissão é resolver problemas do dia-a-dia, enfrentando novos desafios com o conserto de máquinas diferentes.

E por último, a parte mais importante deste todo, a técnica. Entendendo que é todo aquele compêndio de conhecimento adquirido aos pés de um mestre como outrora, ou ainda nos cursos profissionalizantes que já fizeram tanto sucesso nas décadas anteriores. Ficaremos com o entendimento de Álvaro Vieira Pinto (2005, p.220/221):

Há sem dúvida uma ciência técnica, enquanto fato concreto e por isso objeto de indagação epistemológica. [...] Se a técnica configura um dado da realidade objetiva, um produto da percepção humana que retorna ao mundo em forma de ação, materializada em instrumentos e máquinas, e entregues à transmissão cultural, compreende-se tenha obrigatoriamente haver a ciência que o abrange e explora, dando em resultado um conjunto de formulações teóricas, recheadas de complexo e rico em conteúdo epistemológico.

Este *know how*, na qual, o Artífice e ou Artesão compete a aplicação, tem sentido com o desenvolvimento do conhecimento da cultura de um grupo humano. Este desenvolvimento irá retratar o seu acúmulo e a dialética que possui nesta evolução. Logo, não há técnica sem o indivíduo que a aplica. Porque a técnica não permanece a mesma, não é estática, mas, há uma continuidade que acompanha o indivíduo nas circunstancia históricas no qual está inserido.

Vejamos então, de acordo com os pais da sociologia esta evolução. Destarte, não nos reportaremos ao ponto em que o homem segurou sua primeira ferramenta, o *homo sapiens*. Mas as transformações significativas históricas, sociais, políticas e econômicas que compõem o desenvolvimento e a construção cultural e técnica que na qual possuímos hoje.

### 1.1 O artesão conforme Durkheim

O indivíduo como ser social e produto de uma sociedade que é moral, resulta nas palavras de Émile Durkheim de “uma vida social derivada de uma dupla fonte: a similitude das consciências e a divisão do trabalho social” (2008, p.216). O indivíduo então resulta da socialização no seio coletivo, confundindo-se aos seus semelhantes, e ao mesmo tempo distingue-se dos outros por suas fisionomias e atividades pessoais.

De forma que, como Durkheim observa a sociedade como um organismo vivo, onde cada órgão é uma instituição e cada indivíduo possui uma função específica e complementar importante na vida social. Esta dinâmica faz sentido nas sociedades anteriores ao capitalismo e na consciência de gerações que tinham claro seu papel social diante da família e da sociedade.

Portanto, na vida social, a divisão do trabalho dá origem a regras jurídicas consequentes dos usos e costumes a uma ordem que Durkheim pontua ser a corporação de funcionários. Estas regras da moral e do direito profissional são imperativas, pois não são do indivíduo, mas de interesses superiores aos seus, das corporações de ofício.

Neste sentido, sendo a sociedade moral uma sociedade dita organizada, os membros que a compõe possuem direitos e deveres. No entanto, estas regras de conduta durante muito tempo estiveram referidas às condições comuns de vida e ligadas intrinsecamente às diferentes formas de atividade profissional, portanto, possuindo um caráter temporal e marcado pelas mudanças e transformações impostas pelo capitalismo.

Quando Durkheim descreve a solidariedade orgânica, ele assinalou que Spencer já abordava que cada indivíduo possuía o seu lugar na sociedade, dependendo da profissão que exercesse. Na visão do Durkheim, a sociedade industrial possuía duas características: é espontânea, não precisa de aparelho coercitivo para produzi-la ou mantê-la; e na esfera da ação social se estreita, cada vez mais se estreitariam interesses ao ponto de não intervir nos assuntos alheios. Resultando em livre troca através do contrato.

De forma que, para Durkheim, é preciso chamar contratual todo procedimento do homem que é determinado pela coerção (2008, p.188). Baseadas em interesses diversos tipos e intermediados pelo aparelho do direito. Assim, quanto mais simples e primitivo um código, menor o seu volume. O que não quer dizer menor em importância, mas quanto maior e complexo, estará para regular as relações sociais do que para impor, afrouxando-se nestes termos a disciplina social.

Durkheim examina e divide o controle em positivo e negativo (quer seja para ordenar, ou para punir) se contrapondo a Spencer, pois afirma que o contrato se desenvolveu ao mesmo tempo e depois exemplifica com o direito doméstico. Dessa forma, ao mesmo tempo que as relações domésticas se tornam numerosas assumem um caráter público. Ao passo que o direito restitutivo ganha dimensões públicas abrangentes que intervêm no caráter repressivo do direito até então.

Para Durkheim essas relações não tem o papel contratual de origem e ainda diminui progressivamente. Portanto, a relação segmentaria, a saber a família, vai se modificando. O

que é por algum tempo a base das relações sociais. Neste ponto, o público e o privado ainda estão se constituindo como conhecemos hoje, passando por reformulações, principalmente com o aumento do poder do cristianismo através da instituição igreja.

Tanto é, que um grande exemplo disso, é a mudança do caráter do casamento após o Concílio de Trento e ainda pela Lei do imperador Leão que converteu esse uso para o Oriente, ganhando um caráter civil e religioso, não mais baseado apenas na presença e vontade de testemunhas particulares, mas ainda pela benção de um sacerdote autorizado pela igreja.

A princípio a família se confunde com o clã, e em seguida permanece autônoma, mas é atraída pelos órgãos encarregados de funções especiais, tudo acontece nela e é suscetível de repercussão. Muito embora nem tudo seja contrato, mas os que são, são desejados por ambas as partes sem ter outra origem a não ser esta livre vontade.

Durkheim não deixa de mencionar os contratos solenes e os códigos que irão organizar a vida social como um todo na passagem do direito repressivo para o restitutivo, pois viver em sociedade é depender da união uns dos outros, tendo como consequência da divisão do trabalho. Contudo, é necessário que sejam estabelecidas as condições dessas relações para sua duração.

Neste sentido, a lei nos obriga a cumprir obrigações que não podemos nos desviar ou deixar de cumprir parcialmente. Logo, predeterminando o que podemos cobrar e o que da mesma forma sermos cobrados do que precisamos cumprir. Nos tornando conscientes dos limites sociais que as regras escritas estabelecem, mas que foram consagradas e internalizadas socialmente.

Da mesma forma que o direito exerce uma pressão organizada e definida por costumes, de outra forma o faz no trato das obrigações profissionais – de acordo com Durkheim, ‘puramente morais’ -. De um modo geral a sociedade fornece força para que seja cumprido e que de igual modo seja a vontade de ambas as partes para cumpri-la, possuindo sua regulamentação uma origem social.

No entanto, para Durkheim o contrato de trabalho é uma forma de natureza positiva, discordando de Spencer, que a vê como negativa. Ainda que Durkheim observe que para o trabalhador não é simples de conseguir um contrato que tenha benefícios, estando sempre em notável desproporção. Como ocorre na relação de trabalho entre trabalhador e empregador.

É importante compreender o caráter do trabalho, e no que ele implica na vida social do indivíduo. Sendo sua natureza a chave para a compreensão do fazer ou mesmo da “habilidade artesanal”, parafraseando Sennett (2009, p.19), ser uma determinação humana singular que determinará o empenho e a execução de um trabalho eficientemente bem feito.

O que é o trabalho, senão um esforço físico e mental aplicado com elaborada técnica sobre matéria extraída da natureza. Assim, trabalho é por excelência o início do caminho para o conhecimento sobre a natureza e sobre si mesmo. Por sua relação dialética, entre indivíduo e objeto se desdobram o conhecimento de si, do objeto e do processo de transformação do objeto que se aprimora a cada vez que é feito.

De acordo com o Dicionário de Trabalho e Tecnologia de Cattani e et al (2011, p.385):

[...] Natureza, trabalho e conhecimentos são conceitos essenciais para pensar o ser humano. Como ser vivo, o homem integra a natureza. O homem, como ser social consciente de si e de seu entorno, exerce sobre a natureza uma ação deliberada visando satisfazer suas necessidades. Nessa ação emprega suas qualidades naturais (força vital) opondo-se a matéria da natureza, modificando-a. Assim, podemos definir o trabalho como a ação do homem (parte), sobre a natureza (todo), que tem como pressuposto a consciência (conhecimento). Todo trabalho é ação consciente, parte de um objetivo (satisfação de carências), e evolui de acordo com um plano.

E mesmo com as demandas do capitalismo, das quais o ser humano precisa trocar trabalho por dinheiro para poder sobreviver, subvertendo a ontologia do ‘ser’ pela do ‘ter’. Antes o homem na objetificação do seu trabalho, ou seja, no empenho, na habilidade e na avaliação do seu jeito de fazer, ele era ‘ser’. Tinha um valor representativo social, como ser e autor de sua história. De acordo com sua técnica e conhecimento adquiridos do seu meio social.

Formando assim o que o Sennett (2009) e Gilberto Dupas (1999) vão chamar de *bildung*, do alemão que significa “formação”. Na compreensão desses autores este entendimento se amplia quando buscamos sua raiz no alemão (*Kultur + Aufklärung*), isoladamente cada termo significa cultura e esclarecimento. Portanto, podemos observar que as sociedades tinham no seu desenvolvimento um arcabouço de conhecimentos, dos quais constituíram técnicas de produção, que formaram grupos identitários de artesãos e artífices.

O termo *Aufklärung*, utilizado por muitos filósofos alemães, como Kant, para definir o movimento francês do iluminismo, definindo a busca do ousar conhecer neste período, se tornou a libertação do controle e poder da igreja naquele momento. O ‘esclarecimento’ como algo diferente do que a igreja impunha, um conhecimento desenvolvido por técnica e comprovado por pesquisa, gerando uma teoria. Nasce a ciência ocidental. O que é bem diferente do conhecimento artesanal do qual estamos falando.

Sabendo que o processo de conhecimento da técnica passou por vários estágios históricos e sociais, vejamos primeiro o entendimento de técnica, segundo a filosofia:

A palavra *técnica* vem do grego *téckne* e corresponde, em latim, à palavra “*ars*”. Da antiguidade até o século XVIII de nossa era, uma arte uma técnica, um expediente para utilizar a natureza em favor dos humanos. Somente a partir do século XVIII diferenciou-se a arte da técnica: a primeira tornou-se o conjunto das belas-artes (pintura, escultura, música, dança, teatro, literatura) e a segunda a ação humana para

transformar e dominar a natureza por meio de instrumentos e máquinas. A identidade antiga entre a arte e técnica é o que permanece quando usamos as palavras *artificial* e *artefato* para indicar coisas não naturais. (Marilena Chauí, 2010, p.8)

Diante deste entendimento, a técnica como principal ferramenta de transformação da natureza, torna-se fundamental para o mundo do trabalho, quer seja o trabalho dentro da fábrica ou fora dele. De forma que, a própria técnica se desenvolveu e passou a ser refinada dentro do processo histórico e social. Muito embora com o surgimento das instituições de ensino, absorveram uma parte deste conhecimento em ciência, o conhecimento que hoje conhecemos por tradicional ou artesanal permaneceu desenvolvendo-se.

Na idade média o artesão tinha o seu conhecimento, e seu local de trabalho – o que nem sempre era a oficina em sua casa – mas um lugar onde trabalhava com suas mãos. Ele se organizou de diversas formas seja em *erganstérios*, associações, guildas.

Num segundo momento, estas formas estavam ligadas ao acesso de matéria prima e aos mercados. A política e as formas de organização social e econômica começaram a fazer toda a diferença, pois a posse de monopólios desdobrava-se em acessos ao desenvolvimento de uma indústria nascente, mas ainda presa aos costumes e tradições fortemente arraigados socialmente e politicamente constituídos. Inclusive no trato do conhecimento e da transmissão deste conhecimento para as novas gerações.

Na passagem deste conhecimento entre gerações, Sennett aborda a importância que os jogos e as brincadeiras tiveram na Europa pré-moderna. Lembrando que autores como Freud e um estudo de Johan Huizinga em *Homo Ludens*, que traça uma linha divisória temporal. Neste volume, segundo Sennett, fala que os adultos se divertiam com os mesmos jogos e brinquedos que as crianças, no entendimento de Huizinga, “a dureza da Revolução Industrial levou os adultos a deixar de lado seus brinquedos; o trabalho moderno é ‘sério demais’.” (SENNETT, 2009, p. 301).

A situação do jogo, na análise de Huizinga, desenvolve a capacidade de pensar, a compreensão ao seguimento de regras, a constituição e o aprofundamento da coesão social, e principalmente o trato do manuseio de materiais diversos. Desenvolvendo a habilidade de mãos e dedos com universos amplos de materiais como madeira, couro e ferro, materiais dos brinquedos deste período.

Outro autor citado por Sennett é Erikson, freudiano e de acordo com a escola das “relações de objetos” de D.W. Winnicott e Jonh Bowlly que enfatizam que o trato com materiais desenvolve a capacidade de: “projeção de objetos inanimados, de antropomorfização que tem prosseguimento na vida adulta, e ainda a capacidade de testar a

veracidade dos objetos”. Eles explicam que, por exemplo, quando uma criança arranca o olho de um urso de pelúcia não está necessariamente expressando agressividade, mas testando o quanto ele pode ser real. Antes da revolução industrial, o trabalho de um artífice aplicado em matéria bruta com sua técnica e dedicação resultava que a matéria prima “chegava a ganhar vida”, aos olhos do mundo.

Neste sentido, o jogo faz com que o ‘fio do ofício’ se torne claro, principalmente na absorção de regras, e assim também como na sua alteração e complexificação. É a partir da aprendizagem dessas regras, na vida adulta, esta complexificação se torna trabalho, derivado a partir dessas capacidades. Logo, rompendo com esta forma de transmissão de conhecimento, as escolas passaram a sobrecarregar-se em responsabilidades no desenvolvimento dessas habilidades.

Ainda que seja uma visão nostálgica deste autor, nos evidencia a importância da relação entre pais e filhos no passar de conhecimento, no sentido amplo, e ainda de como a Era Industrial interrompe bruscamente a cultura de povos antigos nesta relação do cotidiano com a natureza e sua transformação e reelaboração técnica desta *bildung*. Por outro lado, se unirmos a isso as inovações tecnológicas e técnicas, explica como alguns produtos nos nossos dias tornaram-se campeões de vendas como o celular.

A fase da Primeira Revolução Industrial foi um momento historicamente importante e dialeticamente impositivo, para a massa de trabalhadores que ainda estava na condição de escravos e ora estavam na condição de trabalhadores ‘livres’ ou operários. No entanto, eram dependentes de empréstimos para poder sobreviver e trabalhar nas propriedades/indústria doméstica. O que tornou possível seu acontecimento foi exatamente os trabalhadores livres e artesãos.

Neste período histórico, o artesão é detentor e possui o desafio diário da reprodução técnica, tendo apenas como aliado sua criatividade, habilidade e ferramentas. De fato, o espaço do poder criativo dentro da técnica é ilimitado neste momento. E também, porque o processo de patentes (posse registrada de um conhecimento técnico determinado) apenas aparecem na história bem depois.

## 1.2 - O artesão conforme Weber

Da mesma forma que o artesão desempenha diversas atividades dentro da oficina, de acordo com as necessidades ou com as orientações do mestre, as ferramentas também nesse período foram desenvolvidas para diferentes atividades. O que pode ser exemplificado com

diversas situações e segmentos da época, como a relojoaria e a indústria do vidro, de maquinarias desenvolvidas nesse período. Destarte apontando ele como um dos vetores de desenvolvimento da indústria moderna.

Diante disso, para Maurice Dobb (1965), o capitalismo sempre existiu, mas com formas de organização, exploração e em graus diferentes. No entanto, Max Weber (1968) nos mostra que a divisão por profissões sempre existiu. Entendendo que profissão em suas palavras quer dizer “prestação continuada de serviços, por uma pessoa para realizar uma finalidade consultiva ou de lucro” (p.16). E é neste período em que a indústria doméstica começa a dar seus primeiros passos.

Aliás, Weber (1984, p.389) relata que através da existência da estrutura social dos artesãos é que o cristianismo conseguiu expandir-se com facilidade. Aliava a crença aos cuidados do mestre de ofício, com características profundas campesinas que ganhava contornos mágicos a partir da fé e na ética do trabalho desenvolvido nas oficinas e posteriormente nas associações.

Weber (1968, p.17), apresenta tipos de articulações econômicas das prestações de serviços. Nesta classificação está composta em dois tipos: dispositivo e executivo; que para o autor se aplica a disposição sobre o bem ou de trabalho. Nesta classificação o autor nos apresenta várias formas de prestações de serviços, inclusive os com a utilização de máquinas. Para este autor, as distinções das prestações de serviços das que utilizam meios de produção farão toda a diferença no processo de oferecimento de serviços, o que implicará conhecimento técnico e a utilização de ferramentas mecanizadas.

Nestes termos, Weber (1968) nos mostra a importância do desenvolvimento dos trabalhos desenvolvidos com ajuda mecanizada, principalmente nos trabalhos do campo. Como as novidades de ferramentas vinham das cidades, mais precisamente das primeiras indústrias, o autor nos mostra que um dia a indústria serviu o campo, de forma que as indústrias deveriam atender primeiramente a gente do campo se quisessem lidar com as corporações.

O surgimento de cidades especializadas também contribuiu para a expansão do mercantilismo e ainda o escoamento de produtos, como cidades portuárias, cidades produtoras de lã e tecidos, dentre outras. Neste período, o surgimento das primeiras estradas que interligavam essas cidades facilitou a conexão comercial, estradas de pedra datadas da era romana e dos cruzados.

Entendendo que as corporações eram compostas de homens de negócios que tinham posses de grandes campos e passaram a investir em outros setores de produção.

Principalmente na indústria têxtil que despontava naquele momento. Para quem produzia algodão e tinha gado ovino, pois precisava negociar a destinação destes de forma que, tendo ele mesmo um meio de agregar mais valor à sua produção, poder oferecer nos mercados produtos acabados com o menor custo de produção possível.

E a formação destas corporações de ofícios, podemos acompanhar na história com Dobb (1965) e Weber (1968) nas obras já listadas. Dobb nos diz que o artesão aparece como um exemplo de economia natural, principalmente com a expansão das cidades e da propriedade privada. Entendendo como economia natural o comércio varejista que objetivava satisfazer necessidades pontuais dos indivíduos de determinada região.

Lembrando que os autores estão abordando a história no andamento da diluição do sistema feudal e a formação da indústria doméstica, o maior exemplo é a indústria têxtil. Que nasce e se multiplica de acordo com a distribuição de gado ovino e a disposição de uma pequena burguesia em investir em alguma ferramenta para absorver a produção de lã e aumentar seus lucros com trabalho ainda servil em alguns lugares da Europa.

Dobb (1965) atesta que o trabalho artesanal e o artesão sempre existiram, mas o autor questiona que mesmo com o comércio marítimo e outras formas de comércio expansionistas, não se explica a acumulação de capital neste período. Mesmo com a formação das corporações de ofício, guildas, associações e grêmios, neste período o autor nos apresenta pequenos artesãos com seus ofícios e grandes organizações. Ora, os donos de terras logo perceberam o desenvolvimento da indústria têxtil e passaram a se tornar também artesãos.

Esta aglutinação de artesãos, também ocorria por afinidade religiosa que caracterizava a comunidade. As relações sociais e religiosas andavam imbricadas como formas de comércio entre a congregação religiosa que consentia o dia de trabalho nos dias santos, quando era do interesse dos produtores, por outro lado era reprovadíssimo trabalhar no “dia do senhor”.

Segundo este autor, que lista alguns pontos para observação, analisaremos a argumentação que explica a acumulação do capital: A posse de terra e seu arrendamento; a importância do oferecimento de serviços; a peste negra que assolou terça parte da Europa e a técnica que aumentou a extração de mais trabalho. Muito embora a peste negra tenha aparecido em outros períodos históricos, ocorreram fases de grande mortandade da classe trabalhadora principalmente.

Assim, não foi somente a organização social burguesa e a fortificação para a conquista de direitos de classe, mas negociações e a troca de interesses políticos foram essenciais no processo de acumulação. O que determinou a exploração mercantil de determinados produtos em regiões específicas.

Para Dobb (1965), a posse de propriedade privada levou a exploração de arrendamento aqueles que não possuíam terra e dependiam desta para desenvolver o seu sustento. De forma que os camponeses que estavam fora do regime de servidão, ou seja, os trabalhadores livres tinham além de pagar caros impostos, ainda que pagar para poder trabalhar na terra do nobre. Já os servos, viviam para pagar tributos e muitas vezes pagavam em forma de serviços.

Mesmo se tratando de trabalhadores livres e servos, o oferecimento de serviços se tornou a principal moeda de troca. Aliás, Dobb (1965) e Weber (1968) comentam em suas obras as primeiras formas monetárias de negociação, inclusive o nascimento dos primeiros bancos. E junto com esta instituição financeira, a burguesia financeira, que atuava também no comércio mercantil em expansão.

Outro exemplo foi o surgimento das estalagens à beira das estradas entre os feudos. Estas ofereciam o serviço de hotel com pernoite, alimentação, troca de ferradura dos cavalos, conserto das rodas das carruagens, serviço de bar e claro, um dos comércios mais antigos do mundo, a prostituição.

A morte de trabalhadores por conta da peste negra por volta do século XV e XVI apenas fez com que o trabalho assalariado baixasse de preço, muito embora, Dobb (1965) relate que neste período fosse comum o rapto de camponeses para trabalhar em outras terras e até mesmo de fuga de camponeses servos, na tentativa de buscar novas formas e condições de trabalho em terras de outros nobres.

Para justificar a acumulação, o autor argumenta que a técnica aumentou a extração de mais trabalho, pois objetivou a produção em conjunto da aplicação e uso de ferramentas e maquinário necessário, para produção em menor tempo de produtos e serviços. Portanto, este autor defende que a separação entre matéria-prima e artesão e o estreitamento de tempo/espaço entre os dois, e mais os monopólios, foram vetores importantes na acumulação capitalista.

Para Weber (1968, p.133), o artesão está livre, mas ao mesmo tempo era “servo”, pois havia uma relação entre ele e o nobre no empréstimo de dinheiro para se poder conduzir um ofício. E esta relação, ainda que outrora fosse de “escravidão” econômica, na idade média tornando-se livres precisavam de condições financeiras para poder adquirir matéria-prima e ferramentas. Além disso, meios para poder levar suas mercadorias aos grandes mercados.

Na passagem do feudalismo para o capitalismo propriamente dito, antes da formação do Estado Absolutista o que havia, segundo Perry Anderson (1984, p.40) “era uma rede inextrincável de sobreposições e emaranhados em que diferentes instâncias jurídicas se entreteciam e estratificavam e onde abundavam vassalagens plurais, suseranias assimétricas e

enclaves anômalos”. Implicando em dizer que as relações internacionais através da diplomacia cada vez mais se desenvolviam até mesmo por conta dos altos custos com as guerras.

Neste contínuo, estamos no meio da formação do Estado Absolutista, e muitas transformações políticas e sociais. Anderson (1984) nos apresenta uma transformação tumultuada de uma aristocracia feudal para uma burguesia mercantil permeada por guerras políticas, tratados comerciais e pela ordem do dia que passou a ser a libertação de servos.

Exatamente! A necessidade de existir trabalhadores livres começou a ser pontual. Primeiro porque as unidades econômicas – os feudos – começaram a inchar e isto resultou em falta de terras para dividir com os herdeiros. Não era à toa que alguns nobres mandavam filhos solteiros para serem sacerdotes na igreja e com eles porções de terras, para que não se dividissem. Segundo, porque o sistema feudal passou a ser ao mesmo tempo mercantil e agrário.

Na Europa Ocidental, segundo este autor exatamente durante a formação do Estado Absolutista ocorreu a dissolução da servidão. No entanto, o direito consuetudinário<sup>2</sup>, ainda estava bem forte na passagem do feudalismo para o capitalismo. Período este marcado de invasões de territórios e grandes guerras para defende-los.

Já na alta idade média, Anderson (1984) relata que o Estado Absolutista Ocidental passou a adquirir ofícios, tornando-se detentor de poder econômico. Veja que neste ponto histórico o autor nos apresenta o surgimento de um aparelho econômico estatal, que servia a interesses políticos e econômicos de uma burguesia influente e economicamente ativa em sua região de negócios.

Ainda com Anderson (1984), vemos as dificuldades em se organizar um exército para conquista de novos territórios e proteção dos nobres e principalmente os altos custos com as guerras. A estratégia do Estado de então, foi promover recompensas para os burgueses que pudessem arcar com estes custos. Daí explica-se o surgimento de mercenários que vendiam seus serviços militares aos nobres. Entre essas recompensas estavam incluídos títulos de nobreza, vantagens políticas e principalmente as cartas patentes<sup>3</sup>.

Dobb (1965, p.140), também menciona as cartas-patentes e que estas foram utilizadas desde o século XIV na Europa Ocidental. Ao contrário do que habitualmente se pensa, as patentes neste período não eram especificamente para descobertas científicas, mas através

---

<sup>2</sup> Direito Consuetudinário: do latim *consuetudinarius*, direito fundado no costume, habitual. (Ferreira, 2009).

<sup>3</sup> Cartas-patentes: segundo Dobb na p. 147, era a autorização dada pelo rei para a exploração de um monopólio de um determinado produto em determinada região.

delas se constituíam grandes monopólios de produção e venda de mercadorias. A negociação desses papéis movia dinheiro e conveniências políticas. Chegando ao ponto de tirar um rei do trono porque passou uma carta-patente ao concorrente, segundo comenta este autor.

Em Anderson (1984) que nos mostra a importância que estes papéis tiveram neste período, para se ter acesso a estes papéis era necessário pagar caro, eles já naquela época tinham prazo de validade, pois se passassem de um determinado tempo sem continuar pagando pela posse da carta-patente, os ministros passavam para outros que pagassem mais. Os interesses políticos e militares, neste sentido, contribuíram para o desenvolvimento não só da indústria de bens, mas da indústria bélica, e é por isso que o serviço militar se torna uma obrigação tanto no ocidente quanto no oriente - o surgimento do serviço militar obrigatório data desta época.

O que resultava na especialização e monopólio dessas organizações de ofício na época. Assim como tinha quem explorava o campo na produção de lã, tinha quem explorava exclusivamente o couro, e quem explora o couro se unia a quem tinha conhecimento, e ferramentas para produzir os mais variados artigos em couro e assim se formavam as corporações que detinham toda uma linha de produção desde a matéria-prima.

Nestes termos, o que ia diferenciar um pequeno artesão de grandes corporações eram as cartas-patentes, pois lhes daria acesso a uma matéria-prima de alta qualidade, a possibilidade de adquirir mais ferramentas de melhor desempenho. E assim, na hora da venda com esta carta poderia se levar a mercadoria para os grandes centros de venda, pagando menos impostos alfandegários. Só com estes pontos podemos ver a distribuição de ‘classes produtivas’.

Neste ponto, Dobb e Anderson dialogam com Marx, no que se refere à um entendimento da passagem do artesanato para a indústria. No entanto, entre concordâncias e discordâncias, os quatro autores, a saber Marx, Weber, Anderson e Dobb concordam que o artesão, a técnica e os interesses políticos foram essenciais na formação social capitalista moderna. Principalmente porque são os ingredientes básicos, dentre outros da obra *O Capital*.

Weber (1968) na *História Geral da Economia*, entra em desacordo com Marx quando este autor faz diferenciação entre fábrica e oficina/atelier tratando da produção de oficina e da fábrica e seus antecedentes. Para Marx a oficina é um lugar completamente diferente, pois remete a um lugar sem incentivo financeiro e sem ferramentas mecanizadas, tratando de uma produção completamente familiar para atender necessidades pontuais.

No entanto para Weber (1968, p.160) não é possível “estabelecer uma distinção casuística sem formular certas reservas”. Ora, ele entende que a fábrica é uma exploração

baseada em capital fixo e trabalho livre e desta forma representa uma organização capitalista no processo de produção. De capital livre e fixo com empreendimento próprio e maquinários

E logo a oficina também tinha o mesmo perfil que a indústria em seus primórdios no período em que Weber está estudando, pois alguns artífices emprestavam dinheiro para financiar uma determinada produção e ainda oferecer nos mercados locais. Isto sem contar os que arrendavam terras, máquinas, ferramentas e insumos.

Weber observando a Inglaterra, aponta que já existia uma massa pobre originada dos campos, sendo esta uma razão específica de preocupação do Estado com essa gente. Assim o surgimento das fábricas através de pequenas oficinas constituindo um meio para se ganhar a vida, foi o meio encontrado pelo Estado para ocupar todos esses trabalhadores do campo que se avolumava no campo e na periferia das novas cidades por volta do século XVI.

Outro ponto a se colocar é que durante muito tempo o conhecimento técnico era passado apenas dos mestres que possuíam suas oficinas para seus aprendizes, que por muitas vezes eram filhos de nobres deixados para aprenderem uma profissão. Contudo, com o êxodo dos camponeses para as cidades, e conseqüentemente o abarrotar nas periferias das cidades, o Estado passou a utilizar deste conhecimento que deteve através das cartas-patentes.

Outra questão apontada por Marx é “a possibilidade de vendas em grande escala e em caráter permanente”. No entanto, Weber (1968) diz que o fato do mercado não se constituir permanente não é necessariamente um obstáculo. Isto sem contar que o burguês precisa ter investimento de caráter fixo e contínuo para sobreviver. Contudo há outros requisitos que fizeram o artesão camponês ser valorizado na formação desta engrenagem: ‘a técnica de produção a preço módico’.

Logo, para Weber (p.162) a função da oficina fora de dar a uma população crescente meios para “ganhar a vida”, estabelecendo as premissas da transição do sistema de oficina para a fábrica. Estas eram encontradas principalmente na formação de *oikos*<sup>4</sup>, dos quais Weber classifica com as padarias, as diferentes classes de moinhos, as cervejarias, as fundições e as forjas. Dessa forma, a força da necessidade impulsionou muitos empreendimentos, configurando a base da indústria. Assim, o desenvolvimento da técnica na exploração de matérias-primas – como minérios - fizeram surgir novos negócios.

Outro ponto de discordância entre Weber e Marx é que para Weber (p.169) a indústria não nasce da maquinaria, entendendo ele que há um fenômeno de correlação. De forma que na visão de Weber a exploração da oficina já condicionava que o operário trabalhasse em

---

<sup>4</sup> Oikos: Segundo Weber na pag. 135 é uma autarquia formada de artesãos de grande habilidade profissional.

lugar diferente de sua casa, pois o autor observa a formação das corporações, erganstérios<sup>5</sup>, guildas<sup>6</sup> e grêmios<sup>7</sup>. Portanto, o que dificultava o desenvolvimento destas era justamente os altos impostos cobrados pela nobreza.

Neste diálogo Dobb (1965, p. 16) e Weber refletem quanto a definição de capitalismo:

Como ‘presente onde quer que a provisão industrial para as necessidades de um grupo humano seja executada pelo método de empresa’, e ‘um estabelecimento capitalista racional’ como sendo ‘o mesmo que a contabilidade de capital’; além disso, usava o espírito do Capitalismo para ‘descrever aquela atitude que busca o lucro, racional e sistematicamente’.

Como já foi dito, para este autor, o artesão é um exemplo de economia natural, de forma que Weber como partícipe do pensamento intelectual alemão e principalmente que sua definição se aproxima da mesma feita por Sombart, muito embora o autor aponte aspectos e aproximação evocando algumas diferenças. Em suma, que não há novidade com o que Sombart já havia dito. Assim, Dobb critica Weber.

Num momento seguinte este autor lembra que Marx não apontava que a essência do Capitalismo estaria em um espírito ou mesmo no uso de uma moeda específica, mas num modo de produção específico. Portanto, na visão de Dobb (1965, p.19), é clara que a produção artesanal não estava ‘divorciada’ da propriedade privada, principalmente porque de maneira rústica o artesão produzia e vendia seus próprios artigos.

No entanto, o que vai fazer diferença para este autor é a utilização de empréstimos de dinheiro para movimentação de negócios, assim como uma classe financeira e a instituição bancária na forma de autorização de pagamento por via de títulos.

O que também não dá para nivelar o andamento histórico numa tábua rasa, pois não foram em todos os lugares que se desenvolveram da mesma forma, principalmente comparando ocidente e oriente. Weber (1968) e Anderson (1984) destacam as principais diferenças principalmente na organização das castas<sup>8</sup> e cúrias<sup>9</sup> que estavam presentes e poderosamente representadas por famílias ricas e influentes.

Para Weber (1968, p.273), mesmo em um sistema de castas a indústria se desenvolveu diante de três aspectos: a independência técnica – principalmente no caso da produção de carvão; A mecanização teve como principal objetivo diminuir o uso de mão de obra e através

---

<sup>5</sup> Erganstério: Segundo Weber na pag.330 é um local de trabalho; não precisa ser uma fábrica; na idade média chamavam-na de fábrica.

<sup>6</sup> Guilda: Segundo Weber pag. 332 e 327 é uma associação de comerciantes; não é uma instituição puramente germânica e ainda pode ser de comerciantes estrangeiros.

<sup>7</sup> Associações: Segundo Weber p.323 possui caráter religioso, é o mesmo que fraternidade.

<sup>8</sup> Castas: Segundo Weber p.326 sistema indiano de classes.

<sup>9</sup> Cúrias: Segundo Weber p.328 e 327, a maior classe fiscal da época.

das oficinas se ensinava um trabalho – ainda que se estivesse preso ao sistema de castas, no oriente a oficina foi o lugar para se aprender para a sobrevivência.

Ainda que para este autor um dos grandes obstáculos para o desenvolvimento das cidades no oriente tenha sido a magia, ela ficou eliminada no ocidente, de forma que a cidade ocidental se tornou não só um centro produtivo, mas a aparição de cidades mercantis. É claro que as cidades com porto marítimo se destacaram nesta modalidade de comércio – o comércio marítimo expansionista.

Anderson (1984, p. 13 e 14) já inicia sua obra dialogando com Marx, justamente por causa das colocações diretas ou indiretas que o mesmo faz referente ao Estado Absolutista. Entendendo que Anderson o questiona Marx quem o “Estado Absolutista tenha sido instrumento tipicamente burguês”. Para Anderson (p. 16), o Estado Absolutista era apenas “um aparelho de dominação feudal alargado e reforçado”.

Ele ainda explica que o estado nunca foi um “árbitro entre a aristocracia e a burguesia, ainda menos um instrumento da burguesia crescente contra a aristocracia: era a nova carapaça política de uma nobreza atemorizada”. Principalmente porque o seu poder de domínio estava se tornando difuso diante das revoltas camponesas contra a escravidão, e a necessidades de se ter trabalhadores livres para o desenvolvimento da Indústria.

Lembremos que esta discussão tem pontos de vistas epistemológicos diferentes, da historiografia e da filosofia/sociologia. Portanto, posicionaremos com Weber que entende que este processo de formação do Estado Absolutista se desenvolve de forma bem desigual entre os países, mesmo na Europa. Uns se formam estado bem tardiamente.

Ou seja, em muitos países o modelo é industrial típico (Inglaterra) não se desenvolveu logo, mantendo-se assim um capitalismo que avançava na esfera mercantil. E nesses países permaneceu a manufatura, a indústria etc., fundada no trabalho familiar, comunitário, corporativo, mas já inserida no mercado.

Neste ponto histórico o poder de coerção se desloca para o nacional e da formação de um exército militar para controle desse poder. A expansão das cidades e a propriedade privada tiveram um papel fundamental na dissolução do sistema feudal. De forma que o sistema feudal foi ao mesmo tempo agrário e mercantil. Com isto uma racionalização desta nova estrutura de poder, nasce o funcionalismo público. A monetarização da economia principalmente quando o Estado começa a adquirir ofícios, como foi dito anteriormente.

Daí por diante, a contraposição entre o Estado Absolutista e o Nacionalismo crescente formaram uma política na qual a burguesia tomou posse do Estado. O que é interessante que depois de uma extensa discussão com Marx, Anderson relate que através da acumulação

primitiva a burguesia tome posse do Estado de forma a pacificar uma guerra entre nobres que não só era por causa de privilégios políticos, mas mercantis. O que configuraria uma transição ainda em movimento quando analisada por Marx.

É importante lembrar que as trocas de mercadorias se divorciou das normas sociais e políticas e nem sempre foram como conhecemos hoje, mas durante muito tempo prevaleceu a permuta baseadas nesses interesses. Portanto, a ampliação e a reificação do comércio também possuía um cunho de dádiva que estava de acordo com padrões culturais, mesmo nas cidades, o caráter de comunidade estava presente no comércio, para além do significado de valor de uso no sentido marxiano (ARJUN APPADURAI 2008, p.25).

Neste sentido, durante o processo de desenvolvimento do capitalismo as coisas passaram de um estado de coisa para o lançamento de mercadorias. Obedecendo um traço conceitual do que temporal no que se entende de critérios simbólicos, classificatórios e morais. O que Appadurai (2008, p.28) na Vida Social das coisas relata como “transações que transpõem fronteiras culturais e as trocas intraculturais”.

Contudo, as mercadorias implicam ‘regimes de valor’, nas palavras deste autor, compartilhando do quadro cultural e de uma totalidade de crenças das quais estejam inseridas, referindo-se à variedade de arenas sociais que façam parte. Ultrapassando dessa forma a mera satisfação de necessidades básicas, mas ocupado um status diferenciado ao seu possuidor.

Desta forma a mercadoria passa a ter características marcantes, como os poderes para a sua aquisição; as várias formas de controle de sua distribuição; as condições que direcionam sua emissão criam relações patrono/cliente diferentes; proporcionam a possibilidade de fornecer status; e estão inseridos em sistemas sociais que funcionam para reduzir ou eliminar a competição em favor de um padrão estável de status. (APPADURAI, p.41).

Evidenciar que a prática da mercantilização promoveu outros significados as coisas que logo tornaram-se mercadorias, está também no entendimento e clarificação entre ‘necessidade’ e ‘utilidade’. Nesta compreensão, o autor dar um passo à frente de Baudrillard quando o cita. Pois observa outras dimensões como moda e tabus, na produção de mercadorias, neste período de transição do mercantilismo para o capitalismo propriamente dito.

Principalmente quando lembra que a pungente indústria de tecidos já havia uma milenar concorrente à época, a saber, a indústria de tecidos indianos. Esta vinha representada não apenas pela burguesia que viajava por além-mar, mas por comerciantes que viajavam não apenas por terra com suas caravanas e por mar também. Eram muito bem relacionados com os governantes de diversas terras, o que lhes garantia mercados e influência política.

Appadurai quando cita o historiador Curtin, exemplifica este momento histórico com o que o historiador chama de ‘diásporas comerciais’, que seriam “comunidades de comerciantes que moveram bens através das fronteiras culturais ao longo da história registrada e até a época da expansão industrial europeia” (2008, p.53).

Assim, através da transformação da manufatura em indústria surge a diferenciação entre mercadorias comuns, mercadorias de luxo e exóticas. Assinalando o fim de uma vida senhorial e o nascimento de uma burguesia elitista cada vez mais exigente e ávida ao consumo ditado pelas revistas de moda. Resultando na reificação de símbolos de poder e nobreza em formas de mercadorias.

Ainda há, segundo Appadurai (2008, p.60 e 61), duas outras características que a mercadoria representa formas sociais e partilhas de conhecimento muito complexas, a saber, o conhecimento técnico, social, estético, (etc.), que é o que integra a mercadoria; e o conhecimento que integra a ação de consumir a mercadoria. Formando assim uma ‘história de vida’ que nasce na “prescrição de fabricação culturalmente padronizadas”, portanto, os campos, as oficinas, as fundições e por aí vai.

### 1.3 - O artesão conforme Marx

Dos locais citados por Weber (1968) na página 23 deste, vão constituir os primeiros locais técnicos de conhecimento na produção e desenvolvimento de mercadorias. O que marcou os estudos marxianos na concepção da práxis. Para Marx esta é uma relação que possui um par binário intrínseco. Constituída de teoria e prática; “prática, na medida em que a teoria, como guia da ação, molda a atividade do homem, particularmente a atividade revolucionária; teórica, na medida em que esta relação é consciente” (SÁNCHEZ VASQUES, 2007, p.109).

Antes de Marx, Hegel já havia iniciado a relação entre a filosofia e a realidade, mas foi Marx que provou que ela poderia ser revolucionária – “o sistema afoga o método” (p.111). Neste sentido, ainda que o método abre a possibilidade de subverter o sistema, o próprio sistema se fortalece na mudança do indivíduo de produtor para satisfação de necessidades para fabricante e promotor de novas necessidades, baseado no individualismo e no exacerbado hedonismo que despontava.

Paralelo com a filosofia de Hegel, sua substância é incompatível porque por levar o saber à um plano absoluto, portanto, uma compreensão absoluta da realidade. A função da

prática na filosofia assume críticas contra as estruturas petrificadas – a Igreja e o Estado Prussiano. No entanto, a teoria não vivia uma práxis verdadeira, uma atividade prática.

A filosofia até Marx necessitava de uma correspondência prática com a realidade, saindo de uma filosofia especulativa, partindo ainda de uma filosofia idealista. Passos que Marx concretizou em suas teses à Feuerbach. Marx descobre o lado essencial do homem no trabalho.

Para Marx um trabalho não se encerra em si, mas se complementam como partes e fases do mesmo processo. Portanto, a filosofia não era negada como especulativa sem realizar-se. Entendendo que a negação da Filosofia é como uma subtração absoluta da teoria em benefício da práxis, sendo que da filosofia da práxis precisa ser mediada pela realidade, através da crítica e quando esta se torna consciência na cabeça dos homens.

E de acordo com uma situação histórica determinada, na visão de Marx, o proletariado não pode emancipar-se sem antes passar da teoria para a práxis. Por isso deveria ocorrer a Revolução Proletária Socialista, tendo como arma a própria filosofia como teoria e a prática como atividade revolucionária. Contudo, sabemos que não foi bem assim que aconteceu.

O trabalho humano é a essência da produção humana por si mesmo. É no trabalhador que Marx viu a possibilidade de Revolução, como produto do trabalho alienado ele é a peça fundamental para subverter o sistema. Tendo o trabalho como fonte de toda a riqueza subjetivamente, ou seja, não tem valor como ser humano.

De fato, ocorre a negação do homem através da visão econômica, pois não importa as condições humanas, mas a produção de valor em riquezas. Assim, este autor ressalta que Marx estuda o trabalho e como consequência sua alienação (Feuerbach), onde o trabalhador não se reconhece naquilo que produz, alienação real. Conforme Sánchez Vasques, “a atividade produtiva é uma práxis, por um lado, cria um mundo de objetos humanos ou humanizados, mas ao mesmo tempo, produz um mundo de objetos nos quais o homem não se reconhece e que, inclusive, se voltam contra ele” (2007, p.124).

A transformação do mundo através do trabalho está em sua animalização através do trabalho, neste sentido, está a sua própria negação absoluta por conta de sua degradação do ser consciente e histórico. O que resultou em um ser coisificado, reificado em novas formas de relação hedonistas e individualistas, que modificou não apenas as formas de socialização dos indivíduos, mas transformou os modelos sociais de relações humanas dos últimos tempos.

Sánchez Vasques cita Marx quando fala de Hegel, que não percebeu o aspecto negativo do trabalho, a alienação, mas aprova quando diz que o homem é produto de seu

próprio trabalho para resolver esta contradição ele faz uso de dois conceitos, a saber, a objetivação e alienação.

A objetivação trata-se do esforço humano em objetivar seu conhecimento e força aplicando comum com outros homens, e resultando num empreendimento. Mas todo ser humano tem a necessidade de produzir não podendo esquivar-se desta necessidade de objetivação de seu próprio ser, “de forma que o trabalho humaniza a natureza, e humaniza a si mesmo” (SÁNCHEZ VASQUES, 2007, p.126).

A alienação na compreensão marxiana acontece de quatro formas diferentes: a alienação do homem do produto do seu próprio trabalho – o que produz não pertence a ele; a alienação do homem no ato da produção – não controla mais o que produz; alienação do homem de sua própria espécie – começa a individualizar-se como ser; e a alienação do homem de sua própria natureza humana – como principal consequência apontada por Marx, pois o homem se torna mercadoria (MARX 1978, p.426).

Na visão de Sánchez Vasques, os manuscritos constituem a contribuição onde o trabalho alienado é a premissa fundamental de toda história humana. De forma que, quando se chega a Ideologia Alemã, Marx rompe com a problemática antropológica Feuerbachiana, a partir desta obra o pensamento marxiano desenvolve a transformação do homem e do homem pelo mundo do trabalho.

O homem tem necessidades e é criador de novas necessidades. Nestes termos, a produção humana passou de um tipo particular (artesanal) para uma produção que é alienada. A alienação aparece como algo necessário no processo de objetivação, para superar as condições necessárias e desenvolver sua verdadeira essência.

Portanto, “o trabalho – a produção – é o que eleva o homem sobre a natureza exterior e sobre sua própria natureza, e é nessa superação de seu ser natural que consiste propriamente em sua autoprodução” (Sánchez Vasques 2007, p.128). A alienação acontece quando o homem depende do trabalho do outro, por isso que o homem é ‘lobo do próprio homem’. Esta dependência se refere principalmente para a completude rápida e eficiente do trabalho na execução das tarefas produtivas.

No entanto, a alienação pode ser superada, não a objetivação que é essencial para o homem. O homem só existe enquanto tal, na sua relação com a natureza. Por isso, explica Sánchez Vasques, que para Marx as ciências naturais seriam antropológicas, por meio da indústria apresentando uma dupla face: humanizam-no (emancipam) e ao mesmo tempo desumanizam-no (vem complementar sua alienação).

Possuindo assim uma função prática e na sua contribuição na emancipação do homem passam a ter um caráter antropológico, no entanto, conforme Sánchez Vasques, Marx abandona esta ideia na Ideologia Alemã. Muito embora, para Marx a natureza possuía a condição de alienada por ser o meio para a satisfação de necessidades é também um meio de sobrevivência.

Na Segunda Revolução Industrial, Marx nos revela como o poder burguês se solidifica entre um estado conivente com as transformações. E ainda Dobb (1965) nos apresenta a formação dos monopólios e expropriação das colônias e matérias primas oriundas destas. Obviamente que a preço da extração de trabalho escravo. Ainda que já se falasse em libertação dos escravos, a conquista de novos territórios, principalmente africanos ainda perpetuava a relação escravocrata.

Considerando que no período antigo até meados da idade média, a ideia de liberdade estava ligada a outra forma de reprodução social, totalmente diferente do período da Revolução Industrial. O que muda de fato nessa passagem de um período para o outro é exatamente o processo de reificação do mundo, ou seja, que todo o processo de racionalização desde a Primeira Revolução Industrial, quando muitas das ferramentas antes utilizadas para a fabricação de produtos se mecanizam, mudam-se os sentidos das coisas, inclusive da forma de consumo dessas coisas.

No mundo do trabalho, apesar da separação do trabalhador e do conhecimento que ele tinha do processo produtivo (afinal o trabalhador era um artesão), ter gerado demissões em massa e conseqüentemente mobilizações sindicais descritas ao decorrer de toda história da industrialização, ainda há situações parecidas e confusas.

Faz-se necessário retornar a Marx (1996), para vermos o início da manufatura e contrapor às mudanças do mundo do trabalho. Pois para este autor, o que nos diferencia dos animais que constroem coisas como a aranha, a abelha e o João de barro, é que antes “do fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto, idealmente” (p.298). O que nos difere dos animais, portanto, não é o produzir, mas o articular natureza e aplicação da técnica como ação constituinte do inventar e planejar.

Observando animais construtores o autor define que por instinto eles desenvolvem atividades semelhantes aos dos homens. No entanto, o homem projeta antes de sua execução e possui uma visão ampla do que vai fazer em seu processo criativo. Estando no controle do processo produtivo do início ao fim. E ainda tem a faculdade de reelaborar processos fazendo novas combinações e reestruturando o modo de fazer.

Assim, em na visão antropológica de Marx do trabalho, sendo este um processo de que participam homem-natureza, na qual o homem age sobre a natureza externa modificando-a e ao mesmo tempo modifica a sua própria natureza. Nessa relação, o homem desenvolve suas potencialidades, diferindo do trabalho animal, que é o instinto, pelo trabalho conjunto da cabeça e mão.

Enquanto, a divisão social do trabalho tendencialmente promoveu a separação do homem do poder criativo, ou seja, o trabalho manual do trabalho intelectual, sendo que o trabalhador é livre positivamente porque possui a própria força de trabalho podendo vendê-la para quem quiser, e negativamente porque não possui os meios de produção.

Em concordância com Marx (1978) vê que o processo de humanização parte do momento em que o homem passa a construir suas ferramentas e acima de tudo, quando passa a manifestar linguagem. Em suas palavras:

Só o que podem fazer os animais é utilizar a natureza e modificá-la pelo mero fato de sua presença nela. O homem, ao contrário, modifica a natureza e a obriga a servir-lhe, domina-a. E aí está, em última análise, a diferença que, mais uma vez resulta do trabalho. (p.17)

Por isso, podemos afirmar que o homem é produto e resultado do desenvolvimento do processo de trabalho. Tornando-se o homem autônomo no processo de produção e conhecimento para desenvolver produtos que lhe satisfaçam suas múltiplas necessidades. Logo, o trabalho está permeando todo o processo civilizatório, o qual os produtos do trabalho humano vão se concretizando na mercadoria.

Entendendo que a produção e a reprodução da vida enfocam as categorias que se dialetizam, nas quais o trabalho foi e é o elemento fundamental para hominizar o homem. Então, desde o período da análise de Marx, constata-se que o trabalho tem animalizado o homem no processo industrial. De forma que o próprio homem tem se tornado mercadoria e ou apenas parte de uma estrutura de fabricação da qual não possui mais controle.

Principalmente quando observamos o fator tempo. A divisão técnica do trabalho, quando nos primórdios o artesão se encontrava em sua oficina, com suas ferramentas e seu trabalho do início ao fim do processo produtivo, ele tem pleno domínio do tempo de produção. Entretanto, quando inicia, a inserção de auxiliares e ou o agrupamento de outros artesãos para dar conta de demanda, o tempo passa a ser fundamental na transformação do trabalho artesanal para o trabalho mecânico que decorre durante o período de análise de Marx.

Por causa disto é que o trabalho passa a dividir-se e a metamorfosear-se durante o processo industrial e a dividir-se em trabalho morto e trabalho vivo. Ora, o trabalho morto e o vivo possuem duas grandezas diferentes. E estas grandezas farão total diferença nos produtos

acabados, pois o desmembramento em diversas linhas de montagem multiplica o trabalho morto como algo necessário na complexificação na engenharia de produto.

O trabalho vivo é aquele que é desempenhado pelo trabalhador durante o processo produtivo dialogicamente; e o trabalho morto é aquele que já está na concreticidade do produto, ou seja, um trabalho pretérito, como por exemplo, a máquina. Por isso, da mesma forma que o trabalho se tornou uma necessidade importante na análise weberiana, na análise marxiana ele se transformou em uma atividade exterior e impositiva no qual outrem é que obtêm lucros.

Todavia, de acordo com o autor de *O Capital*, o nascimento da manufatura acontece quando artesãos do mesmo produto ou artesãos de diversas espécies reúnem-se em oficinas para darem conta de volumes de demandas de produtos (p.453). Marx é enfático em afirmar que o período da manufatura transcorre entre os séculos XVI e XVIII. Período singular onde se desenvolvem as principais oficinas de segmentos importantes para a época como: a tecelagem e a metalurgia, por exemplo.

De acordo com as observações de Marx (1980/1985, p.1333), o artesão para dar conta de demandas, inicia o processo de divisão social do trabalho. Neste sentindo ele trabalha por encomenda. E à medida que vai inserindo novos auxiliares no processo produtivo, o desmembramento de seu conhecimento está posto e dado até o ponto em que somente ele – o dono da oficina, tem o conhecimento de todo o processo produtivo. Logo, não só ocorre a divisão do trabalho em sua matriz significativa, mas também a divisão salarial referente às atividades desenvolvidas na oficina.

O autor explica que a atividade do artesão em sociedades orientais, geralmente estava ligada às castas, corporações de ofício ou guildas. Ora, esta atividade era passada entre gerações ou entre mestres e aprendizes – jovens que eram entregues aos pés dos mestres para que aprendessem uma profissão. Assim, precisando o mestre de mais auxiliares para atender demandas, e com o parcelamento das atividades, o conhecimento passou a ser franqueado àqueles que estivessem dentro do processo de produção na oficina.

Marx (1978, p.282), relata que ocorre a combinação de variados tipos de artesanato. Exemplifica com os vidreiros que trabalham com modeladores de cristal e ouro, na confecção de peças de complexo acabamento e com um valor diferenciado. No entanto, a maquinaria vem para aumentar a produtividade revolucionando a grande indústria.

Da mesma forma que o artesão desempenha diversas atividades dentro da oficina, de acordo com as necessidades ou com as orientações do mestre, as ferramentas também nesse período foram desenvolvidas para diferentes atividades. O que exemplifica o autor com

diversas situações e segmentos da época, como a relojoaria e a indústria do vidro, de maquinarias desenvolvidas nesse período. Destarte apontando ele como um dos vetores de desenvolvimento da indústria moderna.

#### 1.4 - Da habilidade

Neste momento é interessante retomar a tese de Richard Sennett (2009) sobre a Habilidade artesanal. Esta habilidade estaria composta de dois pontos importantes que observamos durante nossa caminhada até aqui: a) o desejo de fazer um bom trabalho e b) a capacidade necessária para exercê-la. Parece contraditório falar em qualidade quando observamos uma indústria focada em produção e reposição de mercadorias o mais rápido possível em nossos dias.

No entanto, a pungente indústria tinha outras variáveis para se preocupar quando falamos em habilidade e qualidade. De acordo com Sennett (2009, p.270), em meados do século XX, a preocupação com qualidade nos estudos de Elton Mayo já apontava a necessidade de observar um bom trabalho feito com qualidade, porque mantinham o trabalhador “reconhecido” e satisfeito, sendo assim, sem motivação para greves ou revoltas.

No decorrer deste século, observamos economias despontarem, principalmente após a Segunda Grande Guerra Mundial. Economias como a alemã, com seus maquinários-ferramentas, e ainda os japoneses, com automóveis de alta qualidade, mas caros. Sennett cita Deming-Shewart, dizendo “a complexidade está no fato de que, para suscitar a aspiração da qualidade e fazê-la valer, a própria organização precisa ser artesanalmente trabalhada” (idem).

Contanto que os trabalhadores passem a fazer parte de uma obsessão diária em forma de filosofia da empresa. Gerando uma motivação para treinamentos que buscam eliminar a quantidade de erro em detrimento da formação de trabalhadores responsáveis e geradores de uma “energia obsessiva”, que moverá as mentes e suas habilidades em desempenhar da melhor maneira o seu trabalho.

Neste ponto, Sennett nos diz um ponto importante desta obsessão: “o bom e o não-suficientemente-bom se havia tornado inseparáveis” (2009, p.272), a questão está que esta mesma qualidade em que nos diferencia dos animais, tem nos brutalizado por causa da busca de sermos os melhores no que fazemos e da concorrência com os outros. Temos buscado nos superar os próprios limites por muitos motivos, dentre econômicos, sociais e filosóficos, e isto tem se tornado o autor chama de intransigência, como sinal de distinção.

Sennett, comenta que Bourdieu, já sustenta a tese de que “a retórica da qualidade serve aos indivíduos no interior de organizações e grupos étnicos como instrumento de reivindicação de status” (2009, p.273). O artesão em síntese, está na obsessão de como a habilidade reiterada a alienação do trabalhador e ainda maximiza a extração da mais valia, de forma que distancia os trabalhadores como grupo, individualizando interesses. Não foi à toa que vimos o esvaziamento dos sindicatos nas últimas décadas.

Temos falado até aqui da práxis cotidiana como forma e transmissão de conhecimento. De um componente cultural que tem sua base no grupo social do qual o indivíduo faz parte. No entanto, lembremos de Hannah Arendt quando nos descreve o *Animal laborans* ou *Homos laborans*. Em sua análise sobre a Condição Humana, observa que no processo fabril o homem ajusta-se a máquina e no processo artesanal a máquina ajusta-se ao homem.

Poderíamos nos voltar para as especificidades biológicas que o ser humano é capaz de desenvolver, mas outros especialistas como Stanford-Binet, com seu paradigma do QI e juntamente com Terman chegaram a determinar uma “curva” de normalidade da inteligência. O que para análise sociológica em questão, não é o objetivo fim deste manuscrito.

Hannah Arendt (2008), entende a diferença o *homo faber* do *animal laborans* observando as especificações etimológica que a autora faz quanto à palavra fazer (*facere*), referindo-se ao sentido de produzir, diferente da palavra *fabri*, que tem origem pós-moderna e está designada para os operários entre outros trabalhadores modernos. A conceituação das palavras labor e trabalho é importante para nós fazermos perceber as esferas de aplicações de cada uma:

O **labor** é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujos crescimentos espontâneos, metabolismo e eventual declínio têm a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo labor no processo da vida. A condição humana do labor é a própria vida.

O **trabalho** é a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana, existência essa não necessariamente contida no eterno ciclo vital da espécie, e cuja mortalidade não é compensada por este último. O trabalho produz um mundo artificial de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural. (p.15)

Portanto, a ação nada mais é que “a atividade entre seres humanos sem intermediários materiais”, o que filosoficamente nos remete ao princípio do desenvolvimento do ser humano e sua relação entre si e nesse sentido aos primeiros agrupamentos humanos. Exatamente porque o indivíduo é ainda um ser político. Depende da relação com outros para seu desenvolvimento como tal.

Arendt (p.97), nos traz esse percurso às civilizações antigas, mas no trato do entendimento que nessa época quem exercia a atividade de subsistência eram os escravos e estes ela chama de *animal laborans*, deixando claro a aversão dessas civilizações pelo

trabalho, pois esta atividade estava ligada a servidão a um senhor e a satisfação de necessidades ligadas ao estômago.

É importante ressaltar as possíveis origens da palavra trabalho que a autora explora em seu texto: “*labourer*, que quer dizer lavrar, vinha do latim; ou ainda *travailler*, que quer dizer trabalhar do latim e *tripaliare* que significa torturar usando um tripalium<sup>10</sup>” (Godelier apud Grint, p.28). Sabendo disso e que sempre existiram povos dominados, a autora nos encaminha para uma análise de transformações interessantes que veremos a seguir.

Nesse sentido, é que trabalho no mundo antigo estava muito mais associado a um esforço humilhante e destinado às classes excluídas da sociedade e aos vencidos de guerra, do que ao sentido que ganhou no período medieval, de que o trabalho seria propriamente uma coisa que “dignificasse” o homem. Weber (2003) contribui em sua obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* nesta tese. De que a religião contribuiu para o desenvolvimento do Capitalismo com o ascetismo protestante.

Principalmente quando escreve sobre vocação. Em nossos dias, dividiram a inteligência em diversos tipos: a lógica matemática, a de interpessoais, a musical, a intrapessoal, a esportiva, a espacial e a naturalista. A mais valorizada é a lógica matemática. Entendemos que isto está diretamente ligado quando pensamos em profissões, mas as condições sociais também influenciam nestas escolhas.

É com Weber que observamos a contribuição que a religião protestante teve, entre outros fatores, ao capitalismo. Em seus estudos sobre o ascetismo monacal, no qual, a dedicação determinada e a disciplina formaram um ponto motriz no trabalho secular. Estamos falando de um momento histórico em que a escolástica empoderava moralmente a ação de quem iria satisfazer em primeiro lugar, a suprema vontade de Deus.

Neste invólucro, a Bíblia foi o parâmetro para o trabalho. Na compreensão luterana, de acordo com Weber (1984), sua vocação era tirada da autoridade tradicional que a Bíblia possui. Tanto que, a vocação permaneceu como uma ordem divina, cabendo ao indivíduo adaptar-se a ela ou ser tido como um bastardo. Portanto, a vocação passa a ser um trabalho encarado como designo de Deus.

Claro que não somente Lutero, mas outras religiões estudadas por Weber, a saber, os Metodismo, Seitas Anabatistas, Calvinismo e Pietismo. Trazendo consigo outros valores como ética e juízo de valor que as profissões carregam desde este período. Ele ressalta o

---

<sup>10</sup> Este era um instrumento utilizado para tortura. Se trata de um garfo com três dentes. (Godelier apud Grint, p.28)

caráter salvífico que estas religiões trazem junto ao trabalho. Diferentemente das outras religiões do oriente, que possuem mais um apego transcendental com a natureza e deixando de lado o apego material.

A maior contribuição para este autor, é o desenvolvimento de um método sistemático de uma conduta racional para superar e controlar os impulsos irracionais do mundo e da natureza humana. Estabelecendo uma conduta de ações sob constante autocontrole, observando as possíveis consequências éticas. É neste caráter racional das religiões estudadas por Weber, o autor observou as conexões, de moralidade e ética na atitude ascética.

Neste sentido, o posicionamento luterano sobre a divisão do trabalho possuía um caráter divino de vocação. E que vocação seria um bem ético aprovado por Deus, em base de critérios morais em conjunto com conhecimentos da escola que resultariam nos bens produzidos de uma sociedade. Então, a riqueza de Deus se cristaliza na prosperidade material e a pobreza como uma maldição ou doença.

O que justificaria a produção de riqueza de alguns como uma “vocação empresarial”, na constituição de uma ética profissional burguesa. Uma espécie de predestinação para a riqueza. E que a desigual distribuição de riqueza, para manter as massas sob controle, de acordo com o pensamento de Calvino na Divina Providência. Resultando em baixos salários na indústrias baseados em muitas teorias economistas de conformidade com um *leitmotiv* da economia capitalista.

Neste processo que desencadeia uma ação social tradicional em conjunto com uma ação social referente a fins, em termos weberianos, a racionalização do mundo como construto teórico, explica o movimento de um paradigma para o outro que marcou a passagem da Idade Média para a era Moderna, a secularização. Processo que fundamenta a separação do estado da igreja e reorganização a sociedade política e socialmente.

Muito embora, estes processos não aconteceram uniformemente para todo mundo como vimos anteriormente, várias sociedades trazem consigo caráter identitários profissional, trazendo consigo uma ação social tradicional em suas profissões, como uma marca de algumas civilizações. Podemos lembrar, da seda chinesa, os mercadores árabes, os tecidos indianos, entre outros.

Lembrando que trabalho digno (ou *vida activa* como chama Arendt), naquele período era fazer parte do parlamento na vida política da cidade, ou seja, ser reconhecido como cidadão/político do parlamento da cidade, bastava ser filho ou mesmo fazer parte da corte que já teria oportunidade, a mínima que fosse de entrar nos círculos de poder. Assim, o cidadão grego estava inclinado a dedicar-se a vida da *polis*.

E nesse sentido que a atividade de labor se confunde com a atividade moderna do trabalho. Contudo, é importante lembrar-se de como Arendt (2008) diferencia o trabalho maquinizado e o trabalho *made hand* ou feito pelas mãos:

O caso das máquinas é inteiramente diferente. Ao contrário das ferramentas do artesanato, que em parte alguma do processo de trabalho deixa de ser servas da mão, as máquinas exigem que o operário às sirva, que ajuste o ritmo natural do seu corpo ao movimento mecânico que lhes é próprio. (p.160)

Nestes termos, existem características do artesão que até os nossos dias se sobressaem. Retomando Sennett (2009, p.309), constituem a “perícia artesanal”, a saber, “as capacidades de localizar, questionar e abrir”. Nestas capacidades não há nada de excepcional, Sennett pontua que são qualidades medianas da maioria dos seres humanos e que são compartilhadas.

Quando Sennett fala em localizar ele descreve a função de localizar materiais, especificar o que pode ser feito e a partir de ideia, tornar esta ideia em concreto pensado, em termos marxianos. Esta capacidade tem a ver com a possibilidade de através de estímulos sensoriais a percepção do pode ser transformado diante do contexto e materiais disponíveis aconteça.

A capacidade de questionar é o que nos torna diferentes dos animais. É a habilidade de parar e refletir sobre o que se faz, o que concretiza o passo do planejar. Portanto, um estágio de mobilização neural que abstrai problemas e a soluções, através da investigação e experimentação, resulta na tomada de decisões que podem transformar o produto fim.

E por fim, a capacidade de abrir refere-se a possibilidade de deslocamento para ‘saltos intuitivos’. A realização de outras formas de fazer a mesma coisa. Sennett, enfatiza que essas características compõem o modo de fazer artesanal de maneira especial pois, são capacidades compartilhadas socialmente, desenvolve uma espécie de *habitus* de trabalho, no sentido de que fala Bourdieu.

Muito embora a transmissão de conhecimento profissional esteve a cargo dos mestres dentro do ofício durante muito tempo, e com o iluminismo, na idade média, o conhecimento acadêmico também se tornou uma forma de profissão. Logo, o surgimento das escolas com a escolástica deteve parte deste conhecimento profissional com a igreja.

Em conjunto com os processos históricos de colonização cultural, é na escola que Bourdieu observa que a transmissão de conhecimento que deveria ser ‘igualitária’, não ocorre bem desta maneira. Em sua análise, os alunos pertencentes a classes sociais mais favorecidas trazem consigo algo chamado de *capital cultural*. Entendendo que cultura são os valores e os significados que dão sentido a um grupo social.

Agora, *capital social* é uma metáfora para explicar como uma sociedade dividida em classes se transforma em uma moeda onde as classes dominantes começam a comercializar e impor, pontuando diferenças, e ainda lhes dando valor incontestável. Constituindo o que se costuma a denominar de ‘cultura boa’. Ao perceber esta dinâmica, Bourdieu denominou de *arbitrário dominante*.

Retomando Sennett (2009, p.321), quando desenvolve o conceito de *experiência*, que no inglês é mais vago que no alemão – *Erlebnis e Erfahrung* – “a primeira designa um acontecimento ou relação que causa uma impressão emocional íntima, a segunda, um fato, uma ação ou relação que nos volta para fora e antes requer habilidade que sensibilidade”. A experiência sempre é um traço importante na hora da contratação de pessoal qualificado, para além do diploma, um pré-requisito que tem se tornado inestimável em algumas áreas.

No entendimento de Richard Sennett (2009), o ofício de produzir coisas permite a quem faz a habilidade de perceber melhor e influenciar o trato com os outros. De forma que, fazer bem as coisas também se aplica na gestão e relações pessoais e interpessoais. Enfatiza que o que somos está ligado diretamente com o que nossos corpos são capazes de fazer e logo, nossa capacidade de nos moldar as coisas são paralelamente as mesmas que recorreremos as relações sociais, assim a habilidade artesanal mostra em ação um traço contínuo entre o orgânico e o social.

Muito mais que conhecimento, a necessidade de se ter habilidade unida a uma determinada experiência não permitiu que esta, entre outras profissões, fadadas ao desaparecimento por causa das novas tecnologias, ainda persistam em sua existência, claro que em menor quantidade do que já foi um dia. No entanto, sua redução tem tornado alguns como costureiras, sapateiros e joalheiros serviços caros de um público que possui uma demanda especializada.

E ainda com a existência da técnica, concordamos com a tese de Álvaro Vieira Pinto (2005, p.176), de que “a técnica define primeiramente uma qualidade do ato material produtivo; só no segundo momento do processo cognoscitivo se transfere do ato ao agente, o homem que pratica atos técnicos, isto é, produtivos de um fim bem determinado”. Este autor está de contra a ideia dos que possuem uma concepção idealista formada referente ao técnico e a técnica. Esta última não é apenas um adjetivo. Nesta relação, não há como ter técnica sem o seu mediador, o técnico.

Neste sentido, com havíamos falado desde o início, a técnica é um processo dialético que se transforma a cada fase histórica e social. Portanto, não existe técnica sem técnico. Mesmo que tenham pego este conhecimento e o condicionaram para ser apreendido em

curso, não é uma coisa estática, mas que está em movimento. Sendo assim, a técnica, a produção e o conhecimento não são exterior, mas imanentes e dialéticos.

É através desta articulação de desenvolvimento que resulta da técnica que concebemos a tecnologia. Como o “logos da técnica”, seu valor é de fundamental importância para se compreender o seu significado radical primordial no transcorrer da evolução da humanidade. E ainda para se compreender as mudanças a nível local.

Muito embora, sejamos periferia dos grandes centros de desenvolvimento de tecnologia, aqui recebemos muitos equipamentos e também conhecimento para desenvolver a indústria amazonense. Pinto (2005, p.674), diz que “um indivíduo só pode se libertar quando tem consciência de si”. No seu entendimento, a tecnologia veio com a falsa promessa de libertação, mas isto não acontece.

Para Pinto, a tecnologia traz consigo uma dependência irreversível, de forma a alienar a consciência de todos. Esta dependência está em artefatos desenvolvidos nas regiões dominantes, onde há desenvolvimento tecnológico e investimentos massivos para tal. Esta tecnologia vem no engodo de facilitar a vida social humana, mas na verdade fazem com que sejamos dominados não só por uma ‘ideologia’ moderna, mas reféns das novidades.

Neste panorama veremos no próximo capítulo o lugar do artesão em nossos dias, retomando a Sociologia do trabalho. E como aconteceu em Manaus as mesmas coisas, vindo tecnologia com a promessa de desenvolvimento regional.

### 1.5 Painel histórico moderno local.

Nessa simbiose do mundo do trabalho e informática, o setor informal cresceu e apareceu como nunca. Assim, com o desenvolvimento do mundo dos serviços nada mais é que uma resposta dialética aos ímpetus de crises virais que alcança a todos sem regras ou distinção. Muito embora, com os avanços tecnológicos, a presença dos trabalhadores com as mãos ainda é muito importante para o capitalismo.

Neste sentido, a escola valoriza códigos e arbitrários que não fazem parte do dia-a-dia de alunos pertencentes a classes mais carentes de forma que privilegia os que possuem acesso a uma ‘cultura oficial’, o que Bourdieu chamou de *violência simbólica*. Esta violência não apenas dentro da escola, mas de uma profissão em relação a outra. No Brasil isto é bem

peculiar se compararmos o trato de áreas dentro da academia como exatas e saúde em relação às humanidades.

Assim, é com Lucília de Souza Machado na obra *Educação e Divisão Social do Trabalho*, que principalmente nas áreas técnicas, falando-se no caso brasileiro, a partir do ano 1826 a educação técnica já estava direcionada para as camadas pobres filhos de ex-escravos, profissionais como sapateiro, pautador, dourador e encadernador (MACHADO, 1982 p.24)

O nascimento dos primeiros institutos de conhecimento técnico surgem com D. Pedro II a partir do ano de 1882, como a Escola de Santa Cruz e o Instituto Antônio Ferreira Viana. Dentre os conhecimentos, a marcenaria, carpintaria, forja, serralheria, prático-agrícola. E a partir do século XX, no ano de 1906 a criação e a multiplicação de institutos profissionais para desenvolvimento e atendimento da demanda da indústria que nascia.

E a partir do Decreto nº 7566 de 1909, do presidente Nilo Peçanha, representando o início da atuação direta do governo federal na área da formação profissional, pois:

Considerando:

Que o aumento constante da população das cidades exige que se facilite às classes proletária os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da luta pela existência;

Que para isso se torna necessário não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual, como fazê-lo adquirir hábitos de trabalho profícuo, que afastará da ociosidade, escola do vício e do crime;

Que é um dos primeiros deveres do Governo da República formar cidadãos úteis à Nação. (p.25)

No decorrer deste século, este ensino passou por muitas mudanças, principalmente no período do contexto da ditadura militar. Muito embora até esta década o governo ainda tinha a ‘responsabilidade’ pelo ensino da sociedade, e ainda o ensino público era algo considerado muito bom em sua qualidade. E com os institutos de referência como SENAI, SENAC, SENAR, o extinto MOBREAL, tornou possível a ampliação da existência de outros cursos até por causa da abertura de novos mercados.

Entendendo que o técnico industrial como conceito, de acordo com Machado:

[...] as atividades sistemáticas de formação e aperfeiçoamento de pessoal para as ocupações existentes na agricultura, indústria, comércio e serviços, em cursos de nível médio de 2º ciclo ou pós-médios que não se incluem, necessariamente, nos padrões universitários clássicos.

Todavia, nem sempre o uso de tal conceito se refere a este tipo de ensino, podendo ser empregado para designar outras atividades de formação profissional, que se diferenciam não só pelo nível, como também pelo caráter formal ou informal da educação. (1982, p.76)

Nesta compreensão, Machado utiliza o argumento de Braverman em *Trabalho e Capital Monopolista*, que apesar das qualificações não serem algo ‘natural’, “com a rotinização da operação mecânica, há cada vez menos razão para classificar o operário acima

de muitas outras classificações de trabalhadores, tais como as de ajudantes de artífices”. No entanto, esta comparação aparece quando a autora compara o conhecimento técnico com a engenharia.

Em seu olhar, observa que o técnico possui importância dentro do esquema funcional abraçado pela maioria das empresas que vieram para o Brasil. Tornando-se um elo importante entre o saber da ciência (Engenheiro) e o trabalhador qualificado. Neste sentido, sua função estaria entre converter ideias criativas de forma simples para o trabalhador qualifica, servindo como porta-voz decodificador de seus superiores para os trabalhadores de chão de fábrica.

Durante um bom período, pelo menos no Brasil, desde o início do processo do nascimento da grande indústria até a queda do regime militar, seu lugar dentro da indústria este diante de muitos questionamentos. Principalmente, porque a tecnologia com a qual trabalhava sempre veio de outros países, exigindo na sua maioria engenheiros formados que na prática realizavam desvio de função.

Este aspecto organizacional da indústria brasileira, esteve sempre na contramão entre a real necessidade de oferecimento e formação de profissionais de nível médio e os interesses privados da indústria no oferecimento de treinamento similar para promoção. Obviamente, que a dimensão deste papel está para aquelas estruturas organizacionais onde o fracionamento alcançou um alto nível.

Outrossim, esta profissão está amparada pela Lei nº 5.524, de novembro de 1968, privativo a quem tenha sido diplomado em escola regulamentada, de nível médio, nos termos da Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961. Portanto, curso de formação numa média de 5 anos com um ano de estágio em empresa atuante na área, autorizado pelo Ministério do Trabalho, mas sem obrigatoriedade de a empresa iniciar um vínculo empregatício.

No entanto, a necessidade de treinamento para a recepção de novas tecnologias sempre se fez importante, o que em algumas situações com as promoções dos trabalhadores especialistas para o grupo técnico aumentava o poder de barganha das empresas. E ainda com a situação de estagiários em formação, a possibilidade de recrutamento diminuía a cada formação de turma.

O papel atribuído ao ensino técnico, por fim, muito embora com todos os pressupostos filosóficos e ideológicos, e na via de interesses múltiplos de governos e empresas, sempre houve a reclamação de que em nosso país não há mão-de-obra qualificada. Por isso, nunca esteve claro o suficiente, pois geralmente quem se formava nestes cursos dificilmente conseguia emprego e ainda era empurrado para um curso superior.

Dentre essas indagações e ainda o problema de que não houve e não há investimentos e vontade política para desenvolvimento tecnológico em nosso país, a simples importação de novas tecnologias e indústria não tem dado conta da multidão de desempregados em linha ascendente. O que, conforme Machado, muito se fala em democracia e civismo, mas pouco ou quase nada temos visto na prática.

De outra forma, a importação de novas tecnologias, apenas desempregou em massa muitos dessa categoria. Exigindo um maior nível de conhecimento para além da experiência e habilidades. E ainda com as mudanças no acesso à educação superior, tem aumentado o nível de conhecimento dos desempregados. Muito embora possa ser uma visão pessimista, ter acesso ao nível superior deixou de ser garantia de empregabilidade e o novo “paradigma educacional” se tornou estar em eterna atualização.

Provocando um certo ‘hiato’ no mercado de trabalho. De forma que, mesmo com um conhecimento médio, habilidade e experiência específica, as dificuldades continuam para se conseguir emprego. Logo, o profissional precisa ter um ‘leque multifuncional’ de conhecimentos depois de um certo tempo, caem em desuso. Necessitando de uma ‘habilidade artesanal’ para refazer em conjunto com sua experiência, sua profissão, como *habitus* de novo tipo de artesão e artífice.

No argumento que com as transformações históricas, sociais e políticas, a maioria das profissões têm perdido um pouco de sua identidade original, tendo que se ressignificar há algumas décadas. Poderemos ver com mais detalhes essas transformações do técnico no capítulo a seguir, onde desenvolveremos as transformações sociais que a sociologia acompanhou nos últimos anos. E principalmente em nosso estado.

Este profissional que esteve e está no cenário do capitalismo desde sempre, ele conta com sua experiência e conhecimento principalmente na habilidade além da fabricação e ainda a do reparo. É no conserto que este profissional permanece e forma um contínuo na cadeia produtiva do capitalismo, ainda que outrora estivesse no chão de fábrica reutilizando e reaproveitando materiais, agora permanece atendendo a outros interesses diversos.

Neste cenário nascem as multinacionais que em uma economia aberta contribuem para a confiança nos mercados atraindo novos investidores. Nesta fase, a mundialização, consolidou a formação e criação de novos Institutos Liberais, o que na percepção de Gros (2003), fortificou os *think tanks*<sup>11</sup>. Michalet (2010), vai tratar das escolas de regulação<sup>12</sup> e desregulação.

---

<sup>11</sup> *Think tanks* quer dizer tanques de pensamentos, na verdade escolas de economia que formaram uma *intelligensia* econômica em caráter universal.

Ainda com Michalet (2010, p.29), ele classifica o processo em três configurações, a partir de critérios como “a dimensão dominante, o princípio de regulação da configuração ou, se se preferir, sua lógica econômica dominante, as interdependências entre as dimensões que resultam dessa lógica e por fim os atores [...]”. Esses critérios serão a base para as transformações do sistema econômico que temos em nossos dias. É claro como Marcuse no texto de Ortiz (1986) já tinha dito, mas em outras palavras que a técnica é o vetor da instrumentalização e racionalização que irradia para todas as dimensões sociais.

Utilizaremos Michalet (2003) e Sassen (2010) como pensadores chave para o encontro de ideias com os brasileiros Ortiz (1996, 2000), Octavio Ianni (1997, 2008) nas obras Teorias da Globalização e A sociedade global, Gros (2003) entre outros. Pensadores que analisam a realidade peculiar que o Brasil possui, desde a formação industrial até nossos dias com particularidades bem ‘nossas’.

O ponto chave para o sucesso conforme Michalet (2010, p.71) é a produção *outsourcing* – “são filiais oficinas que produzem produtos manufaturados”, pois são situações que resultaram em minimização dos custos, mas sob algumas situações específicas como: baixo custo no transporte de insumos, especialização das filiais e mão de obra barata e qualificada. Estas duas últimas são a base da estratégia global.

Sua principal tendência é a criação de um mercado interno internacional, ou seja, internacionalização<sup>13</sup>, que resulta em oligopólios. Sendo que, na configuração multinacional é mais forte a interdependência entre as dimensões da mundialização do que na configuração anterior. O que vai aumentar os fluxos de investimentos diretos do exterior (IDE) – o que ocorreu até a década de 1980 -, ampliando as exportações transformando a sociedade local em uma plataforma de importação/exportação, consolidando a produção de bens e serviços até aquele momento exportados do país de origem.

E quando pensamos Amazônia, precisamos entender como se inseriu ao processo de formação de um *Ethos* de trabalho artesanal, ao mesmo tempo que promoveu e desenvolveu a polarização do desenvolvimento industrial na região. Formando então um *habitus* que reconfigurou o local e marcou os trabalhadores locais.

---

<sup>12</sup> O autor na página 27 conceitua como “a elaboração de normas que visam à correção das insuficiências no funcionamento do mercado.”

<sup>13</sup> O autor explica à página 78 que se trata criar um mercado interno para a empresa, a criação de uma rede de fornecedores integrados a empresa principal com o controle de 100% das filiais.

O surgimento de Zonas Francas, nas quais as empresas perseguiram uma produção *outsourcing*<sup>14</sup> sob um regime *Offshore*, e não mais de *market-seeking*. O que se consolidou em acordos comerciais multilaterais. Intermediados por financeiras e gestados por multinacionais e pela classe política capitalista. Assim podemos entender como surge a Zona Franca em nossa região.

A década dos anos de 1980 é singular, por uma série de fatores. Em primeiro lugar, por causa da virada na cotação do dólar, ou seja, o que influenciou no fluxo de IDE. As taxas de câmbio, segundo Michalet (2010, p. 101) são estabelecidas de acordo com as variações de demanda e de oferta do mercado, o que fez mudar os atores principais nesta configuração: do estatuto público estatal para um pequeno grupo de bancos e instituições financeiras multilaterais como o BM, FMI e o Banco Offshore.

Em segundo lugar, as crises de recursos primários foram significativas neste período: como petróleo e o ouro. Ora, o dólar americano tinha como fator referência o ouro, na medida em que a financeirização se prosseguiu por diversos fatores como volume de IDE, o surgimento da internet e sua interligação mundial, os EUA sofrem os impactos econômicos fortes que resultam em: Guerra! Nesta passagem para a próxima fase, a conspiração entre os setores privado e público foi singularmente necessário para manter interesses políticos e econômicos defendidos e em desenvolvimento.

Enfim, nesta configuração estabelece-se o neoliberalismo e a união entre os setores privado e público. Apesar de estarmos tratando até aqui apenas de questões mais econômicas, é importante que não se deixe passar que essas mudanças não foram apenas na economia, mas na sociedade como um todo. Embora fosse mais visível em pontos importantes como, por exemplo, nas formas de organização das fábricas que passou de fordismo/taylorismo para toyotismo.

As mudanças se cristalizaram nas instituições e nas ações dos indivíduos. O processo de globalização tende a ganhar dimensões do local, nacional e global resultando em redefinições político/jurídico e economicamente. E é Sassen (2010) que nos apresenta estas relações escalonares em que vivemos. Muito embora, estas relações escalonares sejam reelaboradas em localismo, as bases são sempre as mesmas.

---

<sup>14</sup> É importante explicar estes termos, que de acordo com Dupas (1999) *outsourcing* é fonte de suprimento externo; *offshore* é mercado localizado fora da regulamentação ou da fronteira nacional típica; e *market seeking* é estratégia que leva empresas a se estabelecerem em busca de mercados.

Lugares que geram uma economia e geografia específica, tendo um posicionamento estratégico na economia global. Estas cidades são especializadas “em processamentos de exportação, centros bancários *offshore* em um nível muito mais complexo” (SASSEN 2010, p.92). Compondo assim uma nova ordem socioespacial. Nesta configuração a informalização e informatização dos mercados proporcionam enfraquecimento do papel da empresa na relação emprego e empregados. Confirmando a tendência mundial da imigração no processo de disputa de postos de trabalho, agora na economia global. Concretizando grandes movimentações populacionais, quer regionais, quer internacionais.

Retomando o invólucro de acontecimentos que permeou este último século, no início do século XX predominava uma economia liberal e poucas barreiras protecionistas, e a ideia de livre fluxo. No Brasil estava caracterizado pela produção de bens primários. No exterior já se produzia produtos acabados. Com a quebra de bolsa em 1929, parte para uma iniciativa de industrialização, o que resultou em imigrações, a princípio com intuito de melhores condições de vida e acesso a bens industrializados.

Na medida em que o processo de capitalização se desenvolve é possível ver as formas de mudanças. Surgindo assim uma nova classe transnacional: os financeiristas, os publicitários, os executivos e os tecnocratas. Consolidando a sociedade do controle e disciplinar, para lembrar um pouco de Foucault. Novas ideologias surgem sob controle das mídias, conhecidas hoje como terceiro poder.

Diante de profundas e complexas mudanças, além de rápidas - uma questão de 60 (sessenta) anos para a efetivação -, e ainda nos encontramos em processo de mudanças. Presenciamos as dificuldades de muitos indivíduos de outras gerações em adaptar-se ao mundo globalizado. O que resulta geralmente em concentração no mercado informal/informacional e ainda na exclusão definitiva do mercado formal de trabalho.

Neste cenário, podemos mencionar ainda outros fatores importantes. Um deles é a da forma de empreendedorismo de modo totalmente diferente da que Schumpeter<sup>15</sup> apresentou pela primeira vez. Forma esta que tem contribuído para o desenvolvimento do agir individualista do indivíduo em sociedade. Agora o indivíduo é responsável por si mesmo e

---

<sup>15</sup> Joseph Alois Schumpeter (8/02/1883 a 08/01/1950), pai do termo empreendedorismo. Segundo o Dicionário Trabalho e Tecnologia (2011, p.146,147): 2. Em perspectiva histórica mais ampla, pode-se dizer que os valores que correspondem ao empreendedorismo tem um pai Joseph Alois Schumpeter. Foi o economista austríaco quem propôs que se pensasse o desenvolvimento do capitalismo, o fluxo circular da riqueza na sociedade capitalista, a partir do papel do empreendedor. Este sujeito real foi identificado pelo autor de Capitalismo, Socialismo e Democracia como agente central das mudanças ocorridas na dinâmica do capitalismo. A ele estaria associado um agir revolucionário, cujo foco não é o lucro – característica da ação do empresário -, mas sim a inovação, vista como produto de comportamento pautado por um conjunto de normas e padrões imperantes de dada época.

tem que buscar formas para se manter e se desenvolver sem contar mais com o aparelho do Estado.

Portanto o empreendedorismo toma forma de uma espécie de gatilho para a ‘dominação’ e a dependência de um sistema organizacional totalmente diferente que os trabalhadores tem vivido nos últimos anos. Assim, presenciamos em campo o choque de gerações com as novas formas de organização social do trabalho que está em transformação e adaptação o tempo todo.

## 1.6 Amazônia: Formação social e econômica

Antes de tudo, lembremo-nos que antes de uma formação social e econômica amazônica, somos legatários de uma cultura política brasileira que beneficia e beneficiou a famílias de poderosos. Legado este que nos remete a Celso Furtado (2007) na obra Formação Econômica do Brasil, quando descreve a Formação Econômica do Brasil desde o período colonial até a transição de uma economia agrária para uma industrial no século XX.

Obra esta, que nos faz lembrar que fomos colônia de exploração portuguesa e aos olhos de alguns autores continuamos sendo, ainda que de forma sutil (ou não) podemos analisar situações tipicamente brasileiras que apresentam situação de intensa e continuada exploração do trabalho e marginalização, hoje claros, sob a égide de uma organização econômica globalizada e redimensionada.

Outro aspecto deste legado é a importação de modelos de desenvolvimentos de outros países para implantar em uma região com realidade completamente diferente da do projeto original. Assim, como exemplo podemos citar os intentos de Juscelino Kubitschek com os projetos de industrialização do país intitulado “50 anos em 5”. E porque não citar a mudança da capital do país do Rio de Janeiro para Brasília, o que era para ter sido e no que se tornou em nossos dias.

E que mesmo tendo aspectos de desenvolvimento apresentamos condições de profunda pobreza e miséria. E claro, por que não lembrar que somos tão parecidos com o ornitórrinco que Francisco de Oliveira (2013, p.12) na obra Crítica da razão dualista, assemelhou e Roberto Schwarz completou em sua introdução: “A Terceira Revolução Industrial combina a mundialização capitalista a conhecimentos científicos e técnicos, *os quais estão sequestrados em patentes*, além de submetidos a um regime de obsolescência acelerada, que torna útil a sua aquisição ou cópia avulsa”.

O Brasil mesmo tendo tido o acesso acelerado as novas tecnologias, precisou entrar no “padrão” industrial mundial para ter alguma condição de permanência no mercado internacional. E nisto estamos falando de racionalização e instrumentalização inclusive do conhecimento quanto tal. De um ambiente academicista, a abertura de cursos técnicos para atendimento da demanda da indústria crescente foi o caminho mais curto para se alcançar o desenvolvimento.

Desenvolvimento este que para a Amazônia tem várias situações onde interesses nacionais e internacionais entrecortaram a selva. A capital Manaus ganhou novos ares à francesa e à inglesa – aquela *Belle époque* sonhada pelos donos dos seringais que mudou a cidade entre os séculos XIX e XX-, dos quais a arquitetura é testemunha até nos nossos dias como o teatro Amazonas e o centro antigo, hoje tombado como patrimônio histórico da cidade.

Segundo Oliveira (2013, p.62) as estratégias de reconstrução das economias pós-guerras foi a indústria de manufatura e a comercialização destes produtos. O que no Brasil refletiu no mesmo período o desafio de tornar-se industrial, saindo de uma economia agrícola para uma efetivamente industrial. Da mesma forma o seu empresariado até então coronéis que estavam intimamente ligados a políticos da situação.

Quando falamos de Zona Franca falamos praticamente de uma “corrida ao ouro” como aconteceu em Serra Pelada: é notório as transformações na cidade amazonense, seu inchaço monumental nos últimos 50 anos. Passando de algumas centenas de milhar por volta da década de 1960 para quase 2 milhões de pessoas (de acordo com dados do IBGE Censo 2010) – estimativas para 2013 apenas na capital. O que resultou em aparelhamento urbano defasado/ineficiente, datado do início do século XX, expansão da área urbana para dentro da floresta, nascimento de vários bairros quase que ao mesmo tempo.

De acordo com Izabel Valle na obra *Globalização e reestruturação*, faltaram a implantação do PIM/ZFM desdobrou na necessidade de ter conhecimento necessário para o ingresso nas empresas do até então Pólo Industrial de Manaus – PIM. Até então, a população local se caracterizava por pequenos agricultores, coletores de borracha, pescadores e comerciantes de importados – bens pontuais e personalizados por nacionalidades distintas e típicas de cada gênero comercial (VALLE 2007, p.122).

Produto de uma intervenção militar para desenvolvimento regional entre outros interesses nacionais possuía o objetivo de “Ocupar para não entregar” como frase de efeito para emplacar cabeças e corações da elite local. O que reflete em grandes expectativas tanto

para trabalhadores quanto para o empresariado local. Traduzidas em oportunidades de expansão de empregos e investimentos.

Renan Freitas Pinto (1987) em como se produzem as Zonas Francas, nos diz que a expectativa da sociedade amazonense na época era de geração de empregos e desenvolvimento econômico. O que configurava numa transição de uma economia internacional para uma global; Formação de uma área de livre comércio; na verdade a valorização de uma área geopolítica importante na escoação de produtos e depois pela ênfase nos setores de quatro rodas e eletroeletrônico.

No entanto a maior participação foi estrangeira na ZF. De contrapartida ocorreu privatização das estatais compradas por capitais estrangeiros como desdobramentos da implantação das políticas neoliberais. Portanto a instalação de plantas de outros lugares para Manaus e a inserção da nossa região na economia global resultou do enlace de interesses Nacionais e interesses internacionais.

Segundo Pinto (1987) a experiência da ZF em Manaus foi resultado de imposições das empresas ao governo da época. Desdobrando em restrição os direitos políticos da força de trabalho, limitações da Legislação Trabalhista, como pagamento integral do salário mínimo (Salário baixo); Prolongamento das jornadas de trabalho; alta mobilidade (rotatividade de mão de obra, com imposição de turnos de trabalho); e por fim condições políticas que se caracterizou em baixa e ou nenhuma.

Para o autor os objetivos da Zona Franca de Manaus eram: Produção parcial; montagem de produtos semi-acabados, ou seja, não desenvolvem novas tecnologias; não disponibiliza o acesso nem forma mão de obra para manusear esta tecnologia; executa apenas os projetos concebidos em suas matrizes; a universidade passa a produzir mão de obra para atender demanda.

Neste ponto, Marilene Corrêa da Silva (1999) na obra *Metamorfoses da Amazônia*, entra em concordância com Pinto (1987), pois o quadro apontado por ele como consequência é desdobramento de uma nova delimitação dos fluxos de espaços globais mediante as novas condições, e em algumas dos casos desvios e rupturas entre as formas de relações entre região, nação e mundo.

Para a autora, a análise da região por meio da globalização condiciona metamorfoses que condiciona uma sociedade global. Tanto o intercâmbio cultural quanto a diferenciação do indenitário articulada com interações sociais e intra-sociais não eliminam tendências de homogeneização. Formando um ‘caldo’ de processos que determinam e impulsionam ou

imobilizam toda a dinâmica, alterando conforme a presença material da região, alterando as noções de nacionalidades, regionalidades, modernidade e modernização.

Logo a interpretação da Amazônia se ressignifica em seus emblemas e mitos acentuando as diferenças e desigualdades das geopolíticas do Brasil (SILVA, p.267). Desta forma, ela é produto e ao mesmo tempo ingrediente das imposições do governo e das políticas internacionais para o desenvolvimento econômico e político.

Para Valle (2007), a experiência da ZF é produto de uma efetiva reestruturação produtiva a nível global que já vinha se desenvolvendo desde os anos de 1960. E traduziu-se em um novo perfil de industrial baseado em *offshore*<sup>16</sup> e *outsourcing*<sup>17</sup>. Ora, o capitalismo separou os grandes centros produtores de tecnologia para os países de primeiro mundo dos centros montadores de produtos e serviços dos mais variados. Característica comum dos países de terceiro mundo como o Brasil.

Valle (2007, p.109) entra em concordância com Pinto (1987) nos pré-requisitos para a instalação de uma ZF, e ainda complementa que a ZFM teve outras características: área de livre importação e exportação e produção/montagem de manufaturados para o mercado interno. Neste sentido, efetivando como importante ponto geopolítico de concentração empresarial e distribuição de mercadorias.

Valle (2007, p.131) e Seráfico (2011, p.100) entram em concordância quanto a investimentos pesados para a concepção da industrialização regional que concretizaram os principais vetores para que a Zona Franca fosse possível em Manaus. Dentre estes vetores: importação de tecnologias e técnicas para a formação de um ambiente horizontalizado que resultou na formação de networks, resultando na formação de oligopólios.

Portanto, neste contexto temos a formação de estruturas de *world wide* – ampliação de responsabilidades em relação à gestão o constitui sua descentralização -, formando conexão direta com empresas multinacionais. Constituindo o envio de lucro direto a estas empresas, não ocorrendo retorno para os cofres públicos, ou mesmo qualquer percentagem na forma de salários. Logo, o que se investiu em insumos e ausências tributárias, embora fosse a promessa do projeto original, as benfeitorias não saíram do papel.

É obvio que o objetivo da indústria no norte do país primeiramente era de acumulação e nunca de consumo. O que com a urbanização desdobrou o crescimento do terceiro setor – o de serviços. Neste sentido, a sociedade amazonense começou a ser moldada para entrar na

---

<sup>16</sup> Segundo Dupas (1999) p. 212, *Offshore* é o mercado localizado fora da regulamentação ou da fronteira nacional típica.

<sup>17</sup> Com Dupas na p. 212, *outsourcing* são fontes de suprimentos externas.

modernidade e na utilização das novas tecnologias emergentes para aquele momento: a TV, o vídeo cassete, aparelhos de som e linha branca.

E na passagem da indústria de base eletromecânica para a de base microeletrônica ocorreu obsolescência de diversos tipos, tanto equipamentos quanto operadores. E ainda com os movimentos de toyotização<sup>18</sup> que resultaram no enxugamento das empresas do Distrito Industrial, culminando nos processos de reengenharia industrial a redução de pessoal foi inevitável.

Nesta nova dinâmica o trabalhador começa a intervir de maneira a corrigir pontos o que se chama de ‘Engenharia de Processo’- não é como se produz, isto já é engenharia de produção e está tudo patenteado. A Engenharia de Processo é a área onde se pesquisas melhorias no processo de produção. Neste sentido, os trabalhadores seriam incentivados e corrigir possíveis falhas, trazendo melhorias e ou redução de custos no processo.

O que trouxe novas formas de relação no trabalho, racionalização de processos, mudanças profundas no ponto de vista do método e da gestão de pessoas e materiais, intensificação da linha de produção, e ainda a busca por inovação a todo tempo com premiações simbólicas aos funcionários que conseguissem fazer tais melhorias em seu ambiente de trabalho.

E depois de cursos técnicos, ISO’s, treinamento e adaptação para atuar numa linha de participação múltipla na produção e melhoria – desemprego em detrimento das crises econômicas que o capitalismo passou nos últimos anos desde a década de 1980, uma das mais marcantes.

---

<sup>18</sup> Entendendo que toyotização foi a adoção do modo de trabalhar japonês desenvolvido por Taichi Onno (Onnismo), mas como foi desenvolvido dentro da Toyota passou a ser conhecido por este nome. Baseava-se no trabalho programado em cima de pré-vendas e fabricação sem estoques de peças. Implicando ao trabalhador uma colocação diferente ao do que se impunham no fordismo e no taylorismo.

Como dissemos anteriormente no capítulo 1, a técnica resulta de um processo dialético entre o técnico e a cultura desenvolvida ou adquirida em uma região. Seja centro ou periferia, este conhecimento permanece em movimento contínuo. Talvez não tendo grandes avanços por falta de investimentos significativos, mas continua em movimento por causa do trabalho. E ainda da habilidade, segundo Sennett (2009, p.30) “toda a habilidade artesanal baseia-se numa aptidão desenvolvida em alto grau.”

Entendendo que a técnica, de acordo com Oliveira Pinto (2005, p.136,138) “de qualquer tipo, constitui uma propriedade inerente à ação humana sobre o mundo e exprime por essência a qualidade do homem, como ser vivo, único em todo o processo biológico.” Constituída de duas dimensões que o ser humano também é composto, uma parte física e outra metafísica. Assim, se relaciona com o indivíduo numa ação dialética. Logo, “a ciência e a técnica são adquiridas pelo homem como resultado da experiência.”

É através delas que o indivíduo permanece no processo produtivo, ainda que direta ou indiretamente. Neste sentido, os meios de trabalho são medidores das condições em que se trabalha e ainda das exigências de especialização que preconizam o seu andamento. Sendo a destreza em suas mãos e a experiência na utilização de ferramentas, os conhecimentos compartilhados com seus colegas de profissão e a determinação de fazer um bom trabalho o caracterizam.

O que caracteriza o ato técnico, parafraseando Oliveira Pinto (2005), são as ações que o indivíduo realizará no mundo vivido, que foi pensado antecipadamente, conseqüente das condições sociais de existência e de consciência, que poderá ter intervenções ou reificações no plano material. Portanto, uma simbiose de experimento com alternativas de acerto e de erro para se chegar ao ponto de uma sobrevida para um bem material.

No entendimento de Oliveira Pinto, a técnica não é o motor que move o processo histórico, mas o resultado do movimento dialético da sociedade e da cultura que estão imergidas no processo de acumulação do conhecimento. Não podendo ser o objeto a ser pensado sem a participação do indivíduo que a faz, se tornando uma síntese dos contrários na polaridade do desenvolvimento no qual é resultado.

Neste sentido, a técnica se constitui em sua prática em uma forma de *habitus*. Portanto, imanente da cultura de uma sociedade. Estando desta forma imbricada com formas

de cultura das mais diferentes. Voltando para a realidade brasileira e sua mistura de todos os povos do mundo, somos receptores de vários arcabouços de conhecimento. Isto não quer dizer que não tenhamos também nossa bagagem, mas como fazemos parte de um processo de dominação cultural, na maior parte das vezes esta bagagem é denominada por ‘conhecimento tradicional’, e assim desqualificada por não ser ou estar na ou seja da academia.

A técnica neste pensamento possui um uso social, por isso ela é indissociavelmente de interação dialética com o trabalho do indivíduo. O que não submete o homem à máquina, mas o inverso a máquina ao homem. Observamos que em nossos dias parecemos dominados pela tecnologia. E não conseguimos viver sem ela. Assim, é importante também que não percamos a consciência do nosso lugar neste processo.

Na obra de Ricardo Antunes (2004, p.41), quando Marx explica como ocorre a formação de valor de troca e de valor de uso diz que “Produz-se valor de uso somente e na medida em que sejam substrato material, portadores do valor de troca”. É nisto que se baseia o trabalho deste artesão/artífice, o técnico eletrônico trabalha em recompor o valor de uso consertando equipamentos para revender.

Resultando assim em “um serviço [que] é nada mais que o efeito útil de um valor de uso, seja mercadoria, seja do trabalho” (idem, p.49). Porque além de consertar equipamentos para a revenda, presta serviços de conserto, devolvendo o valor de uso a bens materiais que na cadeia produtiva capitalista seu último lugar seria o lixo. No entanto, com a reestruturação produtiva, este trabalho passou a ser o que Marx chama de trabalho médio simples.

O mercado de trabalho tem requerido cada vez mais trabalhadores especializados e ainda assim os índices de desemprego são massivos. Muito embora tenha preferência pelos mais jovens que em grande parte não atendem aos pré-requisitos solicitados. Claro que por muitos motivos, crise econômica, surgimento de novas tecnologias, para além de interesses políticos diversos, contribuem para que o indivíduo necessite estar em atualização contínua aperfeiçoando a sua técnica e habilidades.

A técnica e as habilidades serão recompensadas através de um serviço bem feito onde a reputação do técnico é de fundamental importância para a conquista de mercados. É neste ponto que ganha vida sua profissão, pois desenvolve uma espécie de ‘arte’ em refazer coisas, principalmente quando não existem mais peças de reposição, às vezes criando novas peças ou readaptando de outros modelos. A técnica é a ferramenta mais importante no seu trabalho.

De modo que, segundo Pinto (2005, p.195), “o homem dá sentido à técnica, mas justamente por isso nunca a desliga de si, não permite que vagueie na condição de conceito fantasmagórico, verdadeira assombração de pensadores e articulistas bisonhos”. Neste

sentido, a técnica acontece ‘no ato da produção’, sendo parte inerente do próprio indivíduo na prática do seu trabalho. Esse algo que a técnica possui é a ‘astúcia’, ‘manha’, ‘pulo-do-gato’, enfim, o jeito que apenas o indivíduo possui em seu fazer o seu ofício.

A seguir analisaremos o artesão/artífice *in loco*. Sua distribuição na cidade. E contrapor história de vida de um técnico que trabalhou no distrito nos tempos de início do Pólo Industrial e da nova geração de técnicos que há na cidade trabalhando de forma autônoma como os primeiros, mas readaptando-se às novas demandas do mercado.

## 2.1 - O cenário do trabalho do Técnico Eletrônico hoje

O desemprego em massa por causa dos movimentos de reestruturação industrial e ainda as crises de envergadura global e insistentes culminaram no crescimento do setor de serviços manauara e no aparecimento do objeto em questão – o técnico em eletroeletrônica. Diante das transformações da indústria e dos produtos em detrimento do desenvolvimento da tecnologia ele, o indivíduo teve que passar por novas adaptações para permanência no mercado de trabalho informal.

Esse refazer-se também faz parte do processo dialético no qual está inserido. Portanto, é primordial entender que a técnica tem seu papel crucial, mas o indivíduo com o seu trabalho e poder de readaptar-se, desenvolve e transforma a técnica em situações diferentes para atender casos problemas onde o conhecimento mostra o caminho mas há a necessidade de reconstituir e ampliar para dar conta da demanda.

Segundo Francisco de Oliveira (2013, p.54-55) o setor de serviços não tem sido muito atraente para estudos na área da economia, no entanto é o setor que mais tem se desenvolvido nos últimos anos, a julgar pela diversidade de opções para oferecimento da mercadoria trabalho. Este autor entende que precisa se levar em conta que mesmo com a “destruição” do artesanato pela apropriação de criações por patentes em nossos dias há “a revivescência de formas de produção artesanais, principalmente nos chamados serviços de reparação (oficinas de todos os tipos).”

O artesão/artífice se estabelece como paradigma de um novo mercado de trabalho. Perpetrando as nuances de novas demandas que até um tempo atrás pareciam ser cotidiano, em nossos dias, apesar de quase ter chegado a sucumbir pelos avanços tecnológicos, a cultura e a dinâmica social não o permitiram. De forma que estes serviços, em certos casos, tornam-se algo até caros para se ter acesso.

O que entra em concordância com Marcílio Freitas e Marilene Corrêa da Silva (2000, p.63) na obra *Estudo da Amazônia contemporânea*, quando descrevem os fundamentos explicativos e compreensivos da Amazônia na Era da Globalização. No trato da Amazônia, esta comporia uma descentralização política e econômica, pois a “Zona Franca de Manaus como expressão da divisão técnica e social do trabalho desterritorializada, promovida e/ou desativada pelas forças econômicas transnacionais.”

Mesmo Oliveira (2013) falando de uma situação até típica do ornitorrinco brasileiro, na capital Amazonense vemos o concretizar desde mercado de “trabalho” de efetivar no setor informal de forma veemente. Outrossim, os autores Freitas e Silva (2000) observam este exército de trabalhadores, que por meio de uma tecnologia de conexão possuem acesso para inteirar-se e se fazerem partícipes de um novo conhecimento técnico de forma a oferecê-lo.

Os estudos da economia mundial apontam para o setor de serviços como aquele que mais se desenvolve e se diversifica e não apenas artesanais, mas de técnicos especializados em setores menores como eletrônica fina e outros. Estes recebem sempre de outros países o segmento de conhecimento desenvolvido nos grandes centros de tecnologia. Dando continuidade para manutenção e reparo de máquinas que prometem melhorar nossas vidas.

O que será permeada com certeza de uma cultura tecnológica que fará toda a diferença em um mercado bastante concorrido. E neste sentido, ultrapassando os limites da cultura local, a globalização transforma o local distribuindo novas formas de interesses e capacitação, o que desdobra em interesses e investimentos. Constituindo em novas configurações transnacionais e redimensionam em novas estruturas de negócios e articula o desenvolvimento de acesso a tecnologias estrangeiras, embora não se desenvolva localmente.

Por não ser uma tecnologia desenvolvida localmente, requer ter “habilidades mentais básicas”. De acordo com Sennet (2009, p.312/313), “raciocínio fluido, sobretudo o uso da linguagem; conhecimento básico, especialmente de palavras e símbolos matemáticos; raciocínio quantitativo, essencialmente o dedutivo; processamento visual-espacial; e memória funcional”. Neste sentido, habilidades especiais são desenvolvidas para execução de um trabalho manual que visa atender um mercado de tecnologia.

Portanto, o paradigma do indivíduo plenamente desenvolvido, parece ser aquele que possui uma técnica de trabalho e com as transformações da tecnologia, há alguns que conseguem-se reciclar e desenvolver-se. Este é o desafio para o século XXI: sermos indivíduos plenamente desenvolvidos e aptos para desenvolver e com outros no mesmo ramo.

E nesse sentido que Marshall Berman (2001) na obra *Aventura no marxismo*, nos fala da perda do “halo”, o que transformou todas as profissões até então honradas e encaradas com

grande respeito, e nestas listamos: o médico, o advogado, o professor entre outras, em apenas trabalhadores assalariados. Entrando em concordância com Almeida (2013). Muito embora no caso brasileiro, a tecnificação destas profissões tenha sido resultado de um longo processo histórico desde o Segundo Reinado, e principalmente com a intervenção do governo militar na década de 1960.

Esta tendência é prevista também pelo próprio Marx, quando ele descreve o trabalho médio. O trabalho médio é a compreensão da qualificação mínima para se estar empregável. Esta tendência de desenvolver um trabalho na forma de prestação de serviço autônomo conforma este “apêndice” da indústria em nossos dias e até do próprio capital. Contribuindo com o escoamento de produções que possam estar paradas, reaproveitando e permitindo a permanência da utilização de bens que até já saíram de produção.

Neste sentido, o trabalho técnico tem se apresentado como ‘trabalho médio’ na sociedade moderna. E ainda se configurando como importante na reestruturação do capital. A reestruturação produtiva vai contar com uma rede interligada de profissionais técnicos que irão prestar serviços de forma terceirizada e até quadrinizada. Concordando com Oliveira Pinto (2005), quando diz que esta forma de trabalho se torna genérica

No entendimento de Berman (2001) e Almeida (2013) todas as profissões estão fadadas a se transformarem em prestadoras de serviços, ainda que sejam inovadoras no que fazem para poderem sobreviver. Assim terão que vender sua força de trabalho na forma assalariada. O que retoma na forma dialética do problema.

Vejamos que primeiro lá na idade média o artesão tinha o seu conhecimento e seu local de trabalho – o que nem sempre era a oficina em sua casa – mas um lugar onde trabalhava com suas mãos. Ele se organizou de diversas formas seja em ergastérios<sup>19</sup>, associações, guildas estas formas estavam ligadas ao acesso de matéria prima e aos mercados que poderiam ser explorados. Compondo, neste sentido, o *Ethos* do trabalhador moderno.

Num segundo momento, a política e as formas de organização social e econômica começaram a fazer toda a diferença, pois a posse de monopólios desdobrava-se em acessos ao desenvolvimento de uma indústria nascente, mas ainda presa aos costumes e tradições fortemente arraigados socialmente e politicamente constituídos.

A fase da Primeira Revolução Industrial foi um momento historicamente importante e dialeticamente impositivo para a massa de trabalhadores que ainda estavam na condição de escravos e ora estava na condição de trabalhadores ‘livres’ ou operários. No entanto, eram

---

<sup>19</sup> Σργαστήριον (ergastério): fábrica, oficina, tenda.

dependentes de empréstimos para poder sobreviver e trabalhar nas propriedades/indústria doméstica.

A Segunda Revolução Industrial, Marx nos revela como o poder burguês se solidifica entre um estado conivente com as transformações e ainda Dobb nos apresenta a formação dos monopólios e expropriação das colônias e matérias primas oriundas destas. Claro que a preço da extração de trabalho escravo. Ainda que já se falasse em libertação dos escravos, a conquista de novos territórios, principalmente africanos ainda perpetuava a relação escravocrata.

Embora o Brasil já tivesse sido descoberto neste período, seu desenvolvimento industrial apenas começou no século XX a reboque das grandes potências e de grandes empréstimos que fez acumular uma severa dívida externa sobrecarregada de juros e existente até os nossos dias. O que com pouca diferença apenas pagamos os altos juros sem conseguir ficar com o suficiente para investimentos em áreas essenciais para o desenvolvimento humanos.

Em contrapartida, logo após a libertação dos escravos no Brasil, era necessário manter os alforriados e seus filhos com alguma profissão. E as escolas de ensino de artífices começaram a atender as demandas antes de uma burguesia crescente que não tinha mais escravos mas precisava de seus serviços, agora profissionalizados. Entre os cursos, já ofereciam para sapateiro, relojoeiro, ourives, alfaiate e costureiras, bordadeiras, rendeiras e etc.

Na Terceira Revolução Industrial e a financeirização dos mercados em detrimento de todas as descobertas tecnológicas em conjunto com o advento da internet, chegamos ao momento que o funcionário precisa ser e estar investindo no próprio conhecimento e com atualizações intermináveis e programadas. Entendendo que a era moderna (ou alta moderna ou pós-moderna, foge a discussão principal), impõe-se uma nova dinâmica de saber e socialização deste.

Observamos assim que este trabalhador continua sendo criador de formas de sobrevivência. No movimento onde o trabalho é criador do trabalhador e a técnica é criadora do técnico, dialeticamente em composição. Sejam elas impostas como aconteceu durante a toyotização, aliás, um momento ímpar de desenvolvimento do poder criativo com a compensação da permanência no emprego. E logo este conhecimento é redimensionado e transcende como pré-requisitos para se manter em um mercado.

Para Berman (2001), ser moderno:

É experimentar a vida pessoal e social como um turbilhão, é ver seu mundo em perpetua desintegração e renovação, mergulhado em dificuldades e angustias, ambiguidades e contradições: é fazer parte de um universo em que tudo que é sólido se desmancha no ar. Ser moderno é procurar, de alguma forma, sentir-se em casa nesse turbilhão [...] é compreender e confrontar o mundo que a modernização cria e lutar para torná-lo nosso.

Nestes termos, o conhecimento transcende na formação e o ser estar formado em alguma área, mas a técnica com que faz e reformula o seu fazer diário. Que não constitui se fazer apenas um curso ou mesmo uma atualização. Mas na aplicação deste com as situações diárias o que resulta em experiência e talvez vá determinar um lugar no mercado de trabalho.

Um detalhe interessante na simbiose do artesão/artífice dos tempos medievais para os dias de hoje é a formação que encadeia o sujeito desta pesquisa. Antes além de ter que estar aos pés dos mestres para depois se tornarem mestres. O que acontecia que esta profissão era para a vida toda. Em nossos dias, em transformação e formação continua.

Apesar de em nossos dias precisarmos fazer a escolha de exercer esta ou aquela profissão, damos muito valor às aptidões, vocações, dom, ou outra forma de chamar o indivíduo que consegue exercer tal profissão às vezes sem muito esforço no aprendizado. Contudo, precisamos passar por certificação nos cursos autorizados e permanecer em eterna atualização, um ponto que se contrapõe ao poder criativo, muito embora este seja requerido de uma maneira geral em todas as profissões, é o que conhecemos por iniciativa e proatividade.

Assim, a ‘arte’, ainda que um pouco deslocada, pois conforme Sennett (2009, p.88), “a arte conta com um agente central ou dominante, enquanto o artesanato tem um agente coletivo”. Logo, o artesão/artífice em questão, parafraseando Sennett, é “um agente coletivo”, pois faz parte do trabalho socialmente necessário para produção de mercadoria. E ainda para manutenção desta com valor de uso e de troca.

Então, passemos para a parte de análise do plano empírico no que se trata para da realidade que estamos observando.

## 2.2 Dados do IBGE

Consultado o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referente ao senso de 2010, foi fornecida a distribuição desta profissão por áreas de ponderação – são áreas específicas designadas pelo próprio IBGE que constitui um agrupamento de bairros –. Referentes ao objeto no qual nos debruçamos em estudar.

Dados de distribuição desta profissão por idade em cada área de ponderação; e ainda dados da distribuição destes profissionais referente à regime de trabalho. Esses dados nos fornecerão um retrato da profissão de Técnico Eletrônico, auxiliando-nos na definição do objeto de estudo.

Nesta distribuição compreenderemos como se deu a construção do conhecimento local, quanto a técnica desenvolvida no conserto de bens. A fixação na distribuição dos bairros em virtude da implantação do Pólo Industrial é marcante.

Temos os seguintes dados, sem adaptação, para análise no município de Manaus:

**Tabela 1 - Total de Técnicos Eletrônicos no Município de Manaus em 2010**

Área de Ponderação	Pessoa(s)
	3395
Lago Azul/Santa Etelvina	54
Distrito Industrial I/Distrito Industrial II/Puraquequara/Colônia Antônio Aleixo/Mauazinho	52
Colônia Oliveira Machado/Educandos/Santa Luzia/ Morro da Liberdade	48
Compensa	60
Alvorada	162
Cidade de Deus	69
Cidade Nova	421
Aleixo/Adrianópolis/Nossa Senhora das Graças	24
Armando Mendes/Zumbi dos Palmares	35
Cachoeirinha/Praça 14 de Janeiro/Raiz	89
Centro/Nossa Senhora Aparecida	15
Dom Pedro I/São Geraldo/Chapada	71
Glória/Santo Antônio/São Raimundo/Presidente Vargas	194
Nova Esperança/Santo Agostinho	25
Lírio do Vale/Planalto/Ponta Negra	85
Redenção/Da Paz	85
São Francisco/Petrópolis	218
Japiim	144
Coroado	148
Betânia/Crespo/São Lázaro/Vila Buriti	137
Flores	67
Parque 10 de Novembro	46
Monte das Oliveiras	67
Colônia Santo Antônio/Novo Israel	39
Colônia Terra Nova	35
Tarumã/Tarumã-Açu/Manaus (demais setores)	48
São José Operário	122
Tancredo Neves	88
Jorge Teixeira	129
Novo Aleixo	244
Nova Cidade	225
Gilberto Mestrinho	22
São Jorge/Vila da Prata	112

Fonte: Censo 2010/IBGE.

De acordo com a Tabela 1 acima, o total de pessoas que declararam exercer a atividade de técnicos eletrônicos é de 3.395 indivíduos, sendo as áreas de maior concentração desta profissão os agrupamentos da Cidade Nova, Novo Aleixo e Nova Cidade.

Interessante levar em consideração que a área de ponderação referente ao bairro do Distrito possui respectivamente um oitavo do contingente de áreas como a Cidade Nova, e até de um bairro novo como a Nova Cidade. O que pressupõe certo alcance no acesso para o Distrito Industrial, observamos que os bairros mais próximos beneficiados com vagas de emprego. Diante disto, veremos a distribuição específica por idade e regime de trabalho dessas áreas de ponderação.

Observando os dados da tabela anterior e da seguinte podemos constatar uma organização espacial dos trabalhadores diante do Distrito Industrial. Lembrando que antes da implantação do DI/Zona Franca, Manaus existia apenas até a Avenida Boulevard. Assim, tudo o que existe depois desta avenida surgiu após sua implantação. Isto inclui bairros novos e concentrações humanas nos arredores da cidade.

Lembramos aqui das dificuldades que a cidade possui em escoamento de trânsito que também se desdobra em uma logística difícil para os empresários. Apesar das dificuldades, muitas empresas vieram para Manaus na promessa de facilidades na implantação (terreno, energia, etc) e impostos reduzidos ou praticamente nulo de impostos para poder firmar o compromisso de produzir tecnologia aqui.

Uma singularidade a se comentar, que logo no início, da chegada destas empresas na capital amazonense, é que durante um período foi fácil entrar e sair destas empresas. Porque não havia muitos pré-requisitos exigidos na admissão. O treinamento já acontecia durante a produção. Na contramão de altas taxas de material com defeito, o que aumenta os custos produtivos por causa da inexperiência.

Mesmo oferecendo aos trabalhadores até o momento da escrita deste trabalho, a disponibilidade de rotas para se chegar ao local de trabalho. Contratar indivíduos que morassem nas proximidades da empresa se tornou uma opção na balança de custos. Claro que no decorrer dos anos e com os avanços tecnológicos diminuir custos significou substituir trabalhadores por maquinário robótico, e contratação de mão de obra especializada e falante da língua inglesa (pelo menos leitora).

Então, de acordo com a leitura de Amazônia desenvolvida no capítulo anterior, com a implantação de mais tecnologia, mais exigência nos currículos foram implantadas, de forma a não se contratar mais nas faixas etárias superiores de 40 anos que não tivesse habilidades com as mãos, pois as peças se tornaram cada vez mais delicadas. Período singular depois dos anos

1990, pois passou a se contratar mais o público feminino, por diversos fatores, desde a ideia de serem mais “submissas”, e mais tradicionalmente adestradas em trabalhos manuais finos, aos baixos salários pagos a elas.

Nestas transformações sociais, econômicas e políticas, nosso objeto em questão está no percurso de grandes mudanças estruturais profundas. Observando que outrora estes trabalhadores faziam parte do chão de fábrica e no espaço de uns trinta a quarenta anos a geração que começou dentro da indústria permanece trabalhando, mas autonomamente. No entanto, não são apenas eles, mas uma nova geração que está surgindo e agregando novas técnicas e adaptando antigas técnicas.

Por fim, este artífice da era moderna está na sociedade atendendo demandas sociais na manutenção de bens domésticos aos quais foram incorporadas novas tecnologias e com novos usos.

Em visita as regiões da cidade de Manaus, observamos uma presença segmentada deste setor de serviços, de forma a servir a população com as demandas do cotidiano de mais ocorrências.

Nos bairros mais distantes do centro da cidade observamos técnicos em ventiladores, TV's e som, não chega a ser uma homogeneidade, mas quanto maior a proximidade do centro setores como refrigeração, computadores e celulares, há mais possibilidade de encontrar técnicos oferecendo serviços.

Nesta relação, periferia/centro destacam-se a presença de serviços em refrigeração, ventiladores, televisão de plasma e celulares nos bairros que poderíamos chamar de ‘medianos’. Embora a televisão de tubo não esteja mais em produção, ainda existem muitas peças circulando para a reposição do que ainda está em funcionamento na sociedade. Nesta relação o poder aquisitivo da comunidade vai concentrar alguns serviços específicos.

Entre os serviços específicos, podemos citar os bairros da Praça 14 de Janeiro e Cachoeirinha, que são próximos ao Centro da cidade e concentram uma variedade de serviços realizados em oficinas mecânicas. De aplicação de insulfilm, transformação de carburador em injeção eletrônica, serviços de limpeza de faróis, desamassar de lataria, serviços de lanternagem e até venda de acessórios dos mais diversos se encontram lado a lado em concorrência.

Quanto maior a presença do comércio em um bairro, notamos a presença de prestadores de serviços informáticos. Estes oferecem serviços em impressoras de cupom fiscal, escâneres, PDV's e servidores, assim como há os que com parcerias com

programadores oferecem os programas que operam nessas máquinas de atendimento ao cliente.

A impressão de nota fiscal eletrônica tem sido requisitada pelo comércio em geral, não apenas como um requisito de bom atendimento e apresentação ao cliente, mas para facilitar a tributação e recolhimento dos impostos sobre mercadoria. Estes interligados a Sefaz via internet, acompanham e recolhem tributos automaticamente.

Passemos para a Tabela 2 – Distribuição de Técnicos Eletrônicos por Faixa Etária e por Área de Ponderação, sem adaptação da fonte.

**Tabela 2 – Distribuição de Técnicos Eletrônicos por Faixa Etária e por Área de Ponderação**

	Faixa Etária	De 10 a 14 anos	De 15 a 17 anos	De 18 a 19 anos	De 20 a 24 anos	De 25 a 29 anos	De 30 a 34 anos	De 35 a 39 anos	De 40 a 44 anos	De 45 a 49 anos	De 50 a 54 anos	De 55 a 59 anos	De 60 a 64 anos
<b>Áreas de Ponderação</b>		25	58	48	283	564	579	504	452	339	340	97	43
Lago Azul/Santa Etelvina		...	...	...	...	...	34	20	...	...	...	...	...
Distrito Industrial I/Distrito Industrial II/Puraquequara/Colônia Antônio Aleixo/Mauazinho		...	...	...	24	...	...	...	13	15	...	...	...
Colônia Oliveira Machado/Educandos/Santa Luzia/Morro da Liberdade		...	...	...	32	...	15	...	...	...	...	...	...
Compensa		...	...	...	...	...	19	...	...	20	...	...	20
Alvorada		...	...	...	...	22	35	29	51	...	...	23	...
Cidade de Deus		...	...	...	18	28	...	22	...	...	...	...	...
Cidade Nova		...	...	...	19	130	17	44	79	48	22	...	...
Aleixo/Adrianópolis/Nossa Senhora das Graças		...	...	...	...	...	...	...	24	...	...	...	...
Armando Mendes/Zumbi dos Palmares		...	...	...	14	...	...	...	...	21	...	...	...
Cachoeirinha/Praça 14 de Janeiro/Raiz		...	...	...	...	16	...	25	...	24	22	...	...
Centro/Nossa Senhora Aparecida		...	...	...	...	...	...	...	15	...	...	...	...
Dom Pedro I/São Geraldo/Chapada		...	...	...	20	...	12	25	...	12	...	...	...
Glória/Santo Antônio/São Raimundo/Presidente Vargas		...	...	...	44	27	29	33	11	24	23	...	...
Nova Esperança/Santo Agostinho		...	...	...	...	25	...	...	...	...	...	...	...
Lírio do Vale/Planalto/Ponta Negra		...	...	...	19	...	48	...	...	...	17	...	...
Redenção/Da Paz		...	33	...	12	22	...	...	16	...	...	...	...
São Francisco/Petrópolis		...	...	...	...	43	19	42	...	39	52	21	...
Japiim		...	...	...	...	57	32	54	...	...	...	...	...
Coroado		...	...	...	...	18	20	64	45	...	...	...	...
Betânia/Crespo/São Lázaro/Vila Buriti		...	...	...	...	28	39	14	22	...	...	32	...
Flores		...	...	...	...	...	51	15	...	...	...	...	...
Parque 10 de Novembro		...	...	16	...	...	...	...	...	30	...	...	...
Monte das Oliveiras		...	...	...	...	21	...	...	45	...	...	...	...
Colônia Santo Antônio/Novo Israel		...	...	...	13	...	...	...	25	...	...	...	...
Colônia Terra Nova		...	...	...	...	14	...	...	20	...	...	...	...
Tarumã/Tarumã-Açu/Manaus (demais setores)		...	...	...	20	...	...	...	28	...	...	...	...
São José Operário		...	...	...	16	25	...	21	...	17	41	...	...
Tancredo Neves		...	...	...	26	61	...	...	...	...	...	...	...
Jorge Teixeira		25	...	...	...	18	20	16	...	...	48	...	...
Novo Aleixo		...	24	31	...	...	60	...	...	65	42	19	...
Nova Cidade		...	...	...	...	...	67	55	41	22	15	...	22
Gilberto Mestrinho		...	...	...	...	...	22	...	...	...	...	...	...
São Jorge/Vila da Prata		...	...	...	...	...	31	17	9	...	53	...	...

Fonte: Censo 2010/IBGE.

Diante da Tabela 2, na página anterior, observamos a aproximação com o trabalho que foi excluído da fábrica com aqueles que nunca a adentraram. As concentrações dos técnicos eletrônicos se encontram na faixa etária entre 25 à 44 anos, o que parece ter ligação com o período necessário para a formação destes. Alguns com cursos realizados em instituições como SENAC, SENAI e Rede Amazônica (injeção eletrônica).

Veja que na área do Jorge Teixeira se concentra a maior quantidade de jovens na profissão, (ainda na puberdade) de 10 a 14 anos com 25 indivíduos que se declararam técnicos eletrônicos, podemos entender esse número como ajudantes e auxiliares. E também na mesma área a concentração de indivíduos experientes na faixa de 50 a 54 anos com 48 indivíduos sem uma quantidade expressiva nas faixas intermediárias.

A maior concentração por faixa etária é entre os 30 a 34 anos (uma faixa até mediana como podemos observar na tabela 2), que constitui no total de 579 pessoas, as quais estão distribuídas entre as áreas de ponderação da Nova Cidade com 67 indivíduos, do Novo Aleixo com 60 indivíduos, Flores com 51 indivíduos, Lírio do Vale/Planalto/Ponta Negra com 48 indivíduos, Betânia/Crespo/São Lázaro/Vila Buriti com 39 indivíduos e Alvorada com 35 indivíduos.

Neste ponto, é bom lembrar que até meados dos anos de 1997, o ensino profissionalizante estava a pleno vapor. Principalmente o de técnico eletrônico, administrativo, técnico em contabilidade e etc., este período foi marcado por estes cursos que compunham o ensino médio.

Já a maior concentração de mais jovens profissionais – e até empregáveis se observarmos os critérios de seleção de recursos humanos do Distrito Industrial – desta área de atuação, está na faixa etária entre 25 a 29 anos com um total de 564 pessoas. Estes estão com maiores números concentrados nas áreas de ponderação da Cidade Nova com 130 pessoas, no Tancredo Neves com 61 pessoas, no Coroado com 57 pessoas e no São Francisco/Petrópolis com 43 pessoas.

A área de ponderação da Vila da Prata/São Jorge concentra um total de 53 profissionais na faixa etária entre os 50 e 54 anos, seguida apenas pelo Jorge Teixeira com 48 pessoas na mesma faixa etária.

E na faixa etária entre 60 e 64 anos encontramos a maior concentração na área da Cidade Nova com 22 pessoas, seguida pela área da Compensa com 20 pessoas. Podemos deduzir que esta concentração reflete a participação de uma geração que

estava na formação do Distrito Industrial. Muitos possuem em casa uma pequena oficina, seja no quintal, numa parte da sala, ou mesmo uma sala alugada.

Considerando uma faixa de 25 a 34 anos, dos quais poderíamos considerar profissionais empregáveis por conta da “filosofia” que a indústria adotou após diversos movimentos de reestruturação produtiva e flexibilização das formas de contratação (inclui-se neste último termo os contratados por tempo determinado/terceirizados), diante dos dados disponíveis temos um total de 1.143 indivíduos concentrados em apenas 10 áreas de ponderação! Vejamos como se distribuem por regime de trabalho.

**Tabela 3 – Distribuição de Técnicos Eletrônicos por Regime de Trabalho e por Área de Ponderação**

Regime De Trabalho	Empregado com carteira de trabalho assinada	Empregado pelo regime jurídico dos funcionários públicos	Empregado sem carteira de trabalho assinada	Conta própria	Não remunerado
<b>Áreas de Ponderação</b>	2056	25	519	710	24
Lago Azul/Santa Etelvina	20	...	...	34	...
D. I. 1/D. I. 2_Puraquequara/Colônia Antônio Aleixo/Mauazinho	37	...	...	15	...
Colônia Oliveira Machado/Educandos/Sta Luzia/ Morro da Liberdade	31	...	16	...	...
Compensa	20	...	...	40	...
Alvorada	162	...	...	...	...
Cidade de Deus	47	...	22	...	...
Cidade Nova	268	...	17	75	...
Aleixo/Adrianópolis/Nossa Senhora das Graças	...	...	...	24	...
Armando Mendes/Zumbi dos Palmares	35	...	...	...	...
Cachoeirinha/Praça 14 de Janeiro/Raiz	39	...	25	24	...
Centro/Nossa Senhora Aparecida	15	...	...	...	...
Dom Pedro I/São Geraldo/Chapada	46	...	...	25	...
Glória/Santo Antônio/São Raimundo/Presidente Vargas	125	...	44	24	...
Nova Esperança/Santo Agostinho	25	...	...	...	...
Lírio do Vale/Planalto/Ponta Negra	63	...	...	22	...
Redenção/Da Paz	51	...	33	...	...
São Francisco/Petrópolis	178	...	15	25	...
Japiim	123	...	...	20	...
Coroado	148	...	...	...	...
Betânia/Crespo/São Lázaro/Vila Buriti	63	...	18	54	...
Flores	67	...	...	...	...
Parque 10 de Novembro	...	...	16	30	...
Monte das Oliveiras	...	25	21	20	...
Colônia Santo Antônio/Novo Israel	39	...	...	...	...
Colônia Terra Nova	35	...	...	...	...
Tarumã/Tarumã-Açu/Manaus (demais setores)	...	...	20	28	...
São José Operário	74	...	48	...	...
Tancredo Neves	88	...	...	...	...
Jorge Teixeira	44	...	67	16	...
Novo Aleixo	67	...	43	108	24
Nova Cidade	68	...	73	82	...

Gilberto Mestrinho	...	...	22	...	...
São Jorge/Vila da Prata	66	...	9	35	...

Fonte: Censo 2010/IBGE

Diante da Tabela 3, sem adaptação da fonte, a maior concentração desses profissionais se localiza na coluna ‘Empregado com carteira de trabalho assinada’ com um total de 2.056 indivíduos – que não seria diferente por conta do próprio Polo Industrial -. Ainda assim podemos observar áreas de ponderação com grande concentração de profissionais na cidade. A área de ponderação da Cidade Nova está em primeiro lugar com 268 indivíduos, em segundo lugar, São Francisco/Petrópolis com 178 indivíduos, em terceiro lugar, está o Japiim com 123 indivíduos, em quarto lugar, o Tancredo Neves com 88 indivíduos e em quinto lugar o São José Operário com 74 indivíduos.

Na segunda coluna temos, o Empregado pelo regime jurídico dos funcionários públicos com um total de 25 pessoas com concentração no total de 25 pessoas. Interessante todos estarem no mesmo lugar, parecendo que pertencem todos a uma mesma empresa.

Na terceira coluna temos o Empregado sem carteira de trabalho assinada, num total de 519 indivíduos, tendo como maioria concentrada na área de ponderação da Nova Cidade com um número de 73 indivíduos, em segundo lugar está o Jorge Teixeira com 67 indivíduos, em seguida temos 48 indivíduos no São José Operário, na área do Novo Aleixo com 43 pessoas e em quinto lugar a área da Redenção/Da Paz com 33 indivíduos.

Na quarta coluna de profissionais por Conta própria temos um número de 710 pessoas. Dentre esses as áreas de maior concentração está na localizado na área de ponderação do Novo Aleixo com 108 pessoas, a segunda área está na Cidade Nova com 75 pessoas, a terceira área é a Nova Cidade com 73 pessoas, em quarto lugar na área da Betânia/Crespo/São Lázaro/Vila Buriti com 54 pessoas e no quinto lugar a área do São José Operário com 48 pessoas.

Na quinta coluna de trabalho não remunerado temos um número de 24 indivíduos concentrados todos no Novo Aleixo. Mesmo se tratando de um bairro relativamente novo o Novo Aleixo pode ser considerado próximo ao Distrito Industrial. Podem se tratar de desempregados que estão reformulando uma maneira de estar no mercado oferecendo os seus serviços no bairro.

Vemos que as áreas de maior concentração numérica se somando as 5 colunas está a área da Cidade Nova com um total de 360 indivíduos, em segunda posição está o

Novo Aleixo com 242 indivíduos e em terceiro lugar está São Francisco/Petrópolis com 218 indivíduos.

Poderíamos levar em conta que a área da Cidade Nova é uma área grande em espaço geográfico e ainda poderemos levar em consideração que é uma área próxima do Distrito embora na própria Área do Distrito tenha apenas um sétimo levando-se em consideração dos 360 indivíduos da área do bairro da Cidade Nova, para os 52 indivíduos que moram nos bairros Distrito Industrial I e II, Puraquequara, Colônia Antônio Aleixo e Mauazinho.

### 2.3 Perfil do técnico eletrônico e entrevistas

Foram entrevistados dois profissionais de áreas expressivas na presença dos técnicos em eletrônica o Sr. M. – o chamaremos assim para manter sua identidade em privacidade -, este possui a idade entre a faixa mediana de 35 anos. Morador do bairro do Alvorada na zona centro-oeste de Manaus. O segundo é o Sr. H. – que da mesma forma será mantido no anonimato -, este está na faixa entre 55 anos. Morador do bairro do Japiim, zona centro sul de Manaus.

O primeiro entrevistado é um trabalhador que se adaptou as novas condições de mercado onde quem trabalha com hard e soft praticamente não há mais separação é preciso navegar nas duas áreas para poder permanecer trabalhando. Ainda que ele esteja acompanhando as transformações tecnológicas, ele está oferecendo os seus serviços para os lojistas e para o consumidor final. Recebeu formação técnica do ensino médio realizado em período escolar.

Prestou e ainda presta serviços ocasionais para clientes do Distrito. Desenvolve novas técnicas diante do que já acumulou em cursos profissionalizantes e na atividade que desenvolve diariamente. No contato com outros colegas de profissão onde ocorre a troca de conhecimento e adquirir novas e peças usadas, é o comércio paralelo de peças.

Vamos analisar agora o depoimento do Sr. M. que mora no bairro do Alvorada. Perguntou-se sobre as atividades que este exerce, no que ele faz? “Trabalho consertando monitores, notebooks, monitores LCD, quase não trabalho mais com TV de tubo de imagem. Eu trabalhei em outros lugares como a Nokia do Brasil, Plastron.”

Qual ramo em que trabalha? “Antigamente trabalhava só com hardware, mas com o avanço da tecnologia tive que me adaptar e fazer cursos de software, e hoje trabalho com os dois. Até porque no início fazia-se o curso só de técnico para fazer

manutenção no hardware. [Curso geralmente do ensino médio]. Mas com o tempo fiz outros cursos. Inclusive nas empresas por onde passei.”

Há quanto tempo? “Nesse ramo trabalho a 16 (dezesesseis) anos. Depois que eu conclui o curso de eletrônica na Fundação Bradesco não parei mais.”

Se já tentou mudar de ramo? “Não, eu nunca tentei, gosto do que faço.”

E por que não deu certo continuando como técnico? Como faz? É um hobby? “Sim, sinto-me satisfeito no que faço. Pra mim pelo menos deu certo, risos. Já tenho conhecidos que indicam outras pessoas. Tenho um pequeno estoque de peças e reutilizo algumas de aparelhos que tenho e que foram adquiridos de amigos e conhecidos. Às vezes compro peças.”

Nos nossos dias tem se valorizado muito as pessoas que “fazem o que gostam”. Os empresários entendem que trabalham mais felizes e satisfeitas, e, portanto, fazem seu trabalho com empenho e determinação o que contribui para um “fazer bem feito”, e a construção de um nome no mercado de serviços.

O Sr. “se sente junto a si” – sente satisfação no que faz? Onde faz? “Tenho, como você pode ver, tenho esse cantinho para trabalhar e esta bancada, infelizmente com pouco espaço para guardar objetos.”

Sennett (2009, p.87 e 93) nos fala deste universo chamado oficina, lugar onde “os artistas do renascimento descobriram que a originalidade não proporcionava sólidas bases *sociais* de autonomia”, o que no entender deste autor perde-se o talento. No entanto, “a oficina bem gerida deve equilibrar conhecimento tácito e explícito”. O que se torna concreto com a técnica.

O Sr. acha que é gratificante financeiramente? “Presto serviço para o comércio, pois hoje em dia a maioria das lojas possui hoje em dia existe o sistema de caixa informatizado na maioria das lojas do comércio, e além de fazer o orçamento para instalar os equipamentos e prestar manutenção para eles. Decidi muito novo em fazer o curso de eletrônico, paga-se muito bem como autônomo do que como carteira assinada. Minha média salarial fica entre R\$ 2.500 a R\$ 3.000. Meu trabalho pra mim é sim como hobby, porque faço o que gosto de fazer no meu horário.”

Então lhe atende às necessidades? Qual a frequência dos serviços? “Sim, atende e prefiro trabalhar como autônomo. Em média recebo mais ou menos cinco atendimentos por semana. Emito nota fiscal do serviço como autônomo.”

Esta é uma atividade principal? Se tem outra atividade, qual é? “Sim, é minha atividade principal. Quando não tenho muito serviço faço empréstimo consignado, mas tive muito serviço que o paga.”

Possui ajudantes? Grau de parentesco do ajudante (Nível escolar do ajudante)? Se atende a domicílio? “Só quando tem muito trabalho, geralmente é um amigo meu que vem me ajudar. Ele possui a mesma qualificação que a minha – curso de técnico eletrônico. Sim, Atendo a domicílio.”

O senhor conhece os seus clientes? “Não, geralmente são indicações de outros clientes.”

Qual o perfil do cliente que ele atende? “Presto serviços à escritórios contábeis, advogados e lojas do comercio em geral.”

Diante da entrevista do Sr. M. que foi realizada em sua casa durante o conserto de um notebook e a correria de seu filho na sala. Ele mora em uma casa de alvenaria, com cinco cômodos. Junto com ele mora seu filho de sete anos e sua esposa. Ela trabalha fora e ele trabalha em casa e presta serviços como autônomo.

Vemos que se trata de um profissional que possui uma experiência vivida e uma cartela de clientes razoável – pois ‘realiza cerca de cinco atendimentos por semana’. Em primeiro lugar, entendemos que o técnico eletrônico já teve a sua experiência de “carteira assinada” – trabalhou em empresas do Distrito Industrial como a Nokia que oferece treinamento especializado para os seus funcionários.

Nesta fala: “Só quando tem muito trabalho, geralmente é um amigo meu vem me ajudar. Ele possui a mesma qualificação que a minha – curso de técnico eletrônico. Sim atendo a domicílio.” De acordo com Sennett (2009) entendemos que o trabalho artesanal é aquele desenvolvido por um profissional com um “alto grau” de aptidão. E que é aprendido pela repetência tornando-o um especialista no que faz. Um misto de mestre e artista, seu trabalho é construído através de circunstâncias dadas em um lugar específico: a oficina.

Sennett (2009, p.95), define a oficina:

A oficina não pode ser um lar confortável para o artífice, pois sua essência está na autoridade personalizada e direta do conhecimento. E, no entanto, ela é um lar necessário. Como não pode haver trabalho qualificado sem padrões, é infinitamente preferível que esses padrões se encarnem num ser humano do que num código de práticas estático e sem vida. A oficina do artífice é um lugar em que o conflito moderno e talvez sem solução entre a autonomia e a autoridade se exaure.

A oficina é um lugar onde se concentra o conhecimento prático e teórico do técnico, ao mesmo tempo em que se materializa na mercadoria que ali se encontra, renovada e funcional. Como vemos a oficina, na maioria das vezes não é um local confortável, isto realmente não é mesmo! Em visitas *in loco*, geralmente é um lugar cheio de muitas coisas que para um leigo não fazem qualquer sentido guardar o que poderia ser considerado lixo. No entanto, a confusão, a poeira, e o acúmulo dessas peças pertencem ao universo criativo deste indivíduo. Muito embora, no caso do entrevistado a oficina faz parte da área construída de sua casa, contudo não é um lugar que apresente o conforto para além de uma oficina onde se conserta aparelhos eletrônicos, até por ser um local onde várias peças de equipamentos se distribuem de maneira aleatória no espaço físico.

Entendemos que para alguém ser “algo como um artesão” este precisa, além de gostar muito do que faz e reconhecer-se nele, precisa ser próximo do que um artista faz e/ou parece que poderíamos chamá-lo de bricoleur. Com esta fala, observamos estes pontos : “Sim, sinto-me satisfeito no que faço. Já tenho conhecidos que indicam outras pessoas.

Tenho um pequeno estoque de peças e reutilizo algumas de aparelhos que tenho e que foram adquiridos de amigos e conhecidos. Às vezes compro peças. ” Lembrando que O bricoleur na visão de Lévi-Strauss (1989) na obra Pensamento selvagem é uma espécie de ‘artesão’, contudo ele trabalha com muitas coisas que encontra, as cataloga e guarda, para em um momento oportuno utilizá-la. É por isso que a organização da oficina nunca faz sentido para quem chega de visita.

Em Sennett (2009, p.106) quando lembra o filósofo Mendelssohn que montou a equação “*Bildung* = Kultur + Aufklärung”<sup>20</sup>. Este filósofo tinha uma dimensão maior sobre a compreensão do mundo prático, “considerava que as ‘coisas feitas e não feitas’ da esfera da vida comum valem tanto quanto qualquer abstração; refletindo sobre elas podemos nos aperfeiçoar. ” É exatamente isto que acontece aqui. Tanto é que de acordo com Sennett o “artífice se destacava como símbolo do iluminismo”.

Pela sua permanência no mercado de trabalho, mesmo com as novas conjunturas, seu trabalho permanece importante no ciclo do capital. Exatamente por causa do trabalho e ainda com a possibilidade de recriar novas condições de trabalho. Seja oferecendo conserto, revendendo o que as lojas não possuem, vemos o lugar desta

---

<sup>20</sup> De volta a página 15 do capítulo 1 já falamos sobre os significados destas palavras alemãs, que respectivamente querem dizer: construir, cultura e esclarecimento.

profissão fixo na sociedade, ainda que se tenha aparentemente convencionado nas novas gerações a necessidade de jogar tudo fora.

Nessa montagem de muitas coisas identificamos o indivíduo em questão, pois este também trabalha com estoque de peças, monta às vezes peças de dois aparelhos para sair um inteiro. Embora parecido com a descrição de Arendt e Marx, o Bricoleur moderno em algumas situações, está limitado ao processo produtivo. No entanto, a reutilização de peças de outros modelos ou mesmo a fabricação artesanal de algumas peças que já não existem para reposição, faz deste indivíduo ser este artesão/artífice.

Nesta fala: “Presto serviços a escritórios contábeis, advogados e lojas do comércio em geral. ”, nos remete a Marx, pois em suas declarações constam a experiência de ter trabalhado no Distrito Industrial, e de como esta experiência influenciou em suas escolhas após a saída dos mesmos das empresas do D.I.

Interessante observar que Ricardo Antunes (2004, p.33) na obra *A dialética do trabalho* quando Marx diz que “os meios de trabalho não são os mediadores do grau de desenvolvimento da força de trabalho humana, mas também indicadores das condições sociais nas quais se trabalha. ” É interessante porque a todo tempo estamos falando de um movimento dialético diferente ao que o capital tem realizado em sua trajetória: produção, venda, consumo, descarte. Falamos de algo diferente: produção, venda, consumo, reaproveitamento, consumo, descarte sem prejuízo ao meio ambiente. São as condições ambientais, que em nossos dias tem determinado os caminhos do processo produtivo.

Claro que as máquinas são mediadoras na execução de muitos serviços desempenhados no mundo vivido da era moderna. No entanto, ao mesmo tempo que elas marcam uma geração que não quer se desfazer delas e prolongam sua vida útil no conserto, refazem a experiência do dono do aparelho e de quem o conserta.

Lembrando Marx (1975, p.116), quando explica trabalho produtivo se tratando de serviço, detectamos trabalho produtivo, pois ele prestou serviço para a indústria “Nokia, Plastron”. E ainda presta serviço para o capitalista quando fala dos profissionais liberais para quem vende o seu serviço e ainda para as “lojas do comercio em geral”.

Examinaremos a entrevista do Sr. H., que da mesma forma foi entrevistado em casa no bairro do Japiim. O Sr. H. se encontra na faixa entre os 54 a 59 anos, mora em uma casa que há algum tempo se encontra em construção. Esta casa é ampla com um pátio na frente e outro atrás, com duas entradas pois localiza-se em uma esquina. Mora com a esposa e com os dois filhos desta união. Ele trabalha em casa possuindo uma

bancada que fica no pátio de trás da casa com um pequeno armário onde guarda algumas peças de reposição.

Indagamos acerca do que ele faz? “Conserto os mais variados tipos de equipamentos.”

Qual ramo em que trabalha? “Trabalho com TV de tubo, som, teclado e eletroeletrônico em geral.”

Há quanto tempo? “Tenho 36 anos de profissão.”

Se já tentou mudar de ramo? “Pensei. Mas não fiz nenhuma tentativa efetiva”.

E por que não deu certo continuando como técnico? Como fazem? É um hobby? “Comecei a apresentar problemas de saúde, e o serviço passou a me exigir mais da visão.” No caso do Sr. H é um pouco diferente, como ele tem experiência com um determinado nicho de tecnologia ele precisa ter uma boa visão para desempenhar sua função de maneira satisfatória, isto por causa dos transistores que com o passar dos anos se tornaram cada vez menores.

Conforme Pinto (2005, p.205), “o homem se organiza, resolvendo as contradições com o mundo [...] a resolução de uma contradição existencial”. Para o entrevistado é difícil conceber mudanças drásticas por conta das circunstâncias sociais em que é produto. Sua geração vem de um tempo onde as pessoas permaneciam no mesmo emprego desde bem jovens até aposentar-se fazendo as mesmas coisas da mesma maneira ou com poucas alterações. A contradição que este indivíduo vive em consequência de não ter conseguido ainda se aposentar é precisar trabalhar para atender suas necessidades.

Por outro lado, está a dinâmica do mercado que tem demandado um profissional com atualização das novas tecnologias. Processo de transformação de continuo movimento dialético que as novas gerações têm absorvido e encarado de outra forma.

Com esta fala podemos observar a dialética da própria técnica em sua negação. Pinto (2005, p. 208 e 209) quando diz que “a técnica tem sempre valor revolucionário, porquanto consiste num aspecto da ação humana sobre a realidade, ação que nunca chega a um termo final e por isso encontra no próprio sucesso o estímulo para a sua negação”. Por sua dinâmica em movimento ela mesma se supera a cada atualização.

O Sr. “se sente junto a si” – sente satisfação no que faz? Onde faz? “Sim. De ambos os lados. Faço em casa. Sim, sinto satisfação em fazer o que faço, mas não financeiramente.”

E é gratificante financeiramente? “Já foi. Quando trabalhei na Sharp entre os anos de 1973 e 1977 e ainda na CCE entre 1977 e 1983. Nessa época eu ganhava entre 2 vezes e 3 vezes mais de quem trabalhava na linha de produção. Mesmo nesta época eu trabalhava em casa atendendo amigos, vizinhos e conhecidos. Tenho experiência com TV a válvula, depois trabalhei toda a fase dos TV’s preto e branco a transistores e em seguida logo veio os TV’s coloridos.”

E atende às necessidades? Qual a frequência dos serviços? Se é uma atividade principal? Se tem outra atividade, qual é? “Não está mais atendendo minhas necessidades no momento. Sim, é minha atividade principal. Varia muito. Numa média de 2 serviços por semana.”

Tem ajudantes? Grau de parentesco do ajudante (Nível escolar do ajudante)? Se atende a domicílio? “Não tenho ajudantes. Não atendo a domicílio pela dificuldade que tenho de levar comigo as ferramentas e as peças sobresselentes.”

O Sr. conhece os seus clientes? “São conhecidos e outra parte são indicações do interior.”

O segundo entrevistado pegou o Distrito Industrial em sua gênese, chegou a trabalhar com TV a válvula e ainda com aquelas que tinham caixa de madeira. Acompanhando todo o desenvolvimento tecnológico até a sua saída do Distrito Industrial. No entanto, percebeu a necessidade dos seus serviços para as populações ribeirinhas que obtinham esta tecnologia, mas não tinham como mandar fazer reparos.

Vejamos aqui o testemunho das vias de descarte e reutilização da tecnologia em nossos dias. Conforme as novidades tecnológicas vão sendo disponibilizadas no mercado local, aparelhos ainda em perfeitas condições são comercializados ou mesmo enviados para comunidades humildes do interior. E isto acontece, de acordo com a pesquisa realizada sobre os REEE – Resíduos de Equipamentos de Eletro Eletrônicos, em outras partes do planeta da mesma forma. No entanto, foge a análise em questão.

Qual o perfil do cliente que o senhor atende? “É um perfil eclético, pessoas do interior me mandaram já 2 TV’s do interior. Em 1986 me ofereceram para pagar para mim as passagens para ir a Guiana Inglesa. Mas não aceitei. Nessa época eu já tinha família e filhos e não conseguiria viver longe deles.”

Contemplando o discurso saudosista do Sr. H., observamos que ele é o típico técnico eletrônico que esteve em alta até o final dos anos 1990. Este profissional pegou a Zona Franca em franco crescimento e também suas crises como a da década de 1980 e

ainda da década seguinte a esta por conta das transformações econômicas e históricas que a Cidade de Manaus passou no final do século XX.

Na declaração que faz sobre suas experiências no Distrito Industrial observamos um pouco de ranço de um período áureo que aparentemente ficou para trás. É interessante notar que mesmo tendo acompanhado a evolução tecnológica das televisões de seu tempo, depois de um tempo não teve mais interesse em acompanhar a tecnologia. Muito embora não tenha muitos serviços, ele ainda dá conta de uma demanda de clientes que possuem aparelhos antigos que não estão mais nas prateleiras das lojas à venda

Vejamos que quando disse que tem clientes no interior do Estado, nos remeteu às dificuldades em que as comunidades do interior possuem para terem acesso ao mobiliário moderno e suas tecnologias. Em nossos dias ainda é comum comunidades ribeirinhas viverem a base de gerador de energia, o que não proporciona o fornecimento de energia permanente. Essa instabilidade geralmente ocasiona a queima de aparelhos como TV's, geladeiras, ventiladores, entre outros. Tornando este profissional para estas comunidades algo muito importante para ser motivado a sua migração.

Da mesma forma que o outro entrevistado, podemos observar o bricoleur em ação quando o mesmo descreve seu trabalho: “Trabalho com TV de tubo, aparelhagem de som com toca discos de vinil, teclado e eletroeletrônico em geral.” E de acordo com o que vimos e descrevemos, sua bancada é lugar importante e de criação. Ele se sente desanimado quando aparece um problema que não consegue resolver e ao mesmo tempo em que consulta o seu estoque de conhecimento técnico e de peças contemplamos a adaptação de peças entre outros modelos próximos. Seu desânimo também está ligado aos poucos serviços que tem chegado semanalmente.

Pelo que o Sr. H. descreveu, todos os seus clientes são consumidores finais. Remetendo-nos ao que assinala Marx (1976, p.116), ou seja, mesmo aplicando novo valor de uso, no caso do Sr. H em questão, ele apenas produz trabalho improdutivo. Pois não trabalha diretamente para um capitalista como na entrevista anterior. Seu trabalho só se torna produtivo quando ele conserta algum aparelho para revenda.

Diferente do Artesão, exemplo do próprio autor, que está totalmente fora dessa troca, pois diretamente não é dinheiro trabalho, mas sim dinheiro e mercadoria. Logo, quando o trabalho do técnico eletrônico é improdutivo ele se assemelha ao do artesão. Por isso, quando conserta aparelhos ele troca dinheiro por uma mercadoria que após ser

consertada poderá ser revendida como um “aparelho de segunda mão”, isto para o caso do dono não vir buscá-lo.

De outra forma este indivíduo contribui para o processo produtivo. Quando aplica trabalho em um objeto que iria para o lixo trazendo de volta seu valor de uso e até o seu valor de troca, colabora com o escoamento de peças de reposição, e ou encalhadas nos meandros da linha produtiva e ainda na revenda de peças usadas.

Mesmo com o desalento de nosso segundo entrevistado, que nos remetem a Marx quando cita Thomas Hobbes: “O valor de um homem é, como para todas as outras coisas, o seu preço, isto é, o que se pagaria pelo uso de sua força”. A tristeza dele é exatamente o resultado do descarte da força humana que não consegue mais acompanhar o ritmo da fábrica, e que da mesma forma sua experiência não é mais necessária. Não só por ser seu meio de sustento, mas por sua clientela reduzir e não ter mais de onde tirar o sustento de sua casa, faltando ainda alguns anos para se aposentar. (ANTUNES, 2004, p.69).

E por fim, Sennett (2009, p.131) descreve que o ‘moderno artífice’ precisa das “Sete lâmpadas da arquitetura”, Ruskin é quem fornece estas orientações. Basicamente são: “lâmpada do sacrifício” – que se refere a dedicação; “lâmpada da verdade” – a aceitação da realidade mesmo com dificuldades; “lâmpada do poder” – é tempero e ao foco de forças desempenhadas; “lâmpada da beleza” – que se refere aos detalhes e minúcias; “lâmpada da vida” – que se refere a força e luta diária; “lâmpada da memória” – experiência; e por último a “lâmpada da obediência” – obediência ao mestre e seus ensinamentos.

#### 2.4 O consertador de beira-de-esquina e o trabalhador autônomo segundo Ricardo Antunes

Lembremo-nos ainda do contexto contemporâneo que Ricardo Antunes (2006 e 2013) na obra Riqueza e miséria do trabalho volumes I e II, apresenta em suas obras organizadas, trazendo estudos no campo do trabalho que aprofundam esta visão de Marx. E que tratam das peculiaridades da informalidade e que tem exaustivamente procurado entender essa nova situação do trabalho na passagem do século XX para o século XXI.

Na visão deste autor a flexibilização e a desregulamentação dos direitos sociais, assim como a terceirização e as novas formas de gestão do trabalho que convivem com remanescentes do fordismo, nada mais é que consequências diretas do neoliberalismo

que são características do caso brasileiro de economia. O que dialetizou com os processos de globalização e a reestruturação nos planos de carreira como aconteceu no caso bancário, por exemplo (ANTUNES 2006, p.19-22).

E é nesse contexto, que em conformidade com a classificação trabalhada por autores da sociologia moderna, surge uma nova categorização: *os trabalhadores por conta própria*. As formas de trabalho informal sempre foi uma prática para extração de mais valia absoluta, como pequenos ofícios e trabalho a domicílio. Portanto, as categorias *trabalhadores por conta própria* e também *autônomo* já estão no senso comum. O que em si mesmas não querem dizer muita coisa, apenas que o primeiro termo se trata dos que trabalham de maneira informal e sem patrão; e o segundo termo que não possuem vínculos empregatícios.

Diante destas categorias, foram pesquisadas outras que poderiam ser utilizadas na leitura do objeto em questão – o técnico em eletrônica. Sendo assim, nessa busca por uma categoria adequada as dificuldades começaram aparecendo e a literatura da sociologia do trabalho não forneceu exatamente o esperado para que fosse possível o fazer do artesanato sociológico. Vejamos outras categorias que poderiam ser aplicadas.

Na busca de uma categorização Ricardo Antunes nos propõe *a-classe-que vive-do-trabalho*. No seu livro *Os sentidos do trabalho* ele define que estes trabalhadores são tanto os de chão de fábrica quanto os de serviços. Em síntese, os excluídos do termo são: “os altos funcionários gestores do capital, que detêm papel de controle no processo de trabalho” (p.104). Ainda que Antunes (2002, p.61) defenda um progressivo processo de “intelectualização do trabalho manual”, o autor diferencia os trabalhadores intelectuais por tempo integral e outros trabalhadores manuais por tempo parcial, escapando ao objeto em questão. Por isso, essa categoria quanto ao objeto que pretendemos trabalhar é problemática, primeiro pela sua abrangência e ainda porque permanece na divisão de classes anterior ao da reestruturação produtiva. Ora, com o processo de reestruturação, vários setores da indústria foram terceirizados, oportunizando o aparecimento de prestadores de serviços que na sua maioria são precarizados e sem os devidos registros que a lei impõe. O que não exclui uma minoria de microempresários. Resultando na construção de seguimentos que Castells (1999) aborda como ‘formação de redes entre empresas’. Vejamos o que dizem outros autores.

Malaguti (2000), apresenta-nos a categoria *trabalhador independente*. De acordo com este autor esses trabalhadores são aqueles que além de possuírem sua força de trabalho, possuem ainda os meios para se trabalhar. Entretanto, de acordo com sua

pesquisa empírica, o autor constata que os sujeitos que pesquisara (vendedores e motorista de ônibus, mecânico e ambulantes) são dependentes de alguém. Geralmente, quem vende depende de alguém que lhe passa a mercadoria. Sendo assim, o uso dessa categoria também apresenta problemas, pois os consertadores (ao menos alguns seguimentos observados) também dependem de um mercado de peças, e assim fica difícil usar essa categoria se o agente *depende* de alguém.

Luciano Vassapollo (2005) na obra *O trabalho atípico e a precariedade*, categoriza o *trabalho atípico*. Apesar de ser um autor diferente dos anteriores (brasileiros), pois se trata de um autor que forja sua categoria no atual cenário Italiano, cenário este de precarização do trabalho e novas formas de reprodução social. Sob essas condições ele define o trabalho atípico incluindo “todas as formas de prestação de serviço, diferentes do modelo padrão, ou seja, do trabalho efetivo, com garantias formais e contratuais, por tempo indeterminado e *full-time*” (p.34). Em outras palavras esse trabalhador atípico trata-se daqueles que não são o modelo típico que a sociedade europeia já consagrou com todos os direitos garantidos por lei. Mais uma vez vemos uma categoria ‘guarda-chuva’ que envolve uma multidão de profissionais e acaba pouco dizendo sobre eles.

Diante de categorias tão amplas, e ainda com a ideia fixa de que o serviço do técnico em eletrônica parecia com o do artesão, com a leitura de Sennett (2009) contemplamos desde o ator entendido por ele como artífice até o lugar onde o mesmo realiza sua profissão – a oficina. Com Sennett (2009), entendemos que o trabalho artesanal é aquele desenvolvido por um profissional com um “alto grau” de aptidão. E que é aprendido pela repetência tornando-o um especialista no que faz. Um misto de mestre e artista, seu trabalho é construído através de circunstâncias dadas em um lugar específico: a oficina. Lá acontece durante a feitura de seu serviço a composição de conhecimento, na aplicação do uso de ferramentas específicas – que são as extensões especializadas na aplicação do seu conhecimento. Seus serviços são de extraordinária importância nos dias de hoje.

Ser flexível na legislação foi pré-requisito para o recebimento de capital estrangeiro para muitos países entre as singulares décadas de 1960 e 1970. O que significou dizer, com flexibilização de direitos, o uso de carteira de trabalho apenas para anotações gerais. Em uma visão mais ampla, esse processo significou ao mesmo tempo que emprega tecnologias de ponta, desemprega trabalhadores desqualificados, mas com avanços drásticos em nações no mundo.

Neste sentido, de uma maneira geral, o autor aponta que o processo de individualização do trabalho torna-se paradigma nesta nova fase. Proporcionando vantagens ao empresariado, pois tem como barganhar salários até mesmo de uma única categoria de acordo com sua avaliação dos currículos individualmente. Do outro lado da moeda, o trabalhador, explorado, com um salário que não dá para manter suas necessidades, e que muitas vezes não dá nem para manter o mísero salário, em consequência da concorrência com outros trabalhadores. Sendo forçado a desempenhar outros trabalhos de meio expediente para complementar a renda familiar.

Diante deste contexto, o autor (Antunes 2006, p. 36-7) aponta desdobramentos impactantes. Em primeiro lugar, mesmo para economias de primeiro mundo há altas taxas de desemprego. Portanto, uma necessidade de se observar quesitos que requerem análise apontados por ele: 1) Circunstâncias socioeconômicas locais; 2) posição relativa na estrutura de produção de capital e 3) a maturidade relativa do desenvolvimento sócio-histórico global.

Diferenciando cada país de acordo com este quesito em questão, o Brasil é o mais complexo por se tratar de um país de vários acordos multilaterais; no primeiro quesito já encontramos dificuldades porque cada região do país tem uma circunstância socioeconômica muito diferente, que demanda estratégias diferentes para cada intervenção; no segundo estamos relativamente na posição de apenas montadores, com dependência exclusiva da tecnologia vinda dos países de primeiro mundo; e terceiro quesito, não tem nem como ter essa “maturidade”, levando em consideração que o desenvolvimento industrial no Brasil tem menos de 100 anos.

É preocupante constatar que o desemprego em massa no Brasil atribui-lhe 4º lugar entre os países mais desempregados, segundo Márcio Pochmann (Antunes 2006, p.60). Remontando um processo de desassalariamento no Brasil. O que aparece como uma forte redução de assalariamento e que continua aumentando desde 1990. Logo para este autor o trabalho por conta própria se caracteriza pelo portador ter condições de trabalho e de remuneração precarizada como única alternativa de sobrevivência.

Portanto, para Mészáros (Antunes 2006, p. 40-1), o retorno da mais valia absoluta é uma estratégia para manter as margens de lucros. E é este mecanismo de exploração da mais valia absoluta que historicamente vem sendo usada como válvula de escape durante toda a história. O diferente é que contemporaneamente retrata a maior intervenção estatal em favor dos empresários, mais do que nunca se ouviu falar.

No volume II, Antunes (2013, p. 14-15) faz um esboço para uma fenomenologia da informalidade apresentando sua tese central de que “o mundo contemporâneo vem assistindo a ampliação de seu mecanismo de funcionamento, no qual o papel do trabalho é emblemático”. E aponta para a hipótese de que “essa aparente invisibilidade do trabalho é a expressão fenomênica que encobre a real geração de mais-valor em praticamente todas as esferas do mundo laboral nas quais ele possa ser realizado”.

E com esta visão de Antunes, percebemos esta forma de trabalho está se ampliando, ultrapassando as barreiras do terceiro mundo. De forma que mesmo com esta “aparente” dissociação com os processos de produção do mundo moderno, o capitalismo tem se refeito nas formas de trabalho no modo da informalidade e principalmente dos serviços para continuar em pleno funcionamento.

E isto ocorre de forma estrutural, pois a técnica que permeia todo o mundo racionalizado e instrumentalizado moderno tem modificado as formas de inserção e permanência no mercado de trabalho. E isto podemos ver bem claramente principalmente pela mudança e reestruturação produtiva que ocorreu entre os anos de 1970 e 1980.

Outro fator são os cursos técnicos que tem se multiplicado e se diversificado em várias áreas de conhecimento de forma a proporcionar um exército de reserva vultoso. E nesses mecanismos de tecnificação do saber a educação tem se instrumentalizado ao ponto de oferecer condições de inserção de muitos no meio acadêmico, o que abre portas para outra discussão que no momento foge ao objetivo deste trabalho.

Conforme Antunes (2013, p.15-16), existem modos de ser da informalidade no Brasil, no qual o autor classificou e é o que em um destes se enquadra o nosso objeto em questão: os técnicos eletrônicos. O primeiro modo de ser da informalidade diz respeito aos trabalhadores informais tradicionais, que segundo o autor descreve como: “inseridos nas atividades que requerem baixa capitalização, buscando obter uma renda para consumo individual e familiar”.

Nesta primeira forma ele inclui os temporários e ocasionais, dos quais exemplifica com costureiras, pedreiros, jardineiros, vendedores ambulantes de artigos de consumo mais imediato como alimentos, vestuários, calçados e de consumo pessoal, camelôs de rua, empregadas domésticas, sapateiros e oficinas de reparos.

Neste ponto o autor descreve o objeto em questão em suas palavras:

Ainda neste espectro de atividades informais tradicionais encontram-se as pequenas oficinas de reparação e consertos, estruturadas e mantidas pela clientela do bairro ou por relações pessoais. Inserida na divisão social do trabalho capitalista, essa gama de trabalhadores informais contribui: “para

que se efetive a circulação de consumo das mercadorias produzidas pelas empresas capitalistas. A forma de inserção no trabalho informal é extremamente precária e caracterizando-se por uma renda muito baixa, além de não garantir o acesso aos direitos sociais e trabalhistas básicos [...] se ficarem doentes, são forçados a parar de trabalhar, perdendo integralmente sua fonte de renda”. Citando Alves e Tavares.

Diante desta descrição, um trabalho extremamente precarizado e sem garantias nenhuma. Formando uma camada de profissionais que estão habilitados para reaproveitar peças e ainda fazer mudanças precisas na engenharia de processos de muitas empresas. No entanto, já foram descartados do mercado por diversos fatores, seja por causa da idade ou mesmo pelas formas de administração de pessoal das empresas, este profissional tem sido inserido em uma nova dinâmica.

Há mais dois modos de trabalho informal que o autor enumera: no segundo modo de ser da informalidade remete a figura de trabalhadores informais assalariados sem registro. O autor exemplifica com as formas de subcontratação para a montagem de bens e produção de serviços, distribuição de vens através do comércio de rua ou de ambulantes.

O terceiro modo de ser da informalidade é praticado por trabalhadores informais por conta própria, uma variante de produtores simples de mercadorias. Exemplifica com pequenos produtores que utilizam a força de trabalho familiar e pode subcontratar mão de obra assalariada. Dos quais o exemplo clássico são pequenos negócios, envolvendo áreas de produção e prestação de serviços.

Na visão do autor estes são potencialmente produtores de mais valor relativo e mais valor absoluto, forma que o autor adotou as mesmas nomenclaturas utilizadas no Grundrisse. Portanto, a partir do momento que houve a ruptura dos laços formais das formas de contratação, legislação e administração de pessoal, para além de uma precarização das formas de trabalho, há a volta da extração da mais valia absoluta.

E é na complexificação da lifiolização do trabalho, seja ele combinado entre as mais variadas formas de contratação e prestação de serviços nos deparamos em um momento novo. O que o autor descreve como “perda do trabalho vivo, muito embora não significado da perda da centralidade do trabalho abstrato, o que há muito deixou de ser uma agregação individual do trabalho para se converter em trabalho social”.

Discordando com o autor em parte, pois diante da pesquisa como os técnicos eletrônicos o trabalho abstrato não perdeu sua centralidade, aliás este é o momento que mais se está utilizando o trabalho abstrato por conta da tecnificação do mundo vivido. Sem dúvidas que se complexificou e se intensificou combinando-se com os avanços

tecnológicos-informacionais-digital, mas este é um desdobramento justamente da reificação da técnica na sociedade moderna.

Resultado do processo de exclusão do mundo moderno este trabalhador informal nada mais é que um produto das mudanças políticas, econômicas, sociais, culturais e da Redivisão Internacional do Trabalho deste novo tempo. O que resulta no prolongamento da cadeia produtiva, onde os serviços de manutenção e reparos fazem parte de um ramo de serviços que não faz mais parte da indústria diretamente.

As exigências das indústrias em requerer paradoxalmente um novo perfil de trabalhador: o altamente qualificado<sup>21</sup>, esperto a aprender e rápido o que pode ser ensinado em algumas horas, podendo operar em várias posições, assim como em várias máquinas e processos produtivos. Muito embora este indivíduo precise ter a bagagem de cursos de qualidade, um segundo e até terceiro idioma, ter iniciativa e espírito de liderança.

Esse trabalhador está em constante treinamento e requalificação, a serviço de uma indústria que agora se caracteriza pela produção enxuta, sem estoques, sem grandes produções, aliás, voltada para os nichos de mercado, e fisicamente dividida. Interligada por redes de relacionamentos, projetos e parcerias. É nessas redes de relacionamento profissional que se seleciona fornecedores e prestadores de serviços.

Logo, explorado de todas as formas, tomando assim a iniciativa de trabalhar por conta própria a oportunidade de liberdade profissional algo a ser alcançado. Importante pontuar, ainda que com apoio de órgãos como o Sebrae para o pequeno negócio, ainda é um grande desafio abrir uma empresa no Brasil de forma legal. De uma forma ou de outra, o trabalhador ainda tem que garantir seu lugar na empresa diante da concorrência com outros.

Enfim, somente uma lei permanece em vigência sem qualquer questionamento: A Livre Concorrência! Principalmente quando se trata de seleção e contratação de pessoal. É nesse contexto, que em conformidade com a classificação trabalhada por estes autores surge um novo sujeito: *os trabalhadores por conta própria*. As formas de trabalho informal sempre foram uma prática para extração de mais valia absoluta, como nos pequenos ofícios e o trabalho prestado a domicílio.

De forma que, entende-se que essa força de trabalho é explorada pelo capital e ainda garante a entrega de seu produto ou serviço dentro dos prazos estabelecidos; sem

---

<sup>21</sup> Ora, não somente qualificado, mas extremamente flexível, autônomo – para tomar decisões importantes que influenciarão a produção.

vínculo empregatício somente contratos por tempo determinado, de caráter terceirizado e quadrinizado, ou parcerias: este é o que alguns conhecem por “técnico de beira de esquina”.

Esses profissionais do conserto<sup>22</sup> atuam em áreas que não atraem investimentos de maior vulto de modo a atender a demanda de bens e serviços – confundidos muitas vezes com familiares e pequenos trabalhadores temporários, assumem alguns riscos das grandes empresas que cada vez mais racionalizam os processos de produção para diminuir custos e tornarem-se mais competitivas. Trabalham em diversas áreas, não somente na de eletroeletrônico.

De uma maneira geral, são ex-funcionários que abrem pequenas ‘fabriquetas’ onde produzem parcialmente em uma ou duas linhas parte ou peças montadas que irão fazer parte de linhas maiores nas fábricas onde um dia fizeram parte. Portanto, se tornam fornecedores de peças pré-montadas.

O que efetiva veementemente um prolongamento do ciclo do capital, no movimento dialético de reestruturação produtiva. Ainda que não seja uma profissão reconhecida socialmente, possui um lugar efetivo na cadeia produtiva, colaborando com reutilização de bens com readaptação e escoamento de peças. E por fim, colaboram com mais uma subsunção real dessas mercadorias que no ciclo do capital estariam condenadas ao descarte.

Porquanto, de outro modo, é um trabalhador que muitos talvez conheçam como “quebra-galho”, ou ainda uma segunda opção além da primeira que são as assistências técnicas autorizadas, que em sua maioria, por serem autorizadas cobram um valor caro para a manutenção de bens. Geralmente, eles são bem acessíveis, estão por toda parte e consertam uma variedade de coisas.

Suas oficinas, em alguns casos se aproximam à de um ferro velho – porque o lugar se apresenta numa organização ininteligível para muitos –, pois existe uma gama diversificada de ramos em que atuam. Desde os que consertam geladeiras, rádios, condicionadores de ar, celulares, carros, etc. Até porque ninguém joga fora um carro porque quebrou, Split de ar ou um barco, ou moto.

E porque não dizer que até no sucateiro pode-se encontrar um consertador de beira de esquina, pois se até mesmo no ferro velho automotivo se vendem peças

---

<sup>22</sup> Até aqui temos utilizado artesão/artífice, o técnico eletrônico, mas ele cabe perfeitamente no conceito de Bricoleur.

recauchutadas para o imprevisto de muitos motoristas que estejam precisando de uma peça para substituir e não possuem a devida condição financeira para uma nova.

E ainda, muitas vezes as peças necessárias não se encontram à venda nas concessionárias e aí entra o setor de peças recondiçionadas ou simplesmente disponíveis em bom estado no ferro velho. Derivado vez por outra de desmonte de carros, nem todas as vezes todas as peças se danificam em um acidente, demandando a avaliação de um bom técnico para testar se a peça ainda tem condições de uso e posteriormente para revenda.

O trabalhador de “Beira de esquina” explica-se pela facilidade com que o encontramos, e também porque se trata de um serviço aparentemente ‘não confiável’, mas quando atestada a eficiência do serviço por outros clientes, este se legitima. O que retrata normalmente uma clientela fidelizada e estritamente conhecida ou indicada por quem conhece o seu trabalho. Uma clientela que confia em seus serviços e faz a propaganda boca-a-boca. Trabalha na reutilização de peças que ainda possuam condições de uso, em alguns casos vendem as peças recauchutadas ou monta de três carcaças um aparelho ‘novo’ para venda.

Nesse barateamento de conserto, ele sai completamente da lógica do capital, que é consumir mais e descartar, e consumir mais e mais. Neste sentido, ele complementa o sistema da venda de mercadoria com os serviços especializados

Mesmo que apelos ecologistas tenham refreado um pouco essa dinâmica, responsabilizando os empresários de multinacionais no descarte de seus produtos, principalmente os eletroeletrônicos, mais difíceis se torna à absorção e reciclagem da natureza, com grande escassez em reservas naturais das mais diversas. Matéria prima que são compostas partes importantes de muitos bens.

O capitalismo não opera apenas descartando, mas fazendo manutenção. Assim não haveria oficinas tão especializadas como vemos atualmente: funilaria, pintura, eletricidade, suspensão, etc. nos casos dos carros. E ainda para a contemporaneidade, a tendência do lixo é de ser cada vez mais separado, reaproveitado e reciclado.

Esse trabalhador existiu em outras épocas, mas assumindo outras formas. Quando a indústria ainda estava em sua fase manufatureira, esse trabalhador era o que fabricava e ao mesmo tempo reparava os posteriores defeitos. Com o crescimento da indústria e a Divisão Internacional do Trabalho, passou a ser um especialista, a saber, o técnico, e na era moderna ele passou a se chamar de assistência técnica.

Porém, o capitalismo sempre mantém seu exército de reserva seja para mais ou um pouco menos – isso não importa. O que interessa é que esse exército de reserva com as sucessivas crises tem habilitado-se em técnicas de produção e reprodução da categoria dos técnicos eletrônicos que até o momento tem passado despercebido.

E muito mais como consequência do advento do toyotismo, e a busca incessante da indústria em enxugar todos e quaisquer gastos, fato é que esse exército de reserva se encontra muito mais qualificado e ainda munido de novas tecnologias da informação, dos quais tem se habilitado a acessar informações reciclando-se das inovações tecnológicas.

Aliás é nessa corrida que integra o novo e o ultrapassado que muitas quinquilharias têm sido desprezadas no decorrer da história, formando cemitérios de coisas, consequentemente ocupando espaço e tornando-se em diversas formas entulho. E ainda um grande problema para os governos que apesar das iniciativas pontuais referentes aos movimentos de reciclagem e separação de resíduos, ainda estão longe de dar conta de quanto é produzido diariamente no que se diz de lixo na cidade de Manaus.

Essas novas tecnologias da informação têm permitindo que alguns tenham a oportunidade de trabalhar em casa. O que num período anterior a década de 1970 era impensável. De sorte que este trabalhador, além de dar conta de uma necessidade coletiva de conserto de um determinado bem ou bens, por um valor muito a baixo em comparação ao da assistência técnica, tem aumentado a vida útil, ele ainda evita a compra de um novo bem. Muitas das vezes se envia para o conserto bens que são muito caros para adquirir ou ainda aqueles que não estão mais disponíveis para a venda, no caso peças que seus donos possuem uma espécie de ‘apego’.

Nos nossos dias a figura do especialista tem em sua figura o espectro do artesão, que outrora participava da vida da comunidade ativamente, de maneira política, social e religiosa. No raiar da era moderna, o ‘amador’ foi perdendo seu espaço, mas não deixou de existir. Às vezes como indivíduo principal da indústria nascente, e contemporaneamente como ‘apêndice’ estratégico importantíssimo da indústria nos momentos de crise em que o capitalismo volta e meia tem que superar.

Destarte, os especialistas formam consigo um grupo, o que o autor vai chamar de sociáveis e os antissociais. Muito embora, são grupos consolidados com uma linguagem própria, um campo de conhecimento e até instituições de pesquisa definidas, a busca pela excelência cristaliza-se na consolidação de carreiras e de descobertas, em nossos dias, nas publicações em revistas especializadas ou livros.

Ainda que o autor classifique como antissocial o especialista que faz parte de uma instituição que não esteja “bem” em sua estrutura, ser antissocial também irá definir a entrada e a permanência no “campo” de conhecimento. Aferindo a escolha de novos aprendizes como outrora na época das guildas. Separando assim, os experientes dos inexperientes.

## 2.5 *Bricoleur* moderno

Apesar das transformações do mundo moderno no aparecimento de tecnologias capazes de fazer o trabalho humano, este não será totalmente substituído por máquinas como preveem alguns. Autores como Weber (1968) e Marx (1996) mencionam a vontade dos burgueses que isto aconteça de fato. Herbert Marcuse (1969) e André Gorz (2001) também abordam que a tecnologia tem um potencial produtivo no processo industrial. A verdade é que mesmo a burguesia de hoje não concebe o trabalho manual em suas dimensões mais finas, onde se realiza o movimento dialético entre o indivíduo e a técnica.

Mesmo com a existência da inteligência artificial, as máquinas farão o que estiver em suas programações. De forma que, não ficarão entre tentativas e erros, mas executarão o que estiver determinado a ser feito. Diferentemente do indivíduo que mesmo conhecendo o procedimento de como se faz, vai analisar as condições e as possibilidades de ser feito e se não der certo, vai buscar uma nova forma para fazê-lo.

A visão do *Bricoleur* moderno vem com as bases de conhecimento para descobrir novas formas de proceder, quer seja na cultura de consertar o que ficou danificado, quer seja no reaproveitamento de coisas. Vemos o simulacro do artesão/artífice, pela virtude de recompor bens com sua técnica e experiente talento manual. Nisto compõe o “corolário físico da força mínima” (Sennett, 2009 p.188), se tratando da habilidade de administrar a força de seus braços e mãos de acordo com a necessidade, em gestos precisos localizados.

Isso implica ter aprendido a habilidade não só do controle de força, mas de concentração. O que resulta em um ritmo de trabalho diferente. Esses detalhes de observação, análise do problema, associação com as técnicas e peças disponíveis, na aplicação do desmonte e remontagem, requer o que Sennett (2009, p.235) chama de “salto intuitivo”. A saber, “reformatação, proximidade, surpresa e gravidade”.

Diante desse quadro analítico retomemos Weber (2003) na obra *Ética protestante e o espírito capitalista*, e ao seu método que nos diz que o que nos interessa é a significação do fato histórico, e como nos oferece meios de exposição, na busca somente da parte finita da infinita possibilidade de explicação. De que se foquem as conexões causais concretas do problema que se quer investigar, assim empregando as leis como um meio na busca do conhecimento da realidade (p.93/94).

Logo, :

Obtém-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou vários pontos de vista, e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos isoladamente dados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de se formar um quadro homogêneo de pensamento. (p.106)

No esforço de trazer o tipo ideal do artesão para discussão, utilizamos Marx e Arendt que dão conta dessa tipificação teórica para analisar por fim, o empírico. Remontam a relação do homem com a natureza no processo de hominização. Processo este que envolve dialeticamente a cultura, a técnica, a natureza e o homem. Resultado das condições sócio metabólicas o bem material é o concreto imanente desta relação.

Na medida em que a indústria se maquiniza e até se robotiza, o operário vai cada vez mais acompanhando o ritmo tanto físico quanto intelectual durante o processo produtivo. Logo, no processo fabril o homem ajusta-se a máquina e no processo artesanal a máquina ajusta-se ao homem. Remetendo-nos a Marx (1996) no *Capital*, parafraseamos que, ainda que a matéria-prima pertença ao capitalista assim como o trabalho, nessa nova conjuntura de trabalho de trabalho hifenizado<sup>23</sup>.

O capitalista, por meio de um novo mecanismo de relação trabalhista não possui mais o controle do trabalho, restando apenas ao capitalista em uma negociação de compra/venda adquirindo o produto, mediante o oferecimento de “alguma qualidade”, produzido por pequenos fornecedores para a montagem de seu produto final. Esta é a produção hifenizada, necessária para a economia e que vai fazer toda a diferença na constituição de lucro.

É com esse quadro que voltaremos ao perfil de artesãos descritos por Arendt e por Marx. De forma que observamos que em muitos pontos os dois concordam quando

---

<sup>23</sup> O trabalho hifenizado se trata de prestadores de serviços que prolongam o processo produtivo de forma autônoma. Prestando serviços por exemplo de pre-montagem de algumas linhas de indústria maiores. Por exemplo, a Moto Honda possui uma rede de fornecedores exclusivos dela.

se trata da atividade de artesão/artífice. Nesse sentido, este indivíduo está ligado ao mesmo tempo a técnica (inteligência operacional), a oficina e as condições sociais do mundo vivido.

Dentre os pontos de confluência, os autores entendem que ser artesão é viver dessa atividade para sobrevivência. Assim como entendem que essa atividade lhe serve para sustento de suas famílias. Ainda que Arendt diferencie o labor do trabalho, sendo que a atividade do artesão é o labor, para Marx o trabalho é para o artesão, pois no nascimento da manufatura, os artesãos ainda estavam dentro das oficinas, no entanto, começavam a especializar-se em partes do processo produtivo.

Embora, Marx tenha visto o nascimento da indústria moderna, ele descreve com detalhes que os ofícios e oficinas pertenciam aos artesãos da mesma maneira que suas ferramentas, seu conhecimento e seu tempo.

Vale ressaltar que para Arendt, trabalhar significa que o indivíduo trabalha sobre e não se mistura com. O que para Marx diferencia o artesão do trabalhador, de forma que o artesão é aquele que detêm poder no processo produtivo, no conhecimento, nas ferramentas e na aplicação de tempo para o desenvolvimento da atividade. Já o trabalhador para este autor, é aquele que vende sua força de trabalho e é apenas esta que conta para reprodução de sua existência.

Embora, Arendt (2008) e Grint (1998) na obra *O que é o trabalho?*, mencionem o trabalho escravo, para elas este tipo de trabalho é apenas uma forma de extensão do trabalho humano, até porque esse tipo de trabalhador era considerado como coisa, e não como indivíduo. O que para Marx este tipo de trabalho faça parte do processo de acumulação primitiva que os países do velho mundo se utilizaram para acumular riquezas e pagar as dívidas da realeza.

Em comparação com a modernidade, quase nada mudou quanto às formas de acumulação, exploração e exclusão. Levemos em conta que mesmo nos primeiros anos do século XXI, ainda podemos encontrar trabalho escravo, infantil e marginalização de populações pobres e desnutridas.

Assim, a produção hifenizada traduz-se em precarização das formas de produção e por conseguinte dos meios de sobrevivência dos trabalhadores. Trata-se nesse contexto de reconfiguração e ressignificação dos meios de produção e reprodução social. Principalmente, quando a indústria para reduzir a zero seus custos, começa a particionar o processo de produção ao ponto de alugar até a marca – este é o franchise.

Diante disso, vejamos o que diz Lévi-Strauss sobre o trabalho peculiar de alguns trabalhadores atuais, nesse sentido, que:

O bricoleur é aquele que trabalha com suas mãos, utilizando meios indiretos se comparado com os artistas. (...) O bricoleur é o que executa um trabalho usando meios e expedientes que denunciam a ausência de um plano preconcebido e se afastam dos processos e normas adotados pela técnica. (p.32)

O *bricoleur* na visão de Lévi-Strauss é uma espécie de ‘artesão’, contudo ele trabalha com muitas coisas que encontra, as cataloga e guarda, para em um momento oportuno utilizá-la. Nessa montagem de muitas coisas identificamos o indivíduo em questão, pois este também trabalha com estoque de peças, monta às vezes peças de dois aparelhos para sair um inteiro. Embora parecido com a descrição de Arendt e Marx, o *Bricoleur* moderno em algumas situações, está limitado ao processo produtivo.

Isto não significa que o artesão/artífice esteja completamente em extinção. Muito pelo contrário, alguns ainda existem ora como aliados da grande indústria, ora como pequenos empresários. Como é o caso, por exemplo, do ourives, do vidreiro, do relojoeiro e do fabricante de instrumentos musicais. Estes profissionais ainda se encontram, em algumas situações, em pequenas oficinas particulares oferecendo seus serviços.

E da mesma forma que o *bricoleur*, ele verifica a forma de como procederá ao realizar o seu trabalho, embora o próprio autor tenha sido pontual em sua descrição, este trabalho não é fiel a uma técnica. Por que o importante não são os meios, mas os fins em que se objetiva o seu trabalho.

Entendemos que o Bricoleur moderno, também não se utilize de uma só técnica, mas adquirindo peças por outros remanufaturadas que atendam suas necessidades, como por exemplo, no caso de ventiladores, esses trabalhadores configurariam um *bricoleur* do século XXI, que exerce um *trabalho artesanal*. Em outras palavras, é um profissional que tem um conhecimento específico e uma habilidade de trabalhar com ferramentas de precisão. E em determinadas situações, ainda com poder criativo de fazer do resíduo uma utilidade para atender necessidades.

Muito embora, observando que se trata de técnicos que possuem um determinado conhecimento, de determinados aparelhos, eles possuem suas ferramentas – possui o controle de suas ferramentas e do seu trabalho, seu local de trabalho próprio – seja em suas residências ou uma oficina alugada, trabalham sempre com as mãos e

geralmente possuem um estoque de peças para uma futura utilização que foge totalmente à concepção toyotista de fábrica sem estoques.

É certo que alguns não têm somente esta profissão como fonte de reprodução social principal, até por se tratar do baixo volume de serviços. Mas em alguns segmentos, é possível encontrar pequenos trabalhadores autônomos que vivem desse trabalho e fazem dele meio de satisfação para sua vida.

O que não foge ao indivíduo em questão, que oferece seus serviços apenas em situações em que há uma demanda social, de vez em quando surge a oportunidade de consertar alguma outra utilidade que esteja encostada num canto só aguardando uma peça, ou mesmo um modelo compatível, para ter um ‘novo’ produto a ser vendido.

Por fim, o Bricoleur moderno possui seu valor social na sociedade amazonense, para além do ‘quebra-galho’, ele faz parte como vetor comercial de peças e serviços. De um lado simboliza a necessidade de que todo ser humano precisa de ter o seu trabalho para seu sustento e de sua família, em ter uma “uma vida produtiva” lembrando Marx. O que implica em cidadania e acesso ao conhecimento e as condições mínimas de existência.

O Bricoleur é o resultado da reestruturação e redivisão internacional do trabalho. Continua ocupando lugar no processo de espoliação em uma dimensão estratificada e ainda um prolongamento do ciclo do capital. Com tudo isso podemos pontuar três aspectos que parecem contribuir na tipologia do trabalho no trato do setor de serviços. Estamos falando dos profissionais que prestam serviços autonomamente e retomam o processo em subsunção real.

Em primeiro lugar, o Bricoleur constitui o trabalho como *habitus econômico*. Conforme a construção histórica que vimos, desde a época pré-tecnológica até a contemporaneidade, este *habitus* tem sido fundamental no desenvolvimento e permanência do sistema do capitalismo.

Certo que, conforme o desenvolvimento da técnica no período pré-capitalista, o indivíduo apenas foi aprimorando e complexificando suas relações comerciais. Mesmo com o nascimento dos bancos para relações de grandes volumes de dinheiro, até então baseadas no valor do ouro, estas relações se adaptaram as novas demandas do mundo moderno. Principalmente na inserção de tecnologia para segurança nestas transações.

Para além do atendimento de necessidades particulares, é bom levar em consideração a herança cultural de povos antigos no trato do comércio. Seus produtos viajaram toda a Europa e Oriente, através das mulas, camelos e cavalos via terrestre e

depois por via marítima. Famílias que até um tempo próximo de nós eram conhecidas pelo que produziam e comercializavam.

Dos pães, vinhos, roupas e tecidos, produtos em couro, produtos em ouro, em prata, insufladores de vidros, luthiers, escultores, enfim, muitas áreas do conhecimento que foram ‘tecnificadas’, mas ainda possuem alguns mestres vivos herdeiros de um conhecimento que passou a ser algo para se deixar para a posteridade. Sua técnica e o papel social que desenvolveram sendo aprendizes em outras oficinas ou de seus pais.

O papel social desempenhado pelo Bricoleur, parafraseando Marcuse (1969) marca o processo histórico do desenvolvimento humano e este permanece como vetor no contínuo histórico entre a “Razão pré-tecnológica” e “Razão tecnológica”. Sendo o produto dialético no movimento entre a técnica, a cultura e o trabalho.

Desempenha o papel social como pilar motriz do capitalismo. É através do seu trabalho que forma outros para o serviço. Perpetua a existência de trabalhadores manuais, que exercem seu trabalho a partir de uma técnica que é constituída também por um toque pessoal que os identifica. Conseqüentemente, ele forma a base do controle da técnica e a organização social como um paradigma moderno, conforme Marcuse (1969).

De outra forma, em segundo lugar, o Bricoleur representa o *homo economicus* na forma de trabalho em todos os tempos. Muito embora, o indivíduo que estudamos se apresente como excluído do chão de fábrica, na verdade ele reitera o processo de sobrevivência do próprio capitalismo nos seus momentos de crise.

Na fragmentação do processo produtivo ele pode ter saído do chão de fábrica mas não do processo produtivo. Principalmente depois do processo de globalização e formação de redes de relacionamento empresarial, o Bricoleur passa a ter um papel importante na cadeia de serviços. As condições sociais e políticas também influenciaram nesta conjuntura. Associação com o neoliberalismo econômico e as estratégias de pensamento que o indivíduo é o único responsável por seu sucesso e felicidade. O Estado já não possui quase responsabilidades sociais.

Obviamente, só permanece quem teve oportunidade de formação e está se atualizando continuamente. De outra forma, os direitos trabalhistas que dantes foram motivos de tantas mobilizações, em nossos dias têm se tornado muito mais difícil. Por se encontrarem espalhados e ou quem está no chão de fábrica sob pressão de demissão o tempo todo, o sindicato perde sua força.

Sennett (2009), em sua obra ‘Corrosão do Caráter’ fala da mudança marcante do paradigma que trabalhadores de uma geração, na qual começavam ainda muito jovens, geralmente como aprendizes, a trabalhar, e lá só saíam da empresa aposentados. A geração seguinte precisa de mais qualificação, se permanecer por muito tempo não se tornou competitivo e estagnou.

O Bricoleur torna-se um segmento importante na circulação de peças, na manutenção de bens que possuem fins de consumo diversos e ainda na acessibilidade do seu serviço. Ainda se encaixa perfeitamente na dinâmica da flexibilização do trabalho sem garantias e ao mesmo tempo constitui uma manufatura que nunca deixou de existir.

Neste sentido, constituindo cadeias produtivas globais, conforme Dupas (1999). O Bricoleur é um prestador de serviços para clientes finais ou não. Transforma, readapta, conserta e até fabrica peças para atender um público muito variado. Cada um possui sua especialidade e assim prolonga vida útil de muitos tipos de bens. Ainda que alguns se configurem como microempresários, como vimos nos dados do IBGE, outros são apenas profissionais do conserto.

O Bricoleur também pode ser visto como um indivíduo plenamente empregável. As quantidades de serviços podem variar muito quando se assume os riscos de se ter um pequeno negócio, mas quando se consegue prestar serviços para clientes maiores e fechar parcerias as coisas mudam de figura e por fim algumas portas se abrem para a tão sonhada autonomia profissional que alguns almejam.

Estamos vendo o trabalho manufatureiro e com uma técnica que permanece ‘revolucionária’, conforme Berman (2001). Estes se atualizam no processo de modo produtivo, através de maquinário, métodos, enfim, através da dialética do trabalho, técnica e do indivíduo. O paradigma do trabalhador para o século XXI passa a ser o de um indivíduo plenamente desenvolvido.

Interessante notar que o artesão/artífice no tempo antigo fazia parte de uma sociedade para atender as necessidades dos senhores de escravos. Na idade média passou a fazer parte de uma economia burguesa e passou a atender estes interesses. Na era moderna, continua a fazer parte do processo de espoliação realizando trabalho pesado, mas sem a consciência disso, ao contrário, pensa estar livre por ser autônomo e não ter chefe, por fim abraça muitas responsabilidades, no geral, inconscientemente. Em suma, o *homo economicus* possui a necessidade de vender sua força de trabalho.

E por fim, o Bricoleur reconstrói uma *inteligensia* em formação e transformação ininterrupta. Esta também está em movimento dialético. Em movimento com os centros

de produção industrial, com a distribuição e a formação de cursos técnicos, e com investimentos que os governos fazem com que a sociedade possa ter acesso a esta tecnologia. A última parte do processo são as adaptações feitas a partir do uso das técnicas disponibilizadas.

Para que aconteça a parte do criar, é necessário ter um conhecimento básico. Depois de um tempo, as oportunidades com os serviços aparecem para que ocorra o criar. O criar ocorre depois que a experiência chega. A partir do momento que se passa a adaptar peças porque a indústria não mais produz, ou mesmo fabrica, o poder criativo entra no fazer de forma a ultrapassar o serviço de desmonte e substituição de peças.

A técnica para o Bricoleur refaz não só patrimônio familiar de alguns segmentos da área de serviços, mas também a principal ferramenta de trabalho. Este conhecimento é adaptado e reconfigurado no dia-a-dia. Os japoneses perceberam isso e utilizaram este reinventar o serviço em bonificação para os trabalhadores que conseguissem diminuir os custos de produção.

E ainda com a existência da técnica, concordamos com a tese de Álvaro Vieira Pinto (2005, p.176), de que “a técnica define primeiramente uma qualidade do ato material produtivo; só no segundo momento do processo cognoscitivo se transfere do ato ao agente, o homem que pratica atos técnicos, isto é, produtivos de um fim bem determinado”. Este autor está de contra a ideia dos que possuem uma concepção idealista formada referente ao técnico e a técnica. Esta última não é apenas um adjetivo. Nesta relação, não há como ter técnica sem o seu mediador, o técnico.

Neste sentido, com havíamos falado desde o início, a técnica é um processo dialético que se transforma a cada fase histórica e social. Portanto, não existe técnica sem técnico. Mesmo que tenham pego este conhecimento e o condicionaram para ser apreendido em cursos, não é uma coisa estática, mas que está em movimento. Sendo assim, a técnica, a produção e o conhecimento não são exterior, mas imanentes e dialéticos.

É através desta articulação de desenvolvimento que resulta da técnica que concebemos a tecnologia. Como o “logos da técnica”, seu valor é de fundamental importância para se compreender o seu significado radical primordial no transcorrer da evolução da humanidade. E ainda para se compreender as mudanças a nível local.

Muito embora, sejamos periferia dos grandes centros de desenvolvimento de tecnologia, aqui recebemos muitos equipamentos e também conhecimento para desenvolver a indústria amazonense. Pinto (2005, p.674), diz que “um indivíduo só

pode se libertar quando tem consciência de si”. No seu entendimento, a tecnologia veio com a falta promessa de libertação, mas isto não acontece.

Para Pinto, a tecnologia traz consigo uma dependência irreversível, de forma a alienar a consciência de todos. Esta dependência está em artefatos desenvolvidos nas regiões dominantes, onde há desenvolvimento tecnológico e investimentos massivos para tal. Esta tecnologia vem no engodo de facilitar a vida social humana, mas na verdade fazem com que sejamos dominados não só por uma ‘ideologia’ moderna, mas reféns das novidades.

### Capítulo 3: A articulação nos processos macro e microestruturais que contribuem para a formação dos movimentos alternativos de produção não capitalista

---

Falar em Amazônia logo nos vem o apelo ambiental de preservação. “Patrimônio da humanidade” e por aí vai. Embora para quem está fora da Amazônia seja ordem do dia sua preservação, para quem mora na capital parece não se dar conta de sua responsabilidade.

No que se refere a destinação correta, não é só os moradores, mas os governos também não há projetos abrangentes para dar conta da demanda de produção de lixo (nem doméstica, muito menos industrial) que vem sendo exponencial nos últimos anos. Dentro do que está determinado nas normas internacionais de qualidade.

Por isso a globalização é importante primeiramente entender o neoliberalismo, que foi um dos vetores que impulsionaram uma economia mundial que circulasse por todos os hemisférios. Entendendo que se trata de algo diferente do liberalismo que vigorou no início do século XX. O liberalismo defendia uma liberdade de comércio, o neoliberalismo segundo Gros (2003, p.22) tem por credo uma “democracia limitada, para defender a burguesia das veleidades das massas, a liberalização das relações trabalhistas, a serem negociadas no ‘livre jogo’ [...]”

O neoliberalismo surgiu com mais ênfase após a II Guerra mundial, diante de cíclicas crises e por conta destas o Encontro de Bretton Woods realizado em 1944, reunindo cerca de 44 países e convencionando o “liberalismo global”. Daí veio a

instituição para o desenvolvimento desses países em crise: o Banco Mundial (BM) e o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Segundo João Márcio Mendes Pereira (2010, p.29) na obra *O Banco Mundial como ator político, intelectual e financeiro (1944/2008)*, o banco foi criação dos EUA e sendo este o principal acionista saiu ganhando tanto economicamente como politicamente. Tornando-se importante moeda de troca entre empresários e políticos na barganha de interesses que se consolidou internacionalmente.

Suas ações se consolidaram de forma mais incisivas no governo de Clinton, quando elegeu James Wolfensohn, destacando assim a influência direta deste nas políticas nos EUA. A missão de Wolfensohn era reconstruir a imagem do BM em detrimento de todas as dificuldades políticas existentes à época. Por isso defendia pacotes agressivos para garantir os interesses políticos.

Interesses que estavam relacionados também a acessos à matéria prima com baixo custo e escoamento de produções a nível global. Por outro lado, a estratégica destinação de resíduos perigosos para outros hemisférios que possuíssem legislações menos impeditivas no trato e manejo destes materiais. Tanto é, que os EUA não assinou o Acordo de Paris sobre a união das nações para a diminuição de emissão de gases.

Conforme Pereira (2010), o BM a partir da década de 1990 seria o principal pilar para o desenvolvimento de projetos que desenvolvessem os mercados internacionais, reafirmassem as relações defendendo interesse políticos e empresariais, de forma a articular o governo e “associações do setor privado, instituições multilaterais, bancos regionais de desenvolvimento, governos, ONG’s e outros atores sociais”. Sua principal proposta era promover a paz e aliviar as ‘dívidas multilaterais’ em troca de “políticas solidas e implementação efetiva e transparente”. O problema é de denúncias que o BM estaria cometendo “crimes contra a humanidade”.

Então instalaram comissões para apurar os casos. Nessa altura dos acontecimentos o BM estava decidindo com quais ONG’s iria trabalhar e desta forma quem ficasse de fora sairia perdendo. Nesse sentido, para o autor, o BM realizou uma espécie de “imperialismo brando”, que manteve ONG’s com acesso a investimentos nacionais e internacionais. Com os volumes crescentes em investimentos em ONG’s o empresariado perdeu o interesse em continuar investindo.

A resposta do BM foi investir pesadamente em marketing para salvar sua parte no mercado, de forma que por causa de sua ligação intrínseca com o Estado, ele passou a apoiar quem apoiasse os EUA. E foi nesse jogo de interesses que Wolfensohn

sinalizava para o mercado a ênfase em ‘segurança financeira’ com projetos para o “desenvolvimento humano, redução da pobreza e gestão econômica, finanças, desenvolvimento do setor privado e infraestrutura e desenvolvimento social e ambientalmente sustentável”.

E na ciranda de crises cíclicas e empréstimos, o Brasil entra nessa roda e passa pelo período do “milagre econômico”. Inicialmente o contexto histórico nasce na década mais marcante da história do Brasil, e é na ditadura que podemos marcar um período diferentemente dos outros, com a intervenção do Estado de forma incisiva.

Além do mais, é importante observar que até esta data a consolidação da globalização ainda não se aplicava ao nosso país. De acordo com André Gros (2003) na *Crítica da Divisão do Trabalho*, para ser mais específico até fins da década de 1980 ainda não tínhamos aderido, mas no mundo, principalmente nos EUA e Inglaterra o neoliberalismo já estava em pleno vapor, entre outros países como Chile e os europeus.

É neste contínuo processual de transformações econômicas que Saskia Sassen (2010) na obra *Sociologia da Globalização*, Charles-Albert Michalet (2002) na obra *O que é a mundialização?*, e Renato Ortiz (2000 e 1996) nas obras *Mundialização e Cultura* e ainda na obra *Um outro território*, nos apresentam essas novas configurações sociais e políticas que vemos no século XXI. E nisto o Capital sempre procura mais e mais liberdade para expandir-se e alcançar outros lugares. Tornando-se difuso e permeando todas as dimensões – cultural, política e ideológica.

Vamos entender esse processo com Michalet (2002, p. 15) primeiramente. Em sua obra ‘O que é a Mundialização?’ Michalet nos apresenta a mundialização a priori como um paradigma econômico, no qual se caracteriza por sua “dimensão de trocas de bens e serviços e à da circulação dos capitais financeiros”. Sua importância está na transversalidade e impasses econômicos para a sobrevivência do processo.

Ressaltando que como paradigma da economia, esta se funda na constituição do Estado-Nação. O que se aproxima das ciências sociais, que como ciências se formam em cima do mesmo paradigma. O que traz a importância da globalização numa atitude reflexiva para ambas as ciências, pois a figura do estado-nação é ressignificado no processo.

Para Michalet (2010, p. 21) a mundialização é um fenômeno multidimensional, que implica em investimentos diretos do exterior, nos quais traduzem-se em deslocamentos de capacidades industriais e de circulação expressiva de capitais financeiros. Estas atividades apesar de interdependentes, interferem umas nas outras.

Contudo, estamos aqui para resgatar algumas pontuais iniciativas em nossa cidade que por um lado contribuem na organização do que chamamos hoje de resíduo reciclável e o que realmente pode ser destinado ao aterro sanitário. Vejamos que as discussões quanto a destinação correta de resíduos tem seu início nos idos anos de 1970, quando começam a minimizar as reservas de matéria prima de toda ordem.

Temos ainda o crescimento desordenado de Manaus após esta década. E com ela as inúmeras dificuldades estruturais para comportar os quase dois milhões de habitantes, de acordo com o IBGE de 2010. Esta migração massiva em decorrência da instalação do Pólo Industrial acresceu muito mais as cobranças de destinação correta para as empresas no trato de seus resíduos. Ainda que não se tenha empresas especializadas para reaproveitamento dos mais diversos materiais, apenas alguns setores, como alumínio, plástico, papel, e outras iniciativas de empresas privadas.

Diante deste quadro social para se falar das condições atuais em que se encontra a cidade, vamos nos reportar no tempo para antes da implantação do PIM. No início do século XX, quando a borracha ainda estava com toda a sua força. Neste período, Mário Ypiranga Monteiro (1986) na obra Elogio do lixo, retrata uma cidade de pequena para média, na qual seus resíduos se amontoavam no final da Rua 13 de Maio, hoje conhecida como Getúlio Vargas.

Monteiro relata que o resíduo citadino serviu em várias administrações como aterro na parte central da cidade, onde ficava o aqueduto, na praça da matriz. Faz referência as pessoas que separavam o lixo para reaproveitar o que pudessem. Dentre os materiais dantes reutilizados entre latinhas de alumínio e de vidro das mais variadas origens ele fala da confecção artesanal desse material em lamparinas de querosene.

Antes da chegada efetiva do plástico e da luz elétrica, a lamparina ainda era uma necessidade local, por não haver luz elétrica contínua como temos hoje. As lamparinas de vidro eram feitas de lâmpadas incandescentes ou de filamento amarelo queimadas. Eram recolhidas, retiradas o seu bulbo e fixadas numa base para se tornarem lamparinas.

Período em que ocorreram problemas por muitos meses no fornecimento de energia, o que ocasionou uma procura por este produto. Inclusive elevou o comercio paralelo de latas e garrafas para a produção pelas donas de casa. A procura e conseqüentemente a produção aumentou. Neste breve painel histórico da cidade vemos que a população mesmo antes da chegada do PIM, já possuía um poder criativo na reutilização de materiais.

Portanto, no local já tínhamos um patrimônio cultura, uma ‘técnica’, que foi adaptado logo nos primeiros anos da chegada da indústria. Claro que não foi nada fácil ou simples esta adaptação dos trabalhadores manuais locais para a dinâmica do distrito. Por outro lado, o patrimônio de conhecimento no trabalho de reutilização dos mais variados materiais já existia. Além uma vasta gama de artesãos, entre carpinteiros, escultores, até a indústria artesã naval.

### 3.1 A Indústria de Reciclagem

A indústria de reciclagem nos últimos anos adaptou novas tecnologia no reaproveitamento de materiais, hoje com uma nova roupagem, reciclagem de resíduos. Conforme os debates falamos anteriormente ocorridos nos anos de 1970 e décadas seguintes, como Eco 92, Agenda 21 e etc., que afunilaram no trato dos resíduos alguns cuidados foram tomados como certificação das empresas em ISO’s e parcerias na coleta e distribuição em cooperativas de catadores através do município.

Esta relação não aplica-se apenas para a Indústria, mas para o resíduo doméstico também. A observar o reaproveitamento de aros de automóveis em churrasqueiras e solado de calçados, floreiras e jarros com pneus velhos; garrafas cortadas e polidas para jarras, copos e vasos de flores; latas de óleo para inúmeros usos como pá, brinquedos e etc.; assim como antigas caixas de bacalhau em madeira, pinho de excelente qualidade para fabricação de móveis; já utilizam até caixote de feira para fazer estruturas de sofás e sapateiras.

Infelizmente, é necessário reconhecer que o Brasil está muito atrasado na administração dos diferentes tipos de resíduos produzidos tanto pelas atividades industriais, comerciais e de serviços quanto a do consumo domiciliar e dos indivíduos.

Lembrando que a Política Nacional de Resíduo Sólido saiu da gaveta no ano de 2010, aguardando desde os anos de 1982. Estando a quase vinte até esta data para ser assinado e apenas no governo Lula. Por outro lado, o Aterro Sanitário de Manaus também é muito recente. Até meados dos anos 1980 e 90 havia um grande local na entrada/saída da cidade próximo ao que chamamos de barragem, era uma concentração terrível de urubus e outros animais.

Muito embora com o aterro se ofereça coleta de lixo, a coleta seletiva ainda é uma utopia na cidade. Existe locais de recebimento de resíduos separados, mas são

poucos e não atendem o total da população. Ainda não há coleta seletiva a domicílio. O cidadão tem que deixar seus resíduos no local. De forma que dificulta o acesso de muitos ao serviço.

A conscientização geralmente ocorre nas escolas e nas empresas. No entanto, se toda a população de maneira massiva separasse o seu lixo, as poucas empresas que recebem não teriam como absorver tudo o que é produzido. De acordo com o Aterro Sanitário cerca de uma tonelada dia. Lamentavelmente, lá não se faz separação de resíduo, apenas pneus, o restante é compactado. (VÉRAS, 2010).

O reaproveitamento de peças, embalagens entre outros é um processo de remanufatura que geralmente causa danos à saúde do trabalhador e ao meio ambiente, quando não utiliza de equipamentos de proteção adequados. Podemos citar vários exemplos como o desmonte de TV's de tubo, onde possui gases nocivos, o derretimento de fios de cobre, prata entre outros metais que precisam de altas temperaturas para voltarem ao estado bruto.

Estamos falando aqui de Logística Reversa. Entre as muitas definições que Eduardo Correia Miguez (2010) na obra Logística reversa como solução para o problema do lixo eletrônico, utiliza para logística reversa, a que melhor se enquadra para a situação é esta:

Logística reversa é a expressão utilizada para se referir ao papel da logística na reciclagem, disposição de resíduos e gerenciamento de materiais perigosos. Aumentando estas perspectivas, inclui todas as questões relacionadas com a atividade de logística para cuidar da redução de fontes, reciclagem, substituição, reuso de materiais e descarte. (Stock *apud* Miguez, p. 7)

Em outras palavras, a logística reversa cuida do desmonte de materiais que a sociedade dispensou, mas que para o aterro sanitário se torna um problema por causa de seu volume, necessitando de muito espaço, sem contar com o fator poluição. Isto é o mais preocupante, a contaminação dos lençóis freáticos.

Sabemos que o contexto político e econômico, principalmente após década de 1980, quando o neoliberalismo aflora com todo seu potencial, tornando o mundo econômico interligado via internet. No mirante da promessa de que, com a liberação das fronteiras econômicas os países de terceiro mundo fariam parte das economias do primeiro. Sim, fazem parte, mas do colonialismo de extração de mais-valia como nunca visto antes. E ainda como depósito de lixo altamente perigoso.

De acordo com Jayme de Oliveira Campos e Organizadores (2005, p.9) na obra *Gestão de resíduos*, as prefeituras possuem essas incumbências no trato da *Gestão de Resíduos*:

Prefeituras:

1. Criar um grupo representativo de discussão e articulação das questões relativas a resíduos sólidos;
2. Integrar e envolver o Fórum nas atividades da Prefeitura, relativas aos resíduos sólidos;
3. Promover a coleta seletiva solidária no município;
4. Promover a coleta seletiva solidária nos órgãos municipais;
5. Incorporar os catadores de recicláveis: (cooperativas / associações) em todos os programas de coleta seletiva do município;
6. Colaborar nos eventos e divulgação da concepção e idéias do Fórum;
7. Participar dos Programas de Capacitação dos atores do Fórum;

Muito embora a prefeitura tenha conseguido praticar a maior parte dessas metas o maior problema não está apenas na coleta seletiva. Há de se ampliar parcerias, viabilizar financiamento para investimentos em tecnologia para o descarte correto de todos os tipos de lixo. Assim como sensibilização e capacitação de atores sociais em todos os níveis do processo.

Apesar da conscientização em escolas e empresas ainda é complicado se falar em *Gestão de Resíduos* em Manaus principalmente pelo Aterro já ter seus dias contados por falta de um programa municipal de coleta seletiva. O problema maior não é separar, mas a destinação correta. As poucas empresas que fazem o serviço no caso do papel e plástico por exemplo, possuem um limite de matéria de resíduo por dia a receber, para não contaminar o que eles chamam de matéria prima ‘virgem’.

Neste sentido vale com Campos (2005, p.12), diferenciar que nem todo lixo é resíduo e nem todo resíduo deve ir para o lixo:

Constata-se, assim, um duplo desperdício. Por um lado, deixa-se de reutilizar ou reciclar materiais - vidro, papel, papelão, metais, alguns plásticos – que podem dinamizar um mercado gerador de trabalho e renda. E, por outro lado, gastam-se significativas cifras para enterrar resíduos. Estes recursos podem, por sua vez, ser redirecionadas para finalidades mais relevantes como educação, meio ambiente, saúde, cultura.

Portanto, mais que conscientização que podemos reutilizar de diversas formas esses materiais, é entender que o meio ambiente precisa que o façamos. Além disso, é possível se reaproveitar na forma de artesanato um universo enorme de coisas. Com a garrafa pet, por exemplo, fazem vassouras, vasos, hortas suspensas, entre outros milhares de coisas para decoração e utilidades para casa.

Na contra partida o problema não é só de Manaus, mas do país como um todo. Segundo Campos (2005, p.14) “no Brasil temos apenas 451 municípios, 8% do total (IBGE, 2000), com programas de coleta seletiva executada pelo poder público.” Claro

que o trabalho de ONG's e dos catadores são decisivos neste impasse, mas tornar a viabilização para a transformação em massa desses resíduos ainda é um grande desafio.

Outra área que tem se destacado na cidade é o setor de alumínio. Este recebe latinhas, painéis sem alça, e qualquer outro material em alumínio. Quando está valorizado o quilo no mercado de compra, dificilmente se vê latinhas pelo chão. Principalmente após grandes eventos públicos. Durante as festas já tem pessoas catando em grandes sacos de trigo.

A responsabilidade e o papel social não apenas no catador ou no artesão que transforma o resíduo, mas dos governantes e da sociedade civil também. Dos governantes em fiscalizar, e fazer leis que promovam a coleta seletiva, o ambiente das cidades mais limpas e usuários conscientes de onde deve jogar seus resíduos. Existem muitos indivíduos neste processo, e não basta apenas um fazer todos precisam integrar o mesmo projeto.

Estamos em um sistema linear que possui as seguintes fases: extração, produção, distribuição, consumo e tratamento de lixo. Por outro lado, vivemos em um planeta com matérias primas finitas. Logo, há algo de muito complicado aí. O que ocorre é que estamos usando na produção mais matérias primas do que a cinquenta anos atrás.

E no processo de exteriorização de custos, ocorre todo o processo de exclusão e prolongamento da produção que vimos no capítulo 2.

Outro problema é que os resíduos têm se complexificado e complicado o seu descarte. Por exemplo, pilhas, TVs, sofás, camas, celulares, notebooks, entre outros milhares de aparelhos facilitadores da vida moderna. O detalhe está no que se chama de obsolescência programada e obsolescência perceptiva.

A obsolescência programada é o tempo que o bem durar sem defeito. Há algum tempo atrás não era necessário trocar camas e travesseiros a cada cinco anos, por exemplo. Isto acontece para que as pessoas permaneçam consumindo e trocando seus produtos periodicamente. E ainda confiando na garantia que aquele bem não irá dar defeito por um bom tempo.

Na obsolescência perceptiva são as mudanças que ocorrem por exemplo na moda, nos lançamentos de tecnologias avançadas, que nos fazem jogar fora bens ainda em perfeitas condições de uso. Outro exemplo são os saltos femininos. Em uma estação está fino, na outra estação o salto está grosso, e esta discussão não ocorre para se saber qual deles é melhor para a nossa saúde, mas para manter em circulação bens de consumo.

Isto acontece porque somos bombardeados por quase três mil anúncios por dia. Para nos convencer que precisamos trocar tudo o que temos, que precisamos continuar consumindo. E assim fazendo com que os bens de consumo não parem de serem produzidos e consumidos. Nesta dinâmica, apenas 99% dos bens que consumimos (EUA) vão para o lixo em seis meses.

É exatamente aqui que entra o nosso Bricoleur. Ele prolonga a vida dos bens, na troca de peças com defeitos, fazendo escoar a produção de peças sobresselentes. Nesta contramão está um público local que não possui a dinâmica de consumo de países como EUA e Japão, nos quais a obsolescência acontece entre seis e três meses na maioria dos bens. Isto não quer dizer que não consumam, apenas aqui as novidades demoram um pouco mais de tempo a chegar do que nestes países. E os que vem para cá, em um aspecto geral já saiu de produção por lá.

O Bricoleur nos países como o Japão por exemplo, os descendentes de japoneses que moram em outras partes do planeta, recolhem os resíduos de celulares (pois lá o ritmo da obsolescência é de três em três meses), para vender em seus países de origem.

### 3.2 A indústria de Reciclagem em Manaus

As empresas que hoje prestam serviços no recebimento de material reciclável são poucas e bem pontuais. Ainda não se tem notícia de uma indústria que se recicle vidro. Mas nos outros seguimentos é possível encontrar empresas que fazem o processamento a partir do material separado e pesado nas cooperativas.

No ramo de papel temos a Sovel da Amazônia. Lá se produz papel, papelão para embalagens, papel higiênico de todas as qualidades, papel toalha e etc. Recebem papel desde que esteja devidamente sem cola, ou fita, limpo e empilhado, lá é pesado e comercializado de acordo com a tabela que pode variar muito. Estava até o momento da pesquisa por volta de 0,89 centavos de real.

No ramo de plásticos temos a Coplast Industria e Comércio de Resíduos Plásticos Ltda. Ultimamente tem trabalhado no recepcionamento e logística em isopor. Trabalha formando parceria com outras empresas do distrito recebendo e fornecendo novos para embalagem de produtos.

No ramo de alumínio temos a Cometal. Esta recebe latinhas e panelas velhas, compacta e manda para fora do país onde tem tecnologia para

transformar em liga novamente. O peso alumínio as vezes está em alta por outras em baixa, mas já chegou a pagar dois reais e cinquenta no quilo até o período da pesquisa.

Outra empresa que recicla algo diferente e que também causa grande impacto ambiental é a Lorene da Amazônia. Lá se recebe produtos eletroeletrônico para desmonte e envia em grandes sacos placas trituradas para extração de metais pesados. Embora se tenha notícia que na USP já tenham desenvolvido equipamentos para este processamento, ainda não se popularizou. Estas remessas vão para outros países até mesmo da América Latina para remanufatura.

Não poderiam ficar de fora as oficinas de ferro velho que em alguns casos são verdadeiros cemitérios de carros. No bairro da Praça Quatorze de Janeiro temos bastantes exemplos deste segmento. É interessante observar como alguns deles possuem peças recuperadas que mesmo no serviço autorizado não se encontra.

Isto para além da reutilização, adaptação e muitas vezes a aplicação de técnica que advêm da experiência em trabalhar no serviço autorizado ou mesmo no chão de fábrica das grandes montadoras como Fiat, Wolkswagem, Chevrollet, Honda, etc.

Outro segmento que se destaca é o de celulares. Há uma grande rede de opção para conserto deste aparelho. Lá eles recebem seu aparelho velho por um trocadinho ou abatem o que estiver na vitrine para venda. Além de oferecerem serviços de conserto para LCD em geral. No entanto, a maioria que trabalha com celulares, tablets, poucos são os que trabalham com TV LCD, este é outro segmento, o de áudio e vídeo.

Dentro do raciocínio da flexibilização das relações fabris, poderíamos citar outros exemplos de produções, que até os dias de hoje se utilizam de contratos com formas *artesanais de trabalho* para obter maiores margens de lucros, como por exemplo, costureiras que fabricam roupas de grife, bolsas, sapatos, e que nesses casos sua responsabilidade é apenas entregar um certo número de peças, dentro de um determinado prazo, dentro de um valor que o contratante encontrou lucros na negociação.

### 3.3 Os serviços dos técnicos eletrônicos como prolongamento do capital.

O que aparentemente aparece como uma única saída para o desemprego para os trabalhadores que saíram do chão de fábrica, para autores como Francisco de Oliveira se trata de um movimento a princípio de transformação, de uma situação de produção em uma estrutura organizacional, para um sistema totalmente novo.

Segundo Francisco de Oliveira (2013, p.56), não existe o fenômeno de ‘inchaço’ do setor Terciário, mas trata-se de um movimento estreitamente ligado à acumulação urbano-industrial, que com a concentração populacional torna-se centro do desenvolvimento e expansão do capital. O que traduz no prolongamento do processo produtivo. Retratando um pouco do que aconteceu com Manaus nos últimos anos e ainda o seu crescimento em investimentos externos para a manutenção e permanência das empresas que aqui habitam o Distrito Industrial.

E que diante da pesquisa, este serviço específico se espalha por toda a cidade, muito embora alguns bairros possuam maior concentração desta categoria em específico. O técnico eletrônico parece ser produto da dialética entre as reduções resultantes da reengenharia industrial que o Distrito passou desde a década de 1990 e esta data é singular, pois desde então ao alcançou os mesmos contingentes de trabalhadores após esta data.

Isto sem contar com o oferecimento do curso de eletrônica por diversas instituições, sejam como nível médio técnico – que vinham sendo oferecidos antes da última reforma na educação, sejam por outras instituições como SENAC, SENAI e SESC.

Neste contexto, lembremos o que Marx já previra em sua pesquisa sobre o capital, de acordo com Berman (2001) que a técnica iria transformar continuamente o trabalhador e máquinas, processos e funções. Portanto, quando se extingue a função especializada do trabalhador ele passa a ser irrelevante para a produção de mercadorias, sendo objeto de continua substituição.

Implica dizer que Berman (2001, p.106), vê o movimento de aperfeiçoamento contínuo do indivíduo para o enfrentamento das mudanças e transformações que os modos de produção têm passado para desempenhar uma diversidade de funções são a engrenagem para ser o “livre escopo às suas próprias qualidades naturais ou adquiridas”.

Na passagem de eletromecânico para eletroeletrônica a imposição de adaptações treinamentos e convergência com as novas tecnologias e crises econômicas, moldam este trabalhador a se inserir de maneira a contribuir na produção de forma mais pontual. E é nesta contribuição que o processo criativo entra em cena para reduzir custos ou a reinventar uma nova forma de processo de trabalho.

Neste sentido, ainda com Berman (2001, p.166), a necessidade de inserir-se no mercado ou de apresentar-se como empregável é característica de um mundo que aos

olhos do autor está “condenado a modernidade”. No trato de um Terceiro Mundo, onde a pobreza e a miséria fazem parte da dinâmica de grandes populações, esta necessidade se torna como princípio de sobrevivência.

Remete-nos a explicação de Berman (2001, p.168-9) da metáfora usada por Marcuse sobre o Prometeu e Orfeu. No seu entendimento, para Marcuse o comunismo seria o ideal para se lutar pois permitiria ao trabalhar ter a liberdade e o trabalho. Na visão dele “o dinamismo da economia moderna a humanidade teria de trabalhar incessantemente – Como Sísifo, mas lutando constantemente por desenvolver novas medidas e novos meios – para impedir que fosse tragado e desmanchasse no ar viciado”.

Ainda com Berman vemos seu entendimento das dificuldades da sociedade em readaptar-se as profundas transformações a que está submetida. O que repercute nas relações sociais, o que o autor entende num desintegrar da sociedade em dimensões da vida e altera todos os referenciais que outrora existiam.

Assim, o avanço técnico dos aparelhos de conforme Vilém Flusser (2008, p.57) na obra *O universo das imagens técnicas*, emancipam a sociedade da imaginação profunda. É emergente que o discurso da ciência e tecnologia esteja como banalidades ou como uma aventura, no entanto esta é uma dinâmica que tem reorganizado a sociedade em torno de si, seja como forma de inserção no mercado de trabalho ou apenas como *status*. Desta forma, sugerindo que o mundo das máquinas possui um crescente papel na construção de um pós-humanismo e de uma pós-modernidade tecnológica.

Constituindo uma nova postura do homem, na visão deste autor, a saber, o de apontar, mudando a postura histórica anterior que era a de decompor as informações em pequenas partes – bit. De forma que a imagem passou a ser o vetor principal de comunicação. Mas esta comunicação passa principalmente pela técnica de como a máquina e a manutenção para que continue sendo acessada.

O que lembra Marcuse (1969, p.179) quando fala que a “realização da técnica na sociedade industrial e a manipulação mental e material ocasionaram mudança no local da mistificação”. Formando uma ideologia que consolida todas as transformações do mundo vivido e a busca por reinterar estas a uma realidade que ainda não esteja de acordo com a mesma.

Diante de um mundo que desarticulou concreticidade do mundo contratual que saiu do século XIX e iniciou o século XX com o avanço da tecnologia, vale lembrar que paulatinamente a técnica foi avançando após o iluminismo, o que contraste a partir do

século XX. De forma que depois das duas grandes guerras esta tecnologia avançou e tem avançado a passos largos.

Entendendo que a razão tecnologia permeia toda a sociedade e está encadeando a sociedade com conhecimento e informação. E nesse sentido, de acordo com o autor, a bipolaridade do mundo individual se baseia no processo técnico como sistema de dominação e coordenação das formas de vida.

O principal motivo da consolidação do papel dos serviços dos técnicos eletrônicos como movimento alternativo para sustentação do capital se encontra na reciclagem de materiais por conta da vigência ambiental que se desdobra na precariedade e ou esgotamento das fontes de matérias primas e na morte do planeta em decorrência da poluição e depredação de sistemas.

Lembrando que as mudanças no mundo econômico, que complexificou as relações com o individualismo, flexibilidade, velocidade e liberdade, a necessidade de estar sempre atendendo às necessidades de uma sociedade havida em consumir surge uma nova indústria: a indústria do entretenimento e da fantasia (protagonizada pela TV e pela Internet).

Com recursos midiáticos caros (não só a imprensa especializada em 'informática', mas também a imprensa de variedades e em grande medida o entretenimento como as concessões de TV). Que aliada à indústria de produção de bens, se esforça constantemente para criar uma *ilusão de obsolescência*, ativando o estado de ânsia na massa a consumir as últimas novidades, lançando periodicamente como uma *inovação incremental* - aquelas poucas novidades que vêm devagar, um pouquinho em cada nova versão.

Encurtando sua sobrevida de tal maneira, que no dia em que esses produtos saem de linha raramente possuem peças de reposição, quando possuem, são caras e inviáveis, pois há sempre um outro equipamento similar à venda – novinho – pelo menor preço do que o custo do conserto. Esta poderosa indústria da comunicação exerce um poder sobre a formação de opinião pública nunca antes vista na sociedade, caracterizando o que Freitas e Silva (2000) chamou de Império das Comunicações.

Nesse aspecto, é importante pontuar o que Silva (2000) discorre sobre a perspectiva política e econômica em âmbito global, que resultam em duas tendências, dos últimos vinte anos: a elevação da propensão para o consumo e o declínio da poupança pessoal. E se falando em consumo estamos falando no aumento do volume de resíduos, neste sentido, principalmente o de eletroeletrônicos.

Ao meio disso tudo está o Bricoleur que possui como *habitus* a perícia no conserto e remanufatura de peças. Retomemos Bourdieu quando explica este célebre conceito.

Bourdieu (1989) em sua aula, inicia propondo aos alunos que exponham seus trabalhos sem medo de críticas ou mesmo que não se expressem de maneira defensiva, afinal não fomos ensinados a sermos criticados. Aprender a andar com autonomia implica em embates no meio do caminho. Amadurecer requer ser humilde ao meio delas e por muitas vezes o que fazemos é correr dos embates.

O que nos priva de crescermos academicamente com elas. O fazer pesquisa, em sua visão, é necessário se falar quais foram os caminhos que percorremos para que outros vejam e possam percorrer novos caminhos; desta maneira a ciência avança – cada um desenvolve seus caminhos, e os seguintes darão continuidade nas descobertas.

Academicamente, o artesão/artífice embora não possua muito peso para a análise de ampla envergadura de uma sociologia clássica, na sociologia do trabalho e nas transformações do mundo em que vivemos, ele marca um período de profundas e constantes transformações sociais e profissionais da sociedade contemporânea.

Bourdieu quando trata sobre o ensino de um *habitus* de fazer pesquisa no campo de conhecimento – sociológico -, contudo esse campo de conhecimento requer uma rigorosa prática de disciplina. Contudo, em apenas uma aula ministrada, não seria possível absorver tal prática. Ali, somente seriam passadas algumas dicas – valiosas – a respeito do *habitus*.

O *habitus* antes de tudo é o *modus operandi* que se adquire com certa prática, chegando a ser mais prática do que propriamente uma teoria da práxis. Necessitando de um treinamento intensivo que ultrapassaria uma fórmula pronta para cada tipo de situação, o que provavelmente cada objeto seria mais uma novidade e uma experimentação de ferramentas metodológicas e epistemológicas, ficando o pesquisador imbuído de desenvolver uma organização, a tal ponto que, o fará de maneira até inconsciente, ou seja, não é uma coisa que se adquire somente em alguns diálogos, por isso o autor compara o fazer pesquisa com os ofícios da idade média.

Veja que este *modus operandi* é comum para muitos trabalhadores manuais. Este desenvolver diário, com a supervisão de um mestre. O Bricoleur também passa por este processo. É através desta dinâmica dialética do aprendizado que detêm e passa a técnica para os seus aprendizes. E o mais interessante, com o passar do tempo a experiência fala em dimensões amplificadas.

Para o autor, pensar relacionalmente compreende o complexo teoria/metodologia/epistemologia. Claro que, este tripé nem sempre é fácil de ser acompanhado, necessitando sempre de uma vigilância epistemológica rigorosa. Do ponto de vista dele, não há separação entre estes. Por conta disso, critica a escola americana, quanto a sua busca incansável por evidências dentro do fazer pesquisa.

No início desta pesquisa, já tinha feito campo, e o meu campo começou na oficina de meu pai e no ateliê de minha mãe. A maior dificuldade foi fazer o processo de estranhamento, fazendo campo em lugares diferentes e falando com pessoas fora do eixo relacional interno. Foi necessário passar por um distanciamento inclusive físico. Deixei de falar com meu pai durante seis meses, pois não consegui escrever uma linha.

Assim, Bourdieu continua criticando a adoção rígida a um único método. Apresentando como é prejudicial à própria pesquisa, este “monoteísmo metodológico”. Foi importante ter feito o caminho de volta se não teria ficado perdida em uma única experiência particular. Por isso, defende o pensar relacional, pois o objeto em ciências sociais é geralmente multifacetado – complexo – para que exclusivamente um único método dê conta de sua análise.

Logo, “Proibindo o proibir”, ele defende que todos os métodos podem contribuir na leitura de um determinado objeto, depende de onde se quer chegar. Afinal, o real é complexo e não se pode tentar explicá-lo sem relacioná-lo a outras instâncias de conhecimento. Sendo impossível entendê-lo em sua integralidade, necessitando de um recorte para tal. Assim, para Bourdieu, pensar relacional é identificar todas as partes constituintes durante a construção do objeto, suas implicações, seus atores, relacionamentos de força e desdobramentos. Foram partes constitutivas fazer um balanço mínimo de uma geração que se despede de um momento do capital, para a geração que abraça com todas as forças todas as novidades da tecnologia.

Bourdieu adverte ainda, que se tenha cuidado com os objetos pré-construídos, para que não venhamos a destorcer as informações sobre o mesmo. Nestes termos, é construir um sistema de perguntas coerentes que se possa tirar considerações, ou novas indagações a serem embasadas dentro de um modelo bem construído teoricamente.

Construir um objeto cheio de implicações e com conceitos disponíveis até então que mais pareciam ‘sombrinhas conceituais’, foi difícil até para localizar o objeto na literatura. No entanto, pela similitude da profissão de restaurar e reaproveitar coisas, o indivíduo refazer o seu trabalho de modo constitutivo e amplificado é também uma demanda do mercado de trabalho.

O raciocínio analógico é uma ferramenta metodológica – dentre outras que cita -, eficaz para se analisar o campo sem cair em conclusões empíricas, podendo se realizar generalizações que é próprio da ciência. Procuramos no capítulo 1 fazer esta reconstrução histórica para nortear o artesanato em suas multifaces sociais. De forma a constituir uma leitura clássica do objeto em questão.

Outro método citado é o comparativo, tomando recortes de tempo determinados, pode-se avaliar aspectos como “homologias estruturais entre campos diferentes”, o que se evitaria a influência das pré-noções comuns em um período em relação ao passado, podendo-se chegar a semi-conclusões. Comparar histórias de vida dos técnicos de duas gerações diferentes teve um ganho qualitativo acredito razoável, ainda que os dados do IBGE tenham servido para localizar sua distribuição no mapa da capital amazonense.

A história social, a classificação do objeto dentro de um contexto bem cerceado de dados e informações, ainda é um grande instrumento que Bourdieu aponta para se escapar dos conceitos prontos do empirismo e sistematizar um estudo científico, diferenciando o problema social, de um problema de pesquisa. Que buscamos compreender como este indivíduo permanece na dinâmica do capital consertando coisas se vivemos no momento de consumo e descarta compulsório?

O problema privado/social poderá se transformar em um problema de pesquisa, mas um problema de pesquisa terá implicações teóricas que socialmente [talvez] não terá qualquer relevância prática, mas sim teórica. Exatamente o que aconteceu, peguei uma história de vida que conheço muito bem e observei o mercado de trabalho ao meu redor, percebi as implicâncias e as coerências do desenvolvimento da indústria e principalmente de suas consequências sociais, políticas e econômicas.

Logo, o problema de pesquisa para ser forjado precisa de ser embasado teoricamente de uma certa generalidade para que ganhe caráter científico. De forma que, este sujeito de problemas, esteja privilegiado no sentido de ser plenamente cômico, que ao seu redor há taxionomias naturalizadas, seja dentre o campo de conhecimento, seja dentre o conhecimento douto.

Estar no processo de finalização desta obra é superação de limites que foram necessários serem ultrapassados. Principalmente quando pensar não é o mesmo que escrever. Aliás, nunca será.

Precisando-se ir além desses ‘conceitos professorais’, é preciso muitas vezes abdicar dos modelos como se apresentam e buscar ao ponto de se ‘evitar as aparências de cientificidade’. E é desafiando a teoria para que se experimente se condiz com o

objeto em *locus*. Esta é a missão de todos pesquisadores, mostrar como a teoria e a prática se coadunam na leitura de um fenômeno. Observar a sociedade requer muito mais do que conceitos pre-encaixados, mas de amadurecimento teórico, o que gera experiência na construção do produto final.

Aí entra em cena a técnica. Esta como ferramenta usada, medida, afiada e experimentada no dia-a-dia do artesão/artífice. É um indivíduo que sabe quais ferramentas usar, a hora de usar e onde está a matéria prima para a feitura do seu trabalho. Mesmo quando o caminho está aberto por outros ‘materiais’, é necessário ter sensibilidade mínima na percepção dos contextos sociais e políticos que o rodeia.

Ter consciência de si, do que faz, e como faz, as vezes pode ser um pouco frustrante, da mesma forma que pode ser muito gratificante de várias formas. Sendo um primado marxiano, a consciência do homem que faz a sua história é o momento talvez mais difícil do artesanato.

Observando a doxa do objeto, para que no contínuo da pesquisa possa se desvendar sua forma aparente. Cuidando em não repetir as “modinhas filosóficas” das ciências sociais, separando a razão prática da razão científica, para que uma não contamine a outra, de forma que as construções dóxicas do mundo social não prevaleçam na pesquisa.

É muito bom o mestre permitir que sejamos nós mesmos na pesquisa, pois assim andando, caindo e levantando se vencermos ou perdemos será mérito ou culpa nossa mesmo. Ainda que os pés vacilantes dos néscios requeiram muito mais que teoria, mas uma grande dose de paciência. Olhar e ter a oportunidade de errar e se reconstruir. Ter a oportunidade de aprender todos os dias. É uma necessidade de todo artesão/artífice.

Bourdieu ainda nos adverte sobre as implicações dóxicas políticas, que podem ser acarretadas à pesquisa. Quando isso acontece, o sujeito do conhecimento acaba tornando-se um sociólogo do senso-comum. É exatamente um momento para refletir onde se está e para onde se vai, ou para onde se quer ir. Ter a visão e a possibilidade de galgar novos campos é fascinante, principalmente quando estamos fazendo parte de algo maior. Permitindo-se criar e analisar como dentro do seu problema se pode resolver a questão.

Ou ainda sendo reprodutor de antigas categorias que já não correspondem mais, inclinando-se há um conservadorismo estrutural. Em suma, o processo de pesquisa é um processo solitário, pois pesquisador precisa ser cuidadoso com ‘professores vulgares’

que podem pôr a perder todo o processo de construção do objeto, que reforçam atitudes conformistas e à própria reprodução escolar.

Vemos o artesanato que um Mestre possui para fazer com que seu aprendiz consiga desempenhar com seu próprio arcabouço fazer o trabalho ao mesmo próximo de seu mestre. Sennett (2009), fala que na confecção do estradivário um violino nunca pode ser igual ao do seu mestre. Porque cada um precisa ter o seu referencial, o seu toque, a sua marca.

Embora, esse cuidado de dúvida radical por Bourdieu (1989) na obra O poder simbólico, seja até levada ao extremo, contudo, ele descreve que a ciência para que se desenvolva não é necessário que se repita os mesmos passos/erros de outrora, mas que se tenham descritos e que se avance para que o campo de estudo possa se desenvolver em cima de novas análises. Entendendo que sirva de parâmetro para reflexão e não para permanência. Deve se observar com cuidado como foram realizados os trabalhos para que possamos melhorar o nosso artesanato e se destacar entre os outros por sermos quem somos e não por estarmos à sombra de ninguém.

Entretanto, o pré-construído esta naturalizado! A ruptura, segundo Bourdieu, é uma ‘conversão de olhar’, um olhar com as lentes teóricas – inclusive de experiências que enriqueçam o fazer pesquisa, a pesquisa aqui como artesanato intelectual! -, estando o pesquisador apto a uma metanóia (mudança de mentalidade).

A mudança de mentalidade muitas vezes precisa de grandes choques com a realidade. De experiências, de tentativas com acertos e erros, e com a propriedade de retomar de onde se parou para reconstruir a obra desde o início.

Sendo um trabalho de crítica e de crítica da crítica, é preciso ter um posicionamento crítico inclusive de si mesmo. O que equivale a uma sociologia da sociologia. O sujeito do conhecimento precisa ser cômico do seu labor, de seu objeto, de até que ponto suas origens irão influenciar na pesquisa.

Com certeza o momento de estar pronto no embate vai recriar as formas de atuação diferentes na dinâmica relacional do artesanato, e nisto a técnica é refeita, aprimorada e avança para outras dimensões de alcance.

Um trabalho necessário a ser feito, e bem mais difícil que a observação participante (que é uma falsa participação em um grupo no qual se quer estudar), é a objetivação participante. Ou a “participante objetivação” na leitura e compreensão dos fenômenos como uma tentativa de reavaliar as ferramentas, as formas e cores com que se pode construir a obra.

É difícil porque neste processo, requer-se a mais profunda ruptura de quaisquer aderências com o objeto, de forma que se revele o que não há interesse em se conhecer. Por um lado, o pesquisador se encontrará cercado pelo campo, e as categorias professorais, e pelo outro se encontra em plena disputa com seus pares.

Quando falamos de artesanato o mercado está em pleno embate o tempo todo. Seja na concorrência pelas vagas de trabalho, de pesquisa, na publicação e aceitação de trabalhos em congressos, a concorrência se torna as vezes solitária e solidária ao mesmo tempo.

Nestes termos, a objetivação participante implicará em uma sociologia aplicada a objetivação de um ‘olhar’ quase que onisciente, de forma a reiterar uma sociologia do campo de pesquisa. O artesanato da pesquisa na leitura de fenômenos sociais tem implicações múltiplas estruturais, sócio-econômicas, ora políticas e ainda com convencionadas a reger o campo de alguma forma precisa.

Há uma luta no campo!

Declarada ou não, é lá todos lutam por posições que irão depender de muitos fatores, inclusive de fatores dos mais variados pontos de análise possível, já citados acima. Ora, se estou em luta com meu par, é para que possa me afirmar no campo como pesquisador, e que possa ter certo reconhecimento desta ou daquela posição.

Lembra quando se é criança e fazemos o primeiro desenho e mostramos aos nossos pais esperando total aprovação do mesmo. Com o tempo vemos que este desenho poderia ter alguns melhoramentos particulares. E acabamos nos convencendo de que não temos muito jeito para o desenho, mesmo que a mãe coruja diga que está “lindo!”. Somos em primeiro lugar, críticos de nós mesmos, e acabamos não mais aceitando que outros venham ao nosso embate. Mesmo sendo preciso para amadurecer.

Portanto, Bourdieu caracteriza o campo, e que poderíamos trazer para o nosso trabalho diário:

a) ‘O espaço é pré-construído: a composição social do grupo está antecipadamente determinada; É fato! E precisamos estar cômico de onde estamos e para onde estamos indo. E não basta apenas estar consciente de seus limites, é importante saber até onde se pode ir na relação com os outros. Na dúvida: suba em uma árvore bem alta, você verá que os problemas não são necessariamente só seus, mas há algo bem maior que você;

b) É preciso saber o que pode ser dito e o que não pode ser dito – com antecedência -; Regra de ouro! A Bíblia já nos alerta “que a palavra dita na hora certa

são como maçãs em bandejas de prata!” Todo o cuidado é pouco! Por causa da cultura e do ponto de vista de como se analisa cada pessoa precisamos ter cautela sempre. Principalmente porque lhe damos com pessoas; Relação interpessoal neste momento é muito importante.

c) Há regras de objetividade e neutralidade a serem seguidas; Sempre! Ao mesmo tempo que precisamos ser concisos é necessário avaliar as situações. Para isto a companhia de um mestre se faz necessário. Pois a experiência epistemológica deste último fará o aprendiz retomar a teoria e se reconstruir quanto trabalhador no campo.

d) O espaço de interação é o lugar de intersecção entre os diferentes campos; ninguém sai ileso do campo. Sempre que entramos no campo levamos algo consigo, mas saímos com outras coisas e entre elas está a experimentação com a experiência diária e observação. É preciso ter espaço para agir em relação a si mesmo e ainda em relação ao que o mestre apontar como importante, e claro que os colegas de campo farão a diferença na absorção das lições diárias deste movimento dialético intrínseco.

e) Em sequência, alguns ocupam um lugar menos glorioso, ainda que gozem de algum prestígio. E nem por isto deixam de possuir sua importância no campo. Da mesma forma que não há mocinho sem vilão, não há alto clero se não houver o baixo clero.

f) O aprendiz que chegou ao campo, é o que ainda tem algum recuo. Diante destas posições no campo, se sabe quem pode perguntar, falar longamente sem ser interrompido, quem pode fazer colocações e ainda estar, conforme a análise do discurso, em vantagem ou desvantagem.

No entanto, sua fala é importante para seu próprio desenvolvimento e ainda para a sua permanência no campo. Por outro lado, sua fala vai tocar outros aprendizes como ele e poderão formar uma ‘irmandade’ (oficina, associações, guilda, etc) e depois ensinar a outros.

## Considerações finais

---

Quando chegamos nesta parte parece que as palavras somem. Mesmo assim, ainda há o que precisa ser dito. Fechar um trabalho parece tão difícil quanto começar a escrevê-lo e na verdade não se trata de encerrar, mas, pontuar o que foi feito diante da proposta inicial.

No início pensei em adiantar o máximo da pesquisa fazendo campo e cumprindo algumas optativas antes do início do próprio curso, mas não foi bem assim... Mesmo com algumas antecipações, percebi com o tempo que ainda faltavam leituras mais pontuais sobre o assunto e ainda um pouco mais de amadurecimento teórico. O amadurecimento teórico foi o mais difícil (claro que ainda falta muito!), entendo que ministrar aulas foi e é importantíssimo, principalmente no estágio probatório.

As participações nos congressos interestaduais me fizeram ver o quanto estamos isolados no diálogo de uma agenda de pesquisa, principalmente na sociologia do trabalho.

Minha prioridade no projeto era estudar o técnico eletrônico na Sociologia Clássica. Precisava localizar o que os referenciais tinham sobre o assunto e principalmente na sociologia do trabalho. Confesso, que tinha deixado de fora Durkheim, mas depois da qualificação e orientação valiosa com a Profa Marilene Correa, vi que não poderia faltar.

Portanto, compreender os sentidos das atividades sob a responsabilidade de artesãos, técnicos de manutenção e de reparos na permanência do valor de uso das

mercadorias. Tendo como primeiro objetivo específico: Compreender o processo histórico da contribuição e do desenvolvimento do capitalismo os papéis desempenhados por artesãos, artífices e demais trabalhadores responsáveis pela recuperação, e manutenção de mercadorias com seu valor de uso.

O que mais intrigava era como ele ainda consegue serviços, se em nossos dias a dinâmica das coisas é para descarte sumário? Como vimos no capítulo 1, o processo de hominização desde a primeira vez que o homem pegou em um pedaço de madeira para servir de ferramenta e atender suas necessidades, foi bem longo.

Neste caminho civilizatório, a princípio, longa e cheia de interstícios, o homem tem acumulado em primeiro lugar todo um involucro de conhecimento e cultura a respeito do trato com a natureza. Principalmente porque entendi que a evolução tecnológica não está proposta para toda a sociedade, apenas para os que podem pagar por ela.

Teria sido interessante fazer uma espécie de levantamento sobre as principais invenções criadas pelo homem até nossos dias, no entanto, meu foco era os técnicos. O tempo curto e demandas diversas, pontuamos as mudanças vetoras de grandes transformações norteadas pela participação dos artífices e artesãos.

Observando sua participação histórica, compreendemos a sua importância na participação do processo de comércio e atendimento de necessidades de toda ordem. Muito embora tenham começado como serviços de reinos importantes, eram reconhecidos pelas suas artes e destacavam-se na apresentação de suas obras.

Seja na música, na joalheria de uma coroa, nos artefatos de couro que perduraram e até hoje fazendo parte da moda, entre outros, seu papel está no que conhecemos, na produção de produtos feitos sob encomenda. Constituindo desde a antiguidade até os primeiros anos da Idade Média. No primeiro momento de sua história todos trabalhavam assim, primeiro porque não existia maquinário, como temos hoje. Segundo que seu público era composto por pessoas importantes da nobreza.

No passar do tempo, nas mudanças das relações sociais e divisão do trabalho social, este indivíduo ganhou muitos aprendizes. O que polarizou a produção de artefatos. Ainda que sua dependência tenha sido extrema da natureza, a produção de produtos passou a fazer parte inclusive dos trabalhos domésticos, como a produção de tecidos. Lembremos que até bem pouco tempo, eram atribuições das moças a confecção de todas as peças do enxoval, seja do casamento ou mesmo das crianças que viriam ao mundo.

A confecção de tecidos estava para a família como a produção de alimentos para subsistência e manutenção. No entanto, o desenvolvimento do comércio por produtos da mesma espécie, ou por outros tipos é decisivo nas relações humanas comerciais. Podemos ainda destacar a importância das famílias de caravanas nômades que levavam seus produtos por muitos lugares durante todo o período histórico. E ainda uma contribuição estrutural peculiar da Europa: a contribuição dos Romanos e Cruzados na construção de estradas. Isto com certeza facilitou a transição dessas mercadorias via terrestre.

O surgimento de concorrência, de formas de empréstimos, das movimentações bancárias, assim como a consolidação de formas de medidas de tempo e de moedas vieram a consolidar o capitalismo. A passagem do pré-capitalismo para o capitalismo propriamente dito deu-se com os avanços tecnológicos. Outro fator decisivo foram as expansões marítimas. No escoar de matérias primas e mercadorias prontas para todo o planeta.

Os interesses em guerras desde então (quicá desde de sempre!), foi o acesso às matérias primas e aos mercados produtivos e consumidores. Destacando a importância das cartas patentes nesta primeira fase de exploração e detenção de poder para a dominação de povos e enriquecimento de poucos.

Neste caminho histórico, famílias importantes fizeram nomes até hoje existentes. Poderíamos citar muitos nomes, mas acredito que o exemplo dado pela Professora Marilene referente ao seu casaco consertado por um artesão que possui seu ateliê há 400 anos numa rua francesa já ilustra sua importante permanência no processo de reprodução e manutenção de mercadorias.

Contudo, faltava entender o porquê deste indivíduo não desaparecer, aliás passou a fazer parte da dinâmica do capital com todo o seu potencial produtivo. Readequado e ainda espoliado no seu modo de sobreviver. De forma que no trato de método de análise, a revisão bibliografia em cima de alguns historiadores como Anderson, Dobb e Hobsbawn foram basilares na constituição deste capítulo.

Ainda que talvez não os tenha aproveitado com o devido rigor que são merecedores, procurei ser pontual na construção. No entanto, foram importantíssimos para constatar a formação de uma *intelligensia* nascente e em expansão, em conjunto com as ramificações que o capital protagonizou no processo histórico social estudado.

A sociologia clássica de Marx, Weber e Durkheim mostraram os alicerces do trabalho e o processo histórico e social de exploração do trabalho. O que sem dúvidas

não poderia ter passado em branco. Essas pessoas formaram contornos persistentes em nossos dias. Desde o momento que o homem passou a controlar e a dominar a natureza, até o momento que passou a fazer a mesma coisa com o seu semelhante.

Foi e é um movimento imbricado de consequências sociais e políticas, onde fecundaram algumas estruturais de nossa sociedade. Falo na perspectiva das transformações de como os trabalhadores passaram a ser inseridos no processo de dominação. A dominação teve seu estágio primitivo que conhecemos por escravidão onde as populações que não tinham uma organização mais alicerçadas nas práticas de guerras e da política e economia eram dominadas por outras, como as europeias. E as europeias tentaram dominar o seu continente e os continentes próximos em diversos momentos.

Os interesses comerciais no processo de desenvolvimento de um comércio forte condiziam com as condições sociais dos seus dias, de acordo com o sistema de medidas e monetário que reproduziam. Isto é importante pontuar, pois antes da formação dos estados-nação ou mesmo do estado absolutista existia uma diversidade de unidades muito ligada aos costumes e cultura de cada povo.

Resultando em um processo longo pela existência de povos diferentes em um mesmo território. O que observamos na formação de um *Ethos* que acompanhou as civilizações por longos períodos históricos e importantes na compreensão do estudo.

Era bem comum a existência de piratas e mercenários. Os piratas visaram saquear embarcações com títulos bancários, ouro e mercadorias. Os mercenários lutavam as guerras por dinheiro. Pontuando que não existiam exércitos nacionais e sua existência e alistamento só passou a ser obrigatória depois da formação dos estados-nação.

Na passagem do final da idade média para a modernidade, os movimentos Iluministas, Revolução Francesa e Revolução Industrial, iniciaram um processo de agilização nessas transformações sociais, políticas, históricas, econômicas e filosóficas.

A separação dos poderes teve sua parte neste processo. A separação do poder político, do poder religioso, e enfim a formação de um poder econômico e militar associados aos primeiros. Nesta relação, o poder de dominação ficou um pouco diluído e passou a ser questionado com os trabalhadores que lutavam por liberdade, entre outros direitos civis.

Esta mudança de escravo/servo para um trabalhador livre assalariado teve seu momento decisivo com as revoluções citadas acima. Na “roda das cadeiras”, a burguesia

estava ao lado deles para lutar por um espaço democrático. No entanto, como se tratavam de uma ‘baixa nobreza’, que vivia às custas de uma realeza que nem sempre os favorecia, se uniram ao mais humildes para alcançar seus objetivos.

Ao contrário de seus convivas. A ‘baixa nobreza’ era constituída por pequenos produtores donos de terras, que produziam uma diversidade de produtos agrícolas. Atendiam interesses da nobreza no trato de atendimento dos produtos mais refinados que manifestava a opulência e o poderio de um determinado reino.

Essa burguesia emergente vai virar jogo. E como vimos virou. Existia uma estratificação grande de artesãos e artífices, alguns tinham seus próprios negócios e outros eram prestadores de serviços bem pontuais. Como os ferreiros, ourives, escultores, pintores, as vezes era normal o artesão possui mais de uma arte. No entanto, dependendo da região e cidade era provável encontrar outros mestres de obra.

De acordo com Weber, com a formação das cidades, haviam cidades especializadas no comercio e outras na produção de determinados produtos. Assim, nas cidades de produtores eram locais onde havia uma estratificação maior de produtores, como por exemplo, os artífices do couro. Tinham os criadores, os curtidores e os que trabalhavam na produção de produtos finais como: calçados, roupas, artigos de montaria, artigos de trabalho no campo, chapelaria e ainda artigos para utilidades domesticas de muitas utilidades.

Outra marca das transformações que foram basilares, foi o êxodo do campo para as cidades no processo de cerceamento de terras. Sejam por processo de dominação militar ou político, pequenos produtores foram expulsos de suas terras para as cidades, o que foi vetor de mudanças sociais complicas.

Epidemias, má alimentação, pobreza extrema, falta de saneamento entre outros problemas estruturais que atormentam as cidades até nos nossos dias. Esses problemas que por um lado resultou em mais espoliação e extração de mais valia. Por outro, coadunou com o processo de dominação e manutenção da estrutura de poder do capitalismo.

Neste sentido, as dificuldades de acesso aos direitos que a democracia garante sempre foi “um passo para a eternidade” quando falamos de atendimento público. A dificuldade está na contramão em saber do que temos direito e o que o Estado já não mais oferece na garantia e cumprimento deles. Esta atualização e mudança política de interesses tem permeado os últimos cem anos de história.

A sociologia clássica moderna já vem se deparar em um processo difícil de mudanças rápidas e incisivas nos processos sociais, políticos, históricos e econômicos. Neste ponto, a tecnologia fez toda a diferença para a permanência da burguesia no poder.

Já com o processo de dominação primitivo na bagagem para poder investir em ferramentas e novas máquinas que pudessem acelerar a produção e com isso os lucros. Outro ponto que precisamos levar em consideração é o crescimento das populações nas cidades o que gerou a princípio uma confusão em sua estrutura, mas com a dinâmica política no atendimento de interesses econômicos inclusive, as cidades foram se reorganizando gradualmente.

O século XX trouxe mudanças cada vez mais rápida, principalmente depois das duas Grandes Guerras. A tecnologia que antes era a promessa de resolução das angustias humanas, se tornou a marca da desgraça da civilização. As Guerras Mundiais nos trouxeram além das mortes de milhares de pessoas, o amadurecimento tecnológico superior aos últimos 250 anos de história.

Então passaremos para o segundo, que se tornou o centro da pesquisa de fato, a princípio, neste capítulo, era uma tentativa de trazer uma classificação para este trabalhador. Só que mesmo procurando bastante, o mundo da informalidade é bastante amplo, volátil, e em transformação.

A busca foi incansável. Ao ponto de procurar no Congresso de Sociologia de Trabalho que ocorreu na USP. Lá ouvi uma frase logo na abertura que me chamou muito atenção: “As propostas de trabalho estavam muito localizadas nas situações locais, esquecendo que é preciso dar continuidade às grandes teorias”.

Sim! Era verdade. A maioria dos trabalhos que estavam sendo apresentados ali realmente eram sobre situações adversas de seus locais de origem. Foi muito enriquecedor a experiência em ouvir todas as sessões e inclusive a oportunidade de ver e falar com o Prof. Ricardo Antunes.

No sentido da cobrança do Congresso de Sociologia do Trabalho, estava pensando que não poderia abandonar autores que falassem, mesmo que pouco sobre o assunto do mercado informal. Neste ponto ainda não tinha resolvido o problema do “artesanato”. Muitos já haviam me falado que não tinha como ser se seguisse o formato clássico da sociologia.

Bom, mas mesmo preso a uma engenharia de produto, onde se tem preso a um projeto predefinido por outros do início ao fim do produto, ainda conseguia ver seu

poder de criação em peças em falta no mercado e ainda na adaptação de outras que ninguém poderia imaginar que funcionaria. Por outro lado, vendo o técnico como exército de reserva que um dia esteve trabalhando de maneira formal, é interessante os ver para onde foram.

Parece que estes trabalhadores só existem quando são funcionários de grandes empresas, e quando saem delas ficamos sem saber para onde foram, o que fazem para continuar sobrevivendo, enfim desaparecem. Outros autores que vão para a informalidade, mas de que forma? Existe hoje um número enorme de tipos de contratos de serviços: por tempo indeterminado, com CLT ou com Estatuto, por tempo determinado, por produção, por temporada, com direitos proporcionais, sem direitos proporcionais, prestadores de serviços autônomos, e por aí vai, de acordo com o freguês.

Outro problema a ser resolvido era a relação da prática com a técnica que não estava ainda claro. Depois que consegui ter acesso aos volumes do Álvaro Oliveira Pinto sobre O conceito de Tecnologia foi que passou a fazer mais sentido a forma como apresenta a relação entre as duas coisas.

Por outro lado, em decorrência dos localismos configurada no redimensionamento moderno da nova divisão do trabalho, há muitas especificidades que contrasta com a teoria, necessitando de ajustes de forma a retomar algumas leituras e ainda pensar em como nomear um indivíduo que não se encaixa perfeitamente no que já estava produzido na sociologia do trabalho vigente. Quem mais se aproximou foi Antunes no segundo volume de seu Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil. Quando mais especificamente sobre esta setorização de prestadores de serviços de toda ordem.

No entanto ele está inserido em algo maior, os processos globalização da economia e sistemas produtivos em rede. Procuramos localizar como ele saiu do chão de fábrica remontado este processo que pode aparentar ser simples mas ocorreu de forma rápida se compararmos com outras transformações sociais que levaram séculos para se estabelecer.

Em segundo lugar, não estão e nunca estiveram desconexos da parte mais ampla do contexto econômico. Até porque com a nova reestruturação do trabalho já estavam solidificadas com arcabouço de conhecimentos básicos para dar continuidade a muitos processos produtivos individualmente. A saída deles de dentro da fábrica foi para diminuir os custos de produção, o que resultou na diminuição de direitos trabalhistas na

contrapartida dos próprios trabalhadores assumirem altos riscos econômicos em nome de uma autonomia de desenvolver o seu trabalho em casa.

Ser empreendedor está em nova roupagem neste momento em que ele se acha ‘livre’. Na verdade, continuam submissos às demandas de consumo e com isso tem que dar conta de fornecer o seu melhor em produtos e serviços mesmo sem ter fornecedores comprometidos.

Na discussão que levantamos no capítulo 2 entre Weber que entende que “A técnica e a práxis geram uma legitimação no trabalho do artesão”, refutado por Ortiz que entende que o trabalho e a práxis asseguram a reprodução social e a autenticidade do trabalhador como sustentáculo na família.

Por isto que Oliveira Pinto (2005), estabelece uma ligação mais homogênea para a compreensão do fenômeno que é o epicentro deste trabalho. Nesta relação há uma dialética entre o indivíduo, a técnica e a natureza, que resultam em cultura. A legitimação só ocorre depois que o indivíduo adquiri experiência. É nessa contramão que o mercado de trabalho vive.

É importante ter trabalhadores novos, pois aguentam longas jornadas de trabalho sem muito questionar, por outro lado são inexperientes, e as vezes custam muito caro. O mercado faz de tudo para diminuir seus custos com pessoal, seja demitindo as mulheres em idades reprodutivas, ou seja, absorvendo os menores para exercerem atividades que demandam um profissional.

Sendo assim, um profissional custa muito caro. As demandas em salários e impostos, cobranças dos sindicatos e a própria consolidação das leis trabalhistas o tornaram um objeto ao mesmo tempo valorizado e desempregado. Por se transformar em um indivíduo mais consciente na forma de classe (na compreensão marxiana), ele começa a liderar os movimentos de greve e a conturbar a administração da produção. Tem seu valor em desempenhar seus serviços da melhor maneira, mas mina as cabeças e corações com a ideia de cobrar os direitos.

A reação foi pronta do sistema: “serás um microempresário!”. A ideia se tornou muito mais convincente de uns anos para cá principalmente com o movimento de privatização que muitos estados adotaram e com eles os planos de demissão. O que polarizou o paradeiro de muitos trabalhadores de diversas instituições após o processo de demissão estruturada.

Neste ponto não poderia deixar de localizar na região os construtos teóricos que balizam nossa realidade manauara. Sobre como a exploração acontece no Polo

Industrial de Manaus e na Zona Franca, vários autores estiveram trabalhando numa leitura profunda, mas no mercado formal de trabalho. Pinto (1987) e Silva (1999) a multifacetada realidade que constitui a Amazônia. Não apenas do ponto de vista cultural, mas ainda nos aspectos sociais constitutivos que a formam e a consolidam. Outrossim, nossas especificidades necessitam de uma adaptação teórica para ver a situação local para que seja feita a análise e o instrumento teórico dê contas desta realidade.

Vale (2007), com a produção *offshore* ampliou a visão do processo histórico que se iniciou em 1969. De forma a dar conta localmente no processo de formação de redes empresariais em Manaus. Nisto nossas localidades inspiram olhares cuidadosos no tratar teórico, que ultrapassam as grandes teorias. Neste ponto, os estudos locais têm seu valor teórico desde que não se percam as teorias norteadoras do campo.

Obviamente se fez necessário percorrer este caminho para entender o produto das relações políticas, econômicas e sociais que vivem no mercado informal em nossa cidade. Este processo começou um pouco antes da década de 1960, mas ecoava e inspirava estudo.

Como todo processo de implantação teve seu tempo áureo que durou algum tempo, uns vinte anos. Em nossos dias, as crises econômicas cíclicas que o capitalismo vem passando está mudando o formato e estamos passando por transformações profundas do que foi a Zona Franca e Polo Industrial um dia. Demissões sumarias, empresas que foram embora da cidade, e ainda o prolongamento de sua existência, tem formado uma grande discussão sobre o futuro e as perspectivas que poderão substituí-la caso este projeto se torne ultrapassado e inviável. Nada está definido e vamos precisar de mais um tempo para ver o resultado destas transformações.

Com Ricardo Antunes, o setor informal ganha muito mais vida e exuberância em suas poliformes apresentações no mercado. Formando um complexo de liofilização em que o trabalho perde a centralidade do trabalho abstrato, e se converte em trabalho social. Essa massa de trabalhadores está em contínua formação combinado com os avanços tecnológicos-informacionais-digital.

O miolo da pesquisa propriamente dita, apresentamos os técnicos eletrônicos em sua distribuição e localização. Nos concentramos em estudar o setor de reparos e manutenção de produtos eletrônicos no âmbito da produção industrial de Manaus como fator estrutural de parte do trabalho informal.

Neste capítulo, ao observar um trabalhador que esteve no Distrito no início do processo e outro que está acompanhando apenas vemos que o trabalho manual de técnico na forma de como foi o processo de implantação em Manaus e na estruturação do conhecimento, permanece como um grande aliado no desenvolvimento de mais valia.

Mesmo sendo de gerações completamente diferentes os dois presenciaram grandes transformações no mercado de trabalho. O acesso ao conhecimento deixou de ser um procedimento meramente informal, pois o mercado exige cada vez mais certificação, para além da experiência.

Analisar suas histórias de vida vimos uma parte do movimento dialético que a região vive, pois das transformações e inserções de novas tecnologias estamos em absorção delas sempre. Desde as primeiras TV's de caixa de madeira, para a inserção plástica que trouxe consigo toda uma linha de produtos com uma nova dinâmica técnica, estas mudanças parecem que foram muito rápidas para os poucos anos de implantação do PIM e ZF.

Com este cenário poliforme de reestruturação produtiva vemos conceito de artesão em transformação pois ao mesmo tempo que se ampliou continua se recriando e se especializando o tempo todo. Por isto, este capítulo rendeu mais um o quarto. Este indivíduo é partícipe de uma indústria que nasceu dos resíduos, a de reciclagem, mas o seu trato como funcionário ainda permanece como prestador de serviços. Até porque o cenário que temos o mercado já não está contratando como já foi um dia.

Neste sentido, uma nova indústria vem com o pensamento de resgate de materiais primas que estão a beira do desaparecimento na natureza e com a missão de fazer o trabalho de remanufatura para separar o que ainda pode ser reaproveitado em novos produtos. Por outro lado, vem a demanda de conservação da natureza sob pena de não termos mais o que passar para as gerações futuras.

Este trabalho de desmontagem e separação do que pode ser reaproveitado se iniciou dentro do chão de fábrica. Quando no processo de produção os defeitos superavam as expectativas de produtos produzidos, os técnicos desmontavam os produtos e separavam as peças em bom estado para retornarem ao processo produtivo.

Aqui neste ponto, reafirmamos o que foi exposto através de Bourdieu quando explica sobre o *habitus*, o fazer está antes de tudo num contínuo de técnica, que leva a tentativa e ao erro e ao acerto e após várias tentativas já com a experiência ocorre a

legitimação do que se faz. Isto implica em um conhecimento que é absorvido e reformulado com a experimentação.

Logo, neste processo de reconstrução do conhecimento estamos na miríade de não permanecermos parados quando se fala em trabalho da mesma forma que falamos da possibilidade de permanecermos empregáveis. E por fim, o artesanato está na forma única em que se apresenta o trabalho e deixa a sua marca registrada.

## REFERÊNCIAS

---

ALMEIDA, Fábio de Oliveira. **Profissionalismo médico paulista e reforma na saúde adhemarista**. EduFScar. São Paulo. 2013.

ALVES, M<sup>a</sup> Aparecida e TAVARES, M<sup>a</sup> Augusta. A dupla face da informalidade do trabalho: “autonomia” ou precarização. In Antunes, Ricardo (org.). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2006 (p.425-444).

ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado Absolutista**. Coleção: Biblioteca das Ciências do Homem/História/3. Tradução de Telma Costa. Edições Afrontamento. Porto. 1984.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. 8<sup>o</sup> edição. Editora da Unicamp. São Paulo. 2002

\_\_\_\_\_. **Os Sentidos do Trabalho:** ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2º Ed. Revisada e ampliada. Ed. Boitempo. São Paulo. 2010.

\_\_\_\_\_. Organizador. **A dialética do trabalho.** Escritos de Marx e Engels. 1ª edição. Editora Popular. São Paulo. 2004

\_\_\_\_\_. Organizador. **Riqueza e Miséria do Trabalho.** Boitempo. São Paulo. 2006

\_\_\_\_\_. Organizador. **Riqueza e Miséria do Trabalho II.** 1º Ed. Boitempo. São Paulo. 2013.

\_\_\_\_\_. Organizador. **Dialética do Trabalho** – Escritos de Marx e Engels. 1ª Edição. Editora Expressão Popular. São Paulo. 2004.

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana.** Tradução: Roberto Raposo. 10º edição. Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária. 2008

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas** – As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Tradução: Agatha Bacelar. Editora da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro. 2008. Título original: The social life of things: commodities in cultural perspective.

BARAN, Paul e SWEEZY, Paul. **El capital monopolista:** ensaio sobre a ordem econômica e social de Estados Unidos. 17º Ed. Tradução: Arminda Chávez de Yáñez. Ed. Siglo Veintiuno Argentina Editores. 1972. Texto original: Monopoly Capital, an essay on the american economic and social order.

BERMAN, Marshall. **Aventuras no marxismo.** Tradução de Sonia Moreira. Companhia das Letras. São Paulo. 2001. Título original: Adventures in marxism.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico.* Ed. Bertrand S/A. Rio de Janeiro. 1989.

CAMPOS, Jayme de Oliveira e Organizadores. **Gestão de resíduos:** valorização e participação. UNESP, Rio Claro: LPM/IGCE. 2005

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede.** A era da informação: economia, sociedade e cultura; Tradução: Roneide Venancio Majer. 4º Edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1999. Tradução de : The rise of the network society vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999 (cap.3: p. 173-221)

CATTANI, Antonio David e HOLZMANN, Lorena [orgs.]. **Dicionário de trabalho e tecnologia.** 2ª edição revisada e ampliada. Editora Zouk. Porto Alegre. 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Filosofia.** Volume único. Ensino médio. 1. Reimpressão. 1. Ed. Editora Ática. São Paulo. 2010.

DOBB, Maurice. **A Evolução do Capitalismo.** Tradução: Affonso Blacheyre. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1965. Título original: Studies in the Development of Capitalism.

DOWBOR, Ladislau [et al] organizadores. **Desafios do Trabalho**. Ed. Vozes. Rio de Janeiro. 2004.

DUPAS, Gilberto. **Economia Global e Exclusão Social: Pobreza, Emprego, Estado e o Futuro do Capitalismo**. Editora Paz e Terra. São Paulo. 1999.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. Tradução: Eduardo Brandão. 3ª Edição. Martins Fontes. São Paulo. 2008. Título Original: *De La Division du Travail social*.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário eletrônico século XXI**. 2009.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**. Annablume. São Paulo. 2008.

\_\_\_\_\_. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Annablume. São Paulo. 2011.

FREITAS, Marcílio de e SILVA, Marilene Corrêa da. **Estudos da Amazônia Contemporânea: dimensões da globalização**. EDUA. Amazonas. 2000.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. Companhia das Letras. São Paulo. 2007

GAUDEMAR, Jean-Paul. **Conceito marxista de mobilidade do trabalho**. In.: Mobilidade do trabalho e acumulação do capital. Editorial Estampa. Lisboa/Portugal.1977

GORZ, André. **Crítica da Divisão do Trabalho**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. 3º Ed. Martins Fontes. São Paulo. 1996 Título original: *Critique de La Division Du Travail*

GRINT, Keith. **O que é o trabalho**. In *Sociologia do Trabalho*. Tradução: Mônica Pinto. Coleção Sociedade e Organizações. Lisboa: Instituto Piaget .1998. Tradução de: The sociology of work

GROS, Denise Barbosa. Tese de Doutorado: **Institutos Liberais e Neoliberalismo no Brasil da Nova República**. Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser. Porto Alegre. 2003.

HARNECKER, Marta. **Conceitos Elementares do Materialismo Histórico**. Editora Global. São Paulo. 2001.

HOBBSBAWM, E. J. **A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991**. Tradução de Marcos Santarrita. Companhia das Letras. São Paulo. 1995 Título original: *Age of Extremes: the short twentieth century: 1914/1991*.

\_\_\_\_\_. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. Tradução de José Viegas. Companhia das Letras. São Paulo. 2007. Título Original: Globalisation, democracy and terrorism.

IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. 4º Edição. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1997.

\_\_\_\_\_. **A Sociedade Global**. 13º Edição. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Tradução: Tânia Pellegrini. São Paulo. Editora Papirus. 1989. Tradução de : La pensée sauvage

MACHADO, Lucília R. de Souza. **Educação e Divisão Social do Trabalho** (Contribuição para o estudo do ensino técnico industrial brasileiro). Coleção educação contemporânea. Autores Associados. Editora Cortez. São Paulo. 1982.

MALAGUITI, Manoel Luiz. **Crítica à Razão Informal**: A imaterialidade do salariado. Editora Bointempo/EDUFES. São Paulo. 2000

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. 3ª Ed. Tradução de Giasone Rebuá. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1969. Título Original: One-Dimensional Man. Studies in the Ideology of Advanced Industrial Society.

MARX, Carlos. **El Capital**. Crítica de La Economía Política. 13ª Reimpressão. Vol III. Editora Fondo de Cultura Economica. México. 1978.

MARX, Karl. **O Capital – Crítica da Economia Política**. Tomo I, Prefácio, Capítulos de I a XII. Tradução: Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo. Editora Nova Cultural. 1996. Tradução de: Value, Price and Profit; Das Kapital -Kritik der Politischen konomie.

\_\_\_\_\_. **Teorias da mais-valia**. História Crítica do Pensamento Econômico. (Livro 4 de O Capital). Vol III. Tradução Reginaldo Sant’Anna. Editora Difel - Difusão Editorial S.A. São Paulo.1980-1985.

\_\_\_\_\_. **Elementos Fundamentais para La Crítica de La Economia Política**. Borrador 1857-1858. Vol. 1. 10ª Edição. Tradução Pedro Scaron. Siglo Veintiuno Editores. México. 1978.

MICHALET, Charles-Albert. **O que é a mundialização ?** Pequeno tratado para uso dos que ainda não sabem se devem ser a favor ou contra. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. Edições Loyola. São Paulo. 2003. Título Original Qu’est que La Mondialisation ?

MIGUEZ, Eduardo Correia. **Logística reversa como solução para o problema do lixo eletrônico: benefícios ambientais e financeiros**. Rio de Janeiro. Qualitymark. 2012

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Elogio do lixo** (Artesanato popular). Imprensa Oficial. Manaus. 1986.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica da razão dualista: o onitorrinco**. 1. Ed. 4<sup>o</sup> reimpressão. Boitempo. São Paulo. 2013.

ORTIZ, Renato. **A Escola de Frankfurt e a questão de Cultura**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, S.P. V.1. Anpocs, 1986.

\_\_\_\_\_. **Um Outro Território**. Ensaios sobre a mundialização. Olho D'água. São Paulo. 1996.

\_\_\_\_\_. **Mundialização e Cultura**. Brasiliense. São Paulo. 2000.

PEREIRA, João Márcio Mendes. **O Banco Mundial como ator político, intelectual e financeiro (1944-2008)**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2010.

PINTO, Álvaro Oliveira. **O Conceito de Tecnologia**. Volume 1 e 2. Editora Contraponto. Rio de Janeiro. 2005.

PINTO, Renan Freitas. **Como se produzem as Zonas Francas**. IN: Trabalho e Produção Capitalista. Revista do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA. Série Seminários e Debates n. 13. UFPA/NAEA. Pará. 1987.

SANCHEZ VASQUES, Adolfo. **Filosofia da Práxis**. 1<sup>a</sup> ed. Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales – CLACSO; Expressão popular. São Paulo. 2007.

SASSEN, Saskia. **Sociologia da Globalização**. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. Artmed. São Paulo. 2010 Título Original: *The Sociology of Globalization*.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia Clássica: Durkheim, Marx e Weber**. 4<sup>a</sup> edição. Editora Univale. Itajaí. 2002.

SENNETT, Richard. **O Artífice**. Tradução de Clóvis Marques. Editora Record. Rio de Janeiro e São Paulo. 2009 Título original: *The craftsman*.

\_\_\_\_\_. **A Corrosão do Caráter**. Tradução de Marcos Santarrita. 14<sup>a</sup> edição. Editora Record Ltda. Rio de Janeiro. 2009 Título original: *The corrosion of character*.

SERÁFICO, Marcelo. **Globalização e empresariado: estudo sobre a Zona Franca de Manaus**. Annablume. São Paulo. 2011.

SILVA, Marilene Corrêa da. **Metamorfoses da Amazônia**. EDUA. Amazonas. 1999.

VALLE, Izabel. **Globalização e reestruturação: um estudo sobre a produção *offshore* em Manaus**. EDUA. Amazonas. 2007.

VASAPOLLO, Luciano. **O Trabalho Atípico e a Precariedade**. Coleção Trabalho e Emancipação. Tradução: Maria de Jesus Brito Leite. Editora Expressão Popular. São Paulo. 2005. Título original: Lavoro atipico e a precarietà.

VÉRAS, Luciana Soares. **Os Resíduos de Equipamentos Eletro-Eletrônicos (REEE) e suas Resignificações nas Lan-Houses do Santa Etelvina/Manaus**. Trabalho de Graduação. (Bacharelado em Ciências Sociais). Departamento de Ciências Sociais – DCIS. Universidade Federal do Amazonas. 2010.

WACQUANT, Loic. “A penalização da miséria e o avanço do neoliberalismo”. In: **Além da Fábrica**. SP, Boitempo. Pp 72-88. 2003

WEBER, Max. **A objetividade do conhecimento nas ciências sociais**. In: Coleção Grandes Cientistas Sociais. Vol. 13. Organizado: Gabriel Cohn e Florestan Fernandes. Traduzido por: Amélia e Gabriel Cohn. Editora Ática. 7ª Edição. 2003. São Paulo. Traduzido de: W e b e r , M. “Die ‘Objektivität’ Sozialwissenschaftlicher und Sozialpolitischer Erkenntnis.” In: *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre*. 4. edição, organizada e revista por Johannes Winkelmann. Tübingen, J.C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1973. p. 161-214.

\_\_\_\_\_. **A ética protestante e o espírito capitalismo**. Tradução: M. Irene de Q. F. Szmrecsányi. 1ª reimpressão da 2ª edição. Pioneira Thomson Learning. 2003. Tradução de: *Die protestantische Ethik Und Der Geits Des Kapitalismus*.

\_\_\_\_\_. **Economia Y Sociedad**. Esbozo de sociologia comprensiva. Tradução Edina Echavarría, Juan Roura Parella, Eugenio Ímaz, Eduardo García Máñez y José Ferrater Mora. Editora Fondo de Cultura Economica. México. 1984.

\_\_\_\_\_. **História Geral da Economia**. Tradução: Calógeras A. Pajuaba. Editora Mestre Jou. São Paulo. 1968. Título original: *Wirtschaftsgeschichte*.